

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Mestrado em História

SOLANO LOPEZ E DUQUE DE CAXIAS NOS DISCURSOS
HISTORIOGRÁFICOS BRASILEIROS SOBRE A GUERRA
DO PARAGUAI (1893-2003)

VASSOURAS
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FABIANA LUIZA DA SILVA

SOLANO LOPÉZ E DUQUE DE CAXIAS NOS DISCURSOS
HISTORIOGRÁFICOS BRASILEIROS SOBRE A GUERRA
DO PARAGUAI (1893-2003)

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Severino Sombra como
Requisito à obtenção do título de
Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Scheidt

VASSOURAS
2010

UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA
Mestrado em História Social

Fabiana Luiza da Silva

SOLANO LOPÉZ E DUQUE DE CAXIAS NA
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA SOBRE A GUERRA
DO PARAGUAI (1893-2003)

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo Scheidt (USS)

Prof.^a Dr.^a Ana Maria da Silva Moura (USS)

Prof.^a Dr.^a Stella Maris Scatena Franco Vilaradaga (UNIFESP)

VASSOURAS
2010

AGRADECIMENTOS

Seja no contato diário, seja no esporádico, várias pessoas fizeram parte de minha vida, no decorrer de minha trajetória no mestrado. Inicialmente, registro o meu carinho à minha família e à compreensão da mesma para com as minhas constantes ausências.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Scheidt o qual, desde a graduação, me fez crer que era possível seguir em frente com o aprofundamento do tema de minha monografia, principalmente, por não ter aceitado a possibilidade de minha desistência, quando eu já estava no mestrado.

Aos demais professores através dos quais, recebi diferentes e ricas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas. Com eles, partilhei experiências, sejam elas acadêmicas, no decorrer das aulas ou de descontração nos intervalos das mesmas, sem contar as aflições partilhadas por e-mail ou telefone. Enfim, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, me ajudaram na concretização desta importante etapa de minha vida.

À minha, inesquecível, vovó Eurídice.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo analisar os discursos historiográficos brasileiros produzidos entre os anos de 1893 e 2003. Nestes, buscamos as descrições sobre o presidente paraguaio Francisco Solano López e Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias. A historiografia brasileira do confronto está dividida em: tradicional, revisionista e contemporânea. A cada uma delas, será dedicado um capítulo desta dissertação. Além disso, discutiremos sobre a influência destas correntes historiográficas nos livros didáticos produzidos no final do século XX e início do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai, historiografia brasileira, Solano López, Duque de Caxias

ABSTRACT

This work has as main objective to analyze the Brazilian historiographical discourses produced between 1893 and 2003. In these, we seek the descriptions on the Paraguayan president Francisco Solano Lopez and Luis Alves de Lima e Silva, later Duke of Caxias. The historiography of the confrontation is divided into: traditional, revisionist and contemporary. For each of them will be dedicated a chapter of this dissertation. Furthermore, we discuss the influence of these historiographical trends in the textbooks produced in the late twentieth and early twenty-first century.

KEYWORDS: war of Paraguay, historiography, Solano Lopez, Duque de Caxias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I: A GUERRA DO PARAGUAI E A HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL BRASILEIRA.....	26
1.1 A Guerra do Paraguai (1865-1870).....	26
1.2 A importância do IHGB para a historiografia tradicional brasileira.....	27
1.3 A obra de Visconde de Ouro Preto: relato republicano com os pés na monarquia..	28
1.4 A Guerra do Paraguai segundo o General Bernardino Bormann.....	31
1.5 Utilizando López para incriminar López.....	35
1.6 Resistências ao revisionismo paraguaio.....	38
1.7 General Fragoso e seu clássico sobre a Guerra da Tríplice Aliança.....	44
1.8 Afonso de Carvalho: o biógrafo de Caxias.....	50
CAPÍTULO II: A HISTORIOGRAFIA REVISIONISTA BRASILEIRA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI.....	54
2.1 Julio José Chiavenatto: uma referência.....	54
2.1.1 Seguindo os passos de Leon Pómer.....	54
2.1.2 López e Caxias: atores de um genocídio.....	58
2.1.3 “Injustiças” a um presidente.....	62
2.1.4 O jeito “Caxias” de se fazer a guerra.....	67
2.2 Revisionismo, López e Caxias: uma síntese.....	71
CAPÍTULO III: A HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI.....	73
3.1 Caxias e a inclusão excludente.....	74
3.1.1 Vantagens limitadas.....	77

3.2	Ímpeto aliado, resistência paraguaia.....	83
3.2.1	<i>López: entre “tramas” e “traições”</i>	89
3.3	A Academia e os novos consensos sobre a Guerra do Paraguai.....	98
CAPÍTULO IV: LÓPEZ, CAXIAS, GUERRA DO PARAGUAI: UMA VISITA AOS LIVROSDIDÁTICOS BRASILEIROS.....		105
4.1	A <i>La Chiavenatto</i>	106
4.1.1	López e Caxias segundo Elza Nadai e Joana Neves.....	105
4.1.2	SCHIMIDT 1997: a permanência do revisionismo.....	108
4.2	A Historiografia da interseção.....	113
4.2.1	Posicionamento revisionista, prática contemporânea.....	113
4.2.2	A Guerra do Paraguai para iniciantes.....	118
4.2.3	Pelos temores do Império brasileiro.....	121
CONCLUSÃO.....		128
ANEXO.....		139
BIBLIOGRAFIA.....		142

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar obras brasileiras sobre a Guerra do Paraguai (1865-1870), especificamente, os discursos historiográficos sobre o então presidente deste país e comandante das tropas paraguaias durante a guerra, Francisco Solano López e o brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, posteriormente, Duque de Caxias, no período descrito no título.

O recorte temporal é extenso e abrange vários períodos desde o declínio do Segundo Reinado, a ascensão da República, a ditadura militar e os dias atuais. Sendo assim, ressaltar estes momentos nos quais foram produzidas as obras a serem analisadas significa respeitar a influência das especificidades destes períodos sobre os posicionamentos dos autores os quais, apontaremos mais adiante. Isto, para se chegar à compreensão de como foram possíveis as variações das narrativas sobre López e Caxias. Logo, o espaço de tempo selecionado deriva da preocupação em ressaltar as diferentes condições de possibilidade para os discursos a serem analisados.

Diante do fato de que muito já foi escrito sobre estes personagens e sobre a guerra, esta pesquisa se justifica pela necessidade de se refletir sobre as lacunas existentes nos estudos sobre os mesmos. Isto porque, na maior parte dos casos, as análises feitas se dão de forma isolada, onde cada um destes é confinado nas descrições sobre os lados que ocuparam.

Por isso, esperamos contribuir com este debate propondo não uma discussão sobre a validade de suas ações propriamente ditas, mas, instituindo um esforço de reflexão sobre as implicações das descrições das mesmas, seja, por exemplo, como construtoras de personagens antagônicos na historiografia brasileira ou como criadoras de diferentes versões para a Guerra do Paraguai.

A problemática desta pesquisa está centrada na seguinte questão: Em que medida, os discursos historiográficos sobre Solano López e Duque de Caxias contribuíram não só para a caracterização dos mesmos, em determinada época, mas, para diferentes definições para a Guerra do Paraguai? Por isso, apresentamos a hipótese de que as descrições das trajetórias destes personagens e a criação de valores para os mesmos criaram, inclusive, diferentes “Guerras do Paraguai”.

Logo, desde os últimos anos do século XIX até meados do século XX, as escritas sobre ambos e sobre a guerra esteve voltada ao engrandecimento da participação de Caxias na mesma e à criação de um episódio militar do qual as próximas gerações deveriam, sempre, render homenagens.

Da década de 1960 até meados da década de 1980, os posicionamentos anteriores foram revisados e questionados. Nesse momento, Solano López passa da condição de “réu” à “vítima”, o que, no contexto da ditadura militar, significou uma forma de contestação à história escrita anteriormente, à medida que, a guerra passou a ser apresentada como um plano para a destruição do Paraguai posto em prática pelo Império brasileiro, Argentina e Uruguai com financiamento da Inglaterra.

A partir de 1990, a identificação dos culpados e dos inocentes deixou de ser o foco central dos pesquisadores os quais, passaram a cogitar fatores mais complexos para a explicação das condutas de López e Caxias, ao mesmo tempo em que situaram a Guerra do Paraguai como um momento de grande tensão no contexto de formação dos Estados nacionais na América do Sul.

A título de revisão historiográfica, é necessário dizer que, no meio acadêmico se tornou consenso estabelecer a seguinte divisão para o estudo da Guerra do Paraguai:

Escritas, principalmente, por militares, as obras ditas tradicionais sobre este confronto estão inseridas no contexto do final do século XIX até a metade do século XX. Para estes autores, o confronto fora causado pelo presidente paraguaio Francisco Solano López. Dentre os autores, podemos citar Augusto Tasso Fragoso¹ e Affonso de Carvalho².

O revisionismo, no Brasil, surge em meados da década de 1960 e dura cerca de vinte anos. É marcado por um contexto de ditaduras militares, na maior parte dos países da América Latina, inclusive, no Brasil. Segundo seus membros, a guerra fora fomentada pela Inglaterra, pois, esta não queria que o modelo de economia e desenvolvimento autônomos do Paraguai fosse copiado por outros países, prejudicando, dessa forma, sua influência no sul do continente. Como ícones desta historiografia é possível citar o historiador argentino Leon Pomer³ e o seu discípulo brasileiro, o

¹ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956.

² CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Vol 7-8. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938.

³ POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai – a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 1981.

jornalista Julio José Chiavenatto⁴.

As produções historiográficas realizadas a partir da década de 1990 até os dias atuais fazem parte da corrente historiográfica contemporânea. Estas obras primam por uma flexibilidade em suas abordagens, à medida que, rompem com muitas das idéias apresentadas pelas correntes anteriores. Trata a Guerra do Paraguai de forma menos restrita e superficial. Para tanto, seus membros se valem das pesquisas realizadas nos meios acadêmicos e de um exaustivo trabalho de análise de fontes. Para as abordagens mais recentes sobre a guerra, muito contribuíram os historiadores Ricardo Salles⁵ e Francisco Doratioto⁶.

No que diz respeito aos aspectos teóricos que norteiam esta pesquisa, buscamos a possibilidade de refletir sobre o posicionamento de Michel de Certeau⁷, segundo o qual, pensar a historiografia passa, necessariamente, pela compreensão daquilo que ele chama de “fantasmas”, ou seja, para ele, o historiador lida com aquilo que existiu algum dia e que ele faz aparecer novamente. Isso significa estabelecer um diálogo com o passado, reconhecendo que sua prática, agora, é de refletir, também, sobre aquilo que não foi trabalhado por seus pares.

Certeau realiza um trabalho de identificação das especificidades dos discursos históricos, em diferentes épocas. Por exemplo, a partir da análise sobre os séculos XVI e XVII, aponta uma escrita legitimadora do poder do rei e a elaboração de discursos que seriam favoráveis ao reconhecimento da autoridade monárquica. Os historiadores destes séculos, com este tipo de conduta, seriam técnicos a serviço do rei.

Aborda a questão da fragmentação das épocas, como atribuição da prática historiográfica. Com isso, surgiram: a Idade Média, a História Moderna e a História Contemporânea, por exemplo. Isto implica dizer que, “*cada tempo novo deu lugar a um discurso que considera ‘morto’ aquilo que o precedeu, recebendo um passado já marcado pelas rupturas anteriores.*”⁸

Identificamos a crença deste intelectual nas permanências entre diferentes tipos

⁴ CHIAVENATTO, Julio Jose. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

⁵ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

⁶ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁷ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

⁸ Ibidem. p.15.

de historiografia, conforme observamos no trecho a seguir.

“Porém, aquilo que esta nova compreensão do passado considera como não pertinente – dejetado criado pela seleção dos materiais, permanece negligenciado por uma explicação – apesar de tudo, retorna nas franjas do discurso ou nas suas falhas, “resistências”, “sobrevivências” ou atrasos perturbam, discretamente, a perfeita ordenação de um “progresso” ou de um sistema de interpretação. São lapsos na sintaxe construída pela lei de um lugar. Representam aí o retorno do recalçado, quer dizer, daquilo que num momento dado se tornou impensável para que uma identidade nova se tornasse pensável.”⁹

Tal posicionamento teórico pode ser usado para justificar o fato de que, no revisionismo, mesmo com toda a atenção voltada para a participação britânica, haveria persistido a busca pelos responsáveis pela guerra, o que, de certa forma, teria colocado López e Caxias em lados opostos na corrente tradicional. O que prevalece no pensamento revisionista seria, então, a inversão dos papéis. Desta forma, a culpa pelo ocorrido seria da Tríplice Aliança, “manipulada” pela Inglaterra.

Logo, este tipo de narrativa, de um modo geral, não fugiu muito ao que já havia sido feito, limitando-se, mais uma vez, ao discurso de caráter incriminatório. Isto significa que, não é prudente confiar numa total ruptura de pensamento entre as correntes historiográficas. Insistimos que, o elemento fundamental para identificação das possibilidades de mudança no pensamento historiográfico, passa, necessariamente, pela análise do contexto dos autores dos discursos.

“O real que se inscreve no discurso historiográfico provém das determinações de um lugar. Dependência com relação a um poder estabelecido em outra parte, domínio das técnicas concernentes às estratégias sociais, jogo com os símbolos e as referências que legitimam a autoridade diante do público são as relações efetivas que parecem caracterizar este lugar da escrita.”¹⁰

De certa forma, buscamos em Certeau o respaldo para articularmos os discursos produzidos sobre López e Caxias aos contextos nos quais estavam inseridos seus autores.

Enfim, desde a época em que apareceram as primeiras obras sobre a Guerra do

⁹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p.16.

¹⁰ Ibidem. p.21.

Paraguai, ou seja, ainda no século XIX até hoje, os diferentes discursos sobre este evento receberam formulações diferentes. Logo, dois de seus protagonistas não permaneceram imunes às variações destas narrativas. E, admitindo a existência não de uma Guerra do Paraguai, mas, de “Guerras do Paraguai” refletimos, nesse ínterim, sobre uma pluralidade de valores a serem defendidos e difundidos sobre a mesma, através das descrições destes personagens.

Sendo respeitadas as demarcações temporais das já citadas correntes historiográficas, as histórias sobre a Guerra do Paraguai apresentaram, ao longo de mais de um século, no Brasil, as seguintes características: no início, foram meramente descritivas, extremamente lisonjeiras aos oficiais brasileiros e implacáveis na acusação de Solano López. Na segunda metade do século XX sofreram uma reformulação que, desviou as atenções para a participação da Inglaterra no conflito e, a partir da década de 90 deste mesmo século até os dias atuais, passaram a apresentar discussões mais aprofundadas sobre a guerra e seus desdobramentos.

Para cumprir os objetivos estipulados para esta pesquisa, realizaremos a análise dos discursos selecionados, identificando as rupturas e as permanências entre as correntes historiográficas e dentro das mesmas. Isto significa que, nosso trabalho se dará no sentido de delimitar o lugar de fala de cada autor, assinalar o contexto que lhe autorizou a escrever de tal forma sobre López e Caxias, articular essas escritas com as escritas de seus pares e, a partir daí, relacioná-las com o que foi escrito em outras épocas.

Uma implicação para esta tarefa é a de realizar paralelamente a estas análises, uma abordagem comparativa entre as correntes historiográficas buscando extrair das mesmas os elementos que atestem as variações nas interpretações destinadas à própria Guerra do Paraguai. Desta forma, procederemos respeitando as especificidades de nossas fontes as quais, têm caráter intelectual, ou seja, visam informar sobre a Guerra do Paraguai e, de um modo geral, são vulgarizadas no estudo da historiografia sobre este confronto.

Entretanto, no processo de abordagem das mesmas, buscamos analisar em quais níveis se deram as tensões provocadas pelas interpretações feitas sobre Solano López e Duque de Caxias e como isto teria criado conceitos e valores para os mesmos e para a própria Guerra do Paraguai.

No primeiro capítulo situamos, brevemente, a Guerra do Paraguai. As análises propriamente ditas serão iniciadas com a obra do Visconde de Ouro Preto¹¹ o qual, escrevendo sobre a guerra nos primeiros anos da República, faz sua narrativa de modo a exaltar a postura do Império brasileiro na guerra e, conseqüentemente, de Caxias. As obras de José Bernardino Bormann¹² e Augusto Tasso Fragoso¹³, de um modo geral, seguem neste mesmo sentido.

A partir da obra de Visconde de Maracaju¹⁴, buscamos apontar a forma pela qual este autor criou um discurso desfavorável a López, a partir de uma carta escrita pelo próprio presidente paraguaio. Câmara Cascudo¹⁵ e Mário Barreto¹⁶ mostram sua indignação contra o culto ao nome de López realizado no Paraguai, ou seja, ao revisionismo paraguaio e, finalmente, Afonso de Carvalho¹⁷ faz de sua biografia de Luis Alves de Lima e Silva, um instrumento de veneração do comandante brasileiro e dos feitos do Império na guerra.

O segundo capítulo trata da corrente historiográfica revisionista a qual, tem como referências, o argentino León Pomer¹⁸ e o jornalista brasileiro Julio José Chiavenatto¹⁹. Em síntese, detalharemos como as obras destes, especialmente do último, contestaram a historiografia tradicional no que diz respeito às atuações de López e Caxias os quais, de certa forma, “trocam de lugar”, à medida que, López passa a ser considerado “vítima” da Tríplice Aliança cujo comando esteve, também, nas mãos de Caxias.

A historiografia brasileira contemporânea será discutida no terceiro capítulo no qual, analisaremos os livros *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do*

¹¹ OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueredo. Visconde de. *A Marinha D' Outrora*. Subsídios para a História. J. Leite, 1893.

¹² BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curitiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897.

¹³ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956.

¹⁴ MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay (1867 e 1868)*. Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922.

¹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927.

¹⁶ BARRETO, Mário. *A campanha Lopezguaya*. Rio de Janeiro: Jornal Português, 1933.

¹⁷ CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Vol 7-8. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938.

¹⁸ POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981.

¹⁹ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

*exército*²⁰ e *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*²¹ respectivamente, dos historiadores Ricardo Salles e Francisco Doratioto. As descrições de López e Caxias, nessas obras, serão analisadas a partir das ações destes personagens as quais, implicaram na manutenção da realidade social de seus respectivos países.

Os livros didáticos são importantes veículos para divulgação das narrativas sobre a Guerra do Paraguai, por isso, dedicamos o quarto capítulo à análise de exemplares brasileiros os quais, analisaremos objetivando a identificação das características das três correntes historiográficas com as quais trabalhamos. São elas: *História do Brasil: da Colônia à República*²² de Elza Nadai e Joana Neves, *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*²³, escrito por Mário Schimidt, *Viver a História*²⁴, de Cláudio Vicentino, *Para compreender a História*²⁵, cuja autoria é de Renato Mocellin e, finalmente, o livro *Por dentro da História*²⁶ de Pedro Santiago.

²⁰ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. Op. Cit.

²¹ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Op. Cit.

²² NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986. Op. Cit.

²³ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. Op. Cit.

²⁴ VICENTINO, Cláudio. *Viver a História*. Ensino Fundamental. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2002. Op. Cit.

²⁵ MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997. Op. Cit.

²⁶ SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história*. 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006. Op. Cit.

Capítulo I

A Guerra do Paraguai e a historiografia tradicional brasileira

1.1 *A Guerra do Paraguai (1865-1870)*

A Guerra Grande, da Tríplice Aliança ou, simplesmente, Guerra do Paraguai, foi o maior conflito ocorrido na América do Sul, no século XIX. Foi um combate de grandes proporções em todos os sentidos, tanto pelo contingente de recursos humanos que mobilizou, quanto do seu tempo de duração (1864-1870).

O início do conflito, oficialmente, data de 1865, porém, um ano antes, ocorrera a primeira ofensiva paraguaia contra o Império brasileiro. De um lado da guerra, estava a República do Paraguai, então, sob o comando de Francisco Solano López, do outro, a Tríplice Aliança, formada pelo Império brasileiro e as Repúblicas da Argentina e do Uruguai. Dentre o alto comando dos rivais do Paraguai esteve, a partir de determinado momento, Luís Alves de Lima e Silva o qual, durante a guerra, era marquês, porém, mais tarde, será agraciado com o título de duque.

O fato desencadeador da tensão na região platina e que, posteriormente, culminaria na guerra, fora a invasão paraguaia do Mato Grosso em 1864, como desdobramento de uma disputa territorial litigiosa que, mais tarde, se expandiu para a província argentina de *Corrientes* e para o Rio Grande do Sul. Contribuíram para esta tensão as disputas entre partidos políticos da Argentina e do Uruguai, o interesse do Império Brasileiro em manter, sem muitas alterações, a realidade deste último país e o fato de López desejar participar mais ativamente da política no Prata. Eis como Doratioto define a relação política do Império com a república de López:

“A política do Império do Brasil em relação ao Paraguai buscou alcançar três objetivos. O primeiro deles foi o de obter a livre navegação do rio Paraguai, de modo a garantir a comunicação marítimo fluvial da província do Mato Grosso com o restante do Brasil. O segundo objetivo foi o de buscar estabelecer um tratado delimitando as fronteiras com o país guarani, de modo a ratificar pelo direito internacional a expansão territorial brasileira ocorrida desde o período colonial. Por último, um objetivo permanente do Império até seu fim em 1889, foi o de procurar conter a influência argentina sobre o Paraguai, a partir da convicção de que Buenos

Aires ambicionava ser o centro de um Estado que abrangesse o território do antigo vice-reino do Prata, incorporando o Paraguai”.²⁷

A guerra terminou em 1870, com a morte do presidente paraguaio depois de um longo período de fuga e resistência e a vitória da Tríplice Aliança. A partir daí, o conflito recebeu diferentes interpretações. Na Academia, se tornou comum dividir a historiografia em três correntes: tradicional, revisionista e contemporânea²⁸ as quais, apresentamos na introdução.

1.2 A importância do IHGB para a historiografia tradicional brasileira

Segundo Lúcia Maria Paschoal Guimarães²⁹, nas duas primeiras décadas do século XX, como um desdobramento do sentimento de nacionalidade estimulado pela Primeira Guerra, começaram a surgir manifestações de civismo em várias partes do mundo. Uma destas situações foi a postura do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) ao realizar uma política de construção de um passado comum para o Brasil. Um exemplo disso foi a realização do I Congresso de História Nacional ou, simplesmente, I Congresso, que ocorreu entre os dias 7 e 14 de setembro de 1914. Os trabalhos apresentados deveriam tratar de momentos importantes da história brasileira, compreendidos entre 1500 - 1871³⁰.

Esta iniciativa fornece uma amostra do comportamento historiográfico europeu que, começava a fazer parte da realidade brasileira. Pode ser considerada uma

²⁷ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.471.

²⁸ As correntes se referem quase que exclusivamente à historiografia brasileira sobre a guerra. A historiografia paraguaia que, não é objeto da pesquisa, tem suas peculiaridades: por exemplo, há um “revisionismo” desde o início do séc. XX, que é distinto do revisionismo da historiografia brasileira dos anos 60 e 70, por ser conservador e construir uma imagem de “herói” para Solano López. Além disso, ao contrário da historiografia brasileira, o revisionismo paraguaio esteve ligado aos regimes autoritários e ditatoriais do Paraguai ao longo do século XX.

²⁹ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Circulação de saberes, sociabilidades e linhagens historiográficas: dois congressos de História Nacional (1914-1949)*. In: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p.22.

³⁰ Segundo Lúcia Maria Paschoal Guimarães, este recorte temporal foi estabelecido segundo preocupações do IHGB, tais como: a de não lidar com temas, então, recentes a fim de não evidenciar alguma espécie de envolvimento dos historiadores nos mesmos. Além disso, preferiram não fazer referência à queda da monarquia e à ascensão da República, provavelmente, pelo conservadorismo do qual era partidária a maior parte dos membros do Instituto.

influência daquele continente a utilização da história militar e diplomática. Eis um panorama no qual se inseriam os escritores da primeira corrente historiográfica sobre a Guerra do Paraguai.

“O temário de “História Militar” procurava definir os marcos cronológicos da gênese das forças armadas no Brasil. No caso do exército, fixaram-se as origens no século XVII, a propósito da restauração pernambucana, acontecimento que, aliás, andava na ordem do dia, visto que inspirava fortes sentimentos patrióticos. Para a Marinha tomou-se como referência a atuação da esquadra imperial nas lutas da independência, outro episódio que também despertava o amor-próprio nacional.”³¹

Para dar prosseguimento às discussões sobre a escrita da história do Brasil, foi realizado em abril de 1949, o IV Congresso que, dentre outros nomes, contou com a participação de escritores, tais como, Luís da Câmara Cascudo cuja obra também será analisada nesta pesquisa. Além disso, este apresentou uma dissertação sobre as invasões holandesas, intitulada *Geografia do Brasil Holandês*.³² Sobre Alfredo D’Escagnolle Taunay o qual, também escreveu sobre a Guerra do Paraguai, é possível dizer que, este fora um seguidor de Capistrano de Abreu, dedicando-se ao processo de desbravamento do interior brasileiro, através da obra das *História Geral das Bandeiras*³³.

1.3 A obra de Visconde de Ouro Preto: relato republicano com os pés na monarquia

A primeira obra que analisaremos será *Marinha D’ Outrora*³⁴, publicada antes mesmo que o novo regime de governo completasse um lustro de existência. Seu autor foi o último chefe do Gabinete da monarquia brasileira, um personagem importante nos momentos decisivos da crise imperial. Lançou um programa que, de um modo geral, tinha o objetivo de contemplar as insatisfações de uma parcela da, ainda recente, sociedade pós-abolicionista, sem, contudo, alterar o *status quo* estabelecido no contexto da escravidão.

³¹ GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Circulação de saberes, sociabilidades e linhagens historiográficas: dois congressos de História Nacional (1914-1949)*. In: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

³² *Geografia do Brasil Holandês*. Op.cit. p.174.

³³ *História Geral das Bandeiras*. Op.cit p.174.

³⁴ OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueredo. Visconde de. *A Marinha D’ Outrora*. Subsídios para a História. J. Leite, 1893.

“Ouro Preto partia da ideia da necessidade de fazer algumas reformas esperadas ansiosamente pelos importantes setores da nação, pois, se não fossem feitas dentro dos quadros do regime vigente, acabariam por se efetivar por meio de um movimento republicano. Não ousava, entretanto, propor a federação.”³⁵

A necessidade de apontarmos tais informações a respeito da atuação do Visconde de Ouro Preto, neste momento tão importante da história do Brasil, está no fato de defendermos a idéia de que, a escrita produzida num período em que a República dava seus primeiros passos trazia, inevitavelmente, as marcas do Império. No caso desta obra, inclusive, isto ocorre de maneira mais intensa, dados os aspectos conservadores da conduta do último ministro imperial apresentados anteriormente.

Sendo apresentadas as condições de existência desta obra dentro da historiografia tradicional, temos a base para a discussão acerca das descrições feitas sobre o presidente paraguaio Francisco Solano López e o comandante brasileiro Luís Alves de Lima e Silva. Os registros estão centrados na explicação das razões que teriam levado o líder supremo do povo guarani a declarar a guerra e à importância das primeiras medidas de Caxias à frente do comando aliado.

A primeira estratégia que identificamos na postura de Ouro Preto foi a de simplificar os argumentos de López para iniciar a guerra.

“Desde o início do seu governo, tratava o Marechal Francisco Solano López, presidente da República do Paraguai, de organizar com especial cuidado as forças militares, elevando-as a proporções superiores às dos demais Estados sul-americanos e aos recursos do próprio país, cujos destinos regia ditatorialmente. Estes aprestos bélicos, relativamente formidáveis, não poderiam ter outro intuito senão argumentar o poderio autocrata, não no Paraguai, que lhe obedecia cegamente, mas em detrimento dos povos vizinhos. Nenhum fato ou documento conhecido, porém, autorizava supor que tais preparativos se destinassem a uma guerra contra o Brasil, pois que as relações do Império com a República eram então pacíficas e amigas. Tudo faria crer, que tinham por objetivo a Confederação Argentina, talvez, com o fim de conquistar López a província de Corrientes.”³⁶

³⁵ COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: UNESP, 1999.

³⁶ OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueredo. Visconde de. *A Marinha D' Outrora. Subsídios para a História*. J. Leite, 1893. p.19.

Diante disso, podemos afirmar que, uma das posturas permitidas a um escritor desta época era a de estabelecer, ainda para os antecedentes da guerra, uma descrição que não despertasse algum tipo de hostilidade do leitor em relação aos aliados. Para dar suporte a tal argumento recorreremos, momentaneamente, às palavras de Ricardo Salles³⁷.

“O governo paraguaio poderia considerar – como de fato considerou – a conjuntura resultante do sucesso da intervenção militar brasileira no território oriental algo mais amplo que a mera deposição do governo blanco, hostil aos interesses brasileiros. A neutralização do Uruguai e o entendimento entre Brasil e Argentina isolavam completamente o governo paraguaio. Toda a ação brasileira no decorrer da crise uruguaia mostrava claramente uma crescente disposição do nosso governo em resolver suas pendências no Prata pela via militar. O temor paraguaio de se tornar o próximo alvo brasileiro parecia bastante razoável.”³⁸

Segundo Salles, não houve antes da ofensiva de López algo que merecesse deste uma atitude como a tomada por ele, em 1864, com o apresamento do navio brasileiro Marquês de Olinda. Porém, o que buscamos ressaltar, neste momento, é a postura de Ouro Preto em apresentar a ação de López como totalmente infundada, uma abordagem historiográfica que não estende as discussões sobre o pensamento do inimigo.

Outro caminho escolhido por Ouro Preto e que verificaremos em outras obras, foi o de dar forma ao “tirano”:

“A ilusão que nutria López é, ordinariamente, o erro de todos os tiranos. Consideram como prova de debilidade ou covardia a cordura e a quietação dos povos, que não raro apenas exprimem indiferentismo para com o que farão desaparecer num momento, se o quiserem. Não advertem aqueles a quem as grandezas do mando fascina que as mais vigorosas resistências e as sublevações mais temerosas, são as dos ânimos pacíficos e ordeiros, quando a paciência se lhes esgota e diurnidade, a violência da opressão, ou a ousadia do atentado lhes despertam a cólera.”³⁹

Percebemos que, ao mesmo tempo insufla a memória do Império, descreve o presidente paraguaio como um líder insensato que desconhecia o perigo para o qual ia de encontro e para o qual também arrastava o seu povo. Este é o López de Ouro Preto,

³⁷ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

³⁸ OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueredo. Visconde de. *A Marinha D' Outrora*. Subsídios para a História. J. Leite, 1893. p.53.

³⁹ *Ibidem*. p.28.

um homem que teria desafiado o Império, munido de tamanha ousadia e sem motivos justificáveis.

O comandante em chefe do exército, Luís Alves de Lima e Silva é descrito a partir do trabalho de reorganização dos corpos e da instrução e disciplina dos seus comandados. Encarregou-se da fortificação do acampamento de Tuyuty, com o levantamento de novas trincheiras e redutos. Quanto aos recursos bélicos, promoveu o aumento do calibre da artilharia, sem contar as mudanças feitas na cavalaria. Já do ponto de vista da infra-estrutura, realizou melhorias em sua base de operações, como por exemplo, ao estabelecer comunicações telegráficas, o aumento das provisões e, até mesmo, promovendo o aperfeiçoamento administrativo. Enfim, Caxias colocara as tropas em perfeitas condições para dar conta da guerra.

O ponto em comum entre as descrições de ambos os personagens, está relacionado aos preparativos para o combate. Embora o autor tenha dado finalidades distintas aos cuidados dos chefes beligerantes, as medidas por eles adotadas demonstram que, o embate não deveria entrar para a história como simples desdobramento de uma crise de países vizinhos.

Isto significa que, este é um dos primeiros momentos em que a Guerra do Paraguai começa a surgir como um confronto que não mais poderia ser desprezado por aqueles que tratassem da história do Império brasileiro, pois, a atenção destinada à conduta de López e Caxias, no que diz respeito aos preparativos da guerra, não só corresponde a uma das formas de descrevê-los antagonicamente, como também, define a importância do evento no momento em que esta obra é escrita.

1.4 A Guerra do Paraguai segundo o General Bernardino Bormann

Ainda no século XIX, foi escrita a *História da Guerra do Paraguay*⁴⁰ de autoria do Major Bernardino Bormann. Gaúcho de Porto Alegre, se destacou na vida militar atuando como liderança em um dos batalhões de Voluntários da Pátria. Atuava próximo a Caxias, do qual chegou a escrever uma biografia, posteriormente. Através deste contato, teve a oportunidade de se especializar no exterior em assuntos militares.

⁴⁰ BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curitiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897. Op. cit.

Para Bormann, assim como para os outros autores analisados ainda neste capítulo, eram motivos de grande reconhecimento todas as benesses que o referido comandante em chefe realizara, tão logo assumira a responsabilidade de liderar o exército em guerra. A primeira delas foi a sua total dedicação à saúde de seus soldados, à cura das enfermidades, principalmente, a do *Cólera Morbus* que causara tantas baixas quanto as armas de fogo.

Segundo este autor, antes mesmo de dar uma nova organização ao exército da Tríplice Aliança, Caxias teria se ocupado das condições físicas de seus soldados que, por se encontrarem em tão precárias condições, não poderiam cumprir com o seu dever maior, o de combater. Por isso, o general brasileiro “*começou uma série de providencias tendentes a melhorar as condições do pessoal, merecendo especial atenção os hospitais e enfermarias e a reorganização dos corpos d’ exército.*”⁴¹ Para Bormann, Caxias não queria que fosse feita economia dos recursos necessários à manutenção e reforço da tropa, estando atento a todas as carências da mesma. E, após descrever a fase de revitalização e reorganização do exército, Bormann exemplifica o que poderíamos chamar, grosso modo, de meticulosidade estratégica de Caxias.

“Da província argentina de Corrientes, como já sabe o leitor, o marechal López tinha muitas simpatias e verdadeiros aliados, lhe iam recursos de todo gênero pela ausência de vigilância naquele rio. Era intolerável a continuação de tão repreensível procedimento e, por isso, Caxias ordenou que uma divisão da esquadra de navios de pequeno calado, singrasse para o rio Paraná e ali cruzasse para evitar que o inimigo recebesse recursos da margem correntina.”⁴²

Pela análise deste fragmento, verificamos que este autor quisera ressaltar o fato de Caxias ter uma significativa noção das relações que seu inimigo tinha no Prata e, valendo-se de precioso conhecimento, tomou as atitudes que pudessem neutralizar ou, pelo menos, intimidar as ações de López.

Logo, o Caxias descrito por Bormann era o “herói” que, talvez, todas as nações gostariam de ter em sua história, um líder ativo e altivo, mas, que no caso de uma guerra, saberia agir com ponderação, checando as possibilidades de um eventual fracasso, seguindo adiante, somente após ter a total confiança na eficácia de seus planos e manobras.

⁴¹ BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curitiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897. p.9.

⁴²Ibidem. p.4.

Além de todos os adjetivos apresentados até o momento sobre Caxias, ganha destaque, nesta obra, o que poderíamos chamar de senso de abnegação do comandante brasileiro o qual, não teria medido esforços na execução de suas tarefas. De acordo com este discurso, “*era prodigiosa a atividade de Caxias. Ele parecia insensível à fadiga, sob o peso da responsabilidade do comando, apesar de assumi-lo depois de tantos erros, de tantas dificuldades criadas pela péssima direção da guerra.*”⁴³

Ao analisarmos as descrições feitas sobre López verificamos que, muitas das características atribuídas ao presidente paraguaio, se assemelhavam àquelas direcionadas a Caxias, mesmo sendo destacado o fato de que, para esta corrente historiográfica, o grande responsável pela guerra fora López. Dessa forma, ao mesmo tempo em que buscaremos os antagonismos que este autor evidenciou entre ambos, apontaremos alguns dos trechos do seu discurso sobre o inimigo que, poderiam, em alguns momentos, serem confundidos com aquilo que fora escrito sobre o comandante brasileiro. Eis a descrição de López: “*O Marechal concebia planos tenebrosos e os realizava paulatinamente e alguns ele executava com frieza glacial.*”⁴⁴

Ora, uma vez que os planos aos quais Bormann se refere, seriam os que atingiriam as tropas aliadas, não é de se estranhar o fato destes serem apresentados como tenebrosos. Além disso, o fato de tais estratégias serem postas em prática, com uma certa cautela, pode ser equiparado, também, à ponderação apresentada por Caxias, da qual tratamos anteriormente. Logo, a frieza na execução das investidas, não teria sido apenas uma prerrogativa de López. O importante, neste caso, é destacar que tal fato foi descrito pejorativamente, por ter sido verificado do outro lado das trincheiras.

Dentre as muitas atribuições negativas dadas a López nesta corrente historiográfica, a idéia de que, este estaria sendo vítima de uma conspiração arquitetada por seus comandados mais próximos e, inclusive, por pessoas de sua própria família, foi um dos aspectos que se tornaram comuns à caracterização do presidente guarani. Contudo, de forma especial, o autor que analisamos no momento a apresenta como uma possível estratégia, uma justificativa para os erros do presidente. Dessa forma, esta narrativa sobre López induz a crença de que, mais do que tentar se convencer e se consolar de seus insucessos, o presidente paraguaio estaria preocupado em transmitir à população paraguaia uma explicação que não colocasse o seu nome em descrédito.

⁴³BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguai, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curitiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897. p.5.

⁴⁴Ibidem. p. 8.

“Vendo que a sorte das armas cada vez lhe era mais adversa, e como se llobrigasse a visão da catástrofe em que teria mais tarde de pessoalmente desaparecer, parecia querer ainda conservar, até o último momento, no espírito do povo paraguaio, a convicção de que os seus revezes não eram devidos aos erros de suas concepções estratégicas, mas às traições dos seus.”⁴⁵

Nosso objetivo não é tecer especulações sobre o fato desta suposta mania de perseguição se sustentar ou não. Refletiremos, pois, sobre o fato deste autor ter classificado aquela atitude de López como sendo uma das características de um tirano, uma vez que, segundo ele, *“a força de imaginar traições, conspirações não tem muitas vezes o menor vislumbre da realidade; a força de pensar que elas são possíveis, os déspotas e tiranos acabam convencidos da existência delas.”*⁴⁶ Logo, entendemos que, seria de interesse deste autor reunir em sua obra, os argumentos que justificassem as acusações feitas a López.

A certeza demonstrada por Bormann, ao tratar a desconfiança de López como um fingimento, é um aspecto intrigante, pois, não é notada a preocupação em apontar argumentos que atestassem a procedência destas possíveis conspirações, pois, o autor se limita a classificar as suspeitas de López como delírios, taxativamente. Provavelmente, ao apresentar qualquer indício que confirmasse as traições, este autor estaria oferecendo em seu discurso uma possibilidade para defesa de López, criando assim, um paradoxo nesta corrente historiográfica que, por sua vez, se dedica à acusação do paraguaio. Por isso, descreve seu comportamento, dizendo: *“Agora ele vai fingir que se trata de uma vasta conspiração da qual faziam parte altos funcionários civis e militares da república, inclusive, pessoas de sua própria família, no intuito de depô-lo e até assassiná-lo.”*⁴⁷

Em contrapartida, podemos afirmar que, o indivíduo que ocupa altos cargos de comando e que está situado no topo de alguma hierarquia está sujeito às discordâncias, às resistências. Mas, esta postura de López é caracterizada como um fenômeno de natureza exclusivamente tirânica e, como dissemos há pouco, vai de encontro ao desejo de fazer do rival da Tríplice Aliança o único algoz daqueles que pereceram em combate.

Identificamos nos relatos de Bormann, a preocupação em apresentar os efeitos deste que seria um devaneio despótico de López e as implicações do mesmo para o seu

⁴⁵ BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curitiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897. p. 8.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

próprio povo. Nesse sentido, mostra como essa idéia teria influído nas decisões tomadas pelo presidente paraguaio.

“Ela faz ressoar alaridos de revolta aos seus ouvidos, faz relampaguear a ponta afiada de punhais, desenha figuras etéreas que arrastam os opressores dos povos para o Tribunal da História, aos apupos das gerações que passaram e que se erguem dos túmulos para aplaudir a sentença que os têm de infamar para sempre. Entretanto, tudo é uma ilusão!”⁴⁸

Entretanto, apontar as atitudes de López apenas como desdobramento de uma suposta mania de perseguição, ao que nos parece, não satisfaz este autor que, situou as ações do presidente paraguaio num esquema muito mais sofisticado, do que um aparente estado de “loucura”. Segundo este autor,

“[...]o marechal ditador López era o mais extraordinário dos tiranos porque nem sequer lhe pode atribuir que ele fosse presa, vítima dessas suspeitas, destas desconfianças que são verdadeiros tormentos morais, espécie de monomania dos déspotas. Tudo nele era cálculo e perfídia!”⁴⁹

Em determinado momento de seu discurso, sob a responsabilidade de sentenciar López pelos desdobramentos da guerra, Bormann acaba por citar uma atitude do paraguaio que, curiosamente, seria, também, uma espécie de reconhecimento das responsabilidades da Tríplice Aliança. Segundo o autor, apesar de serem desastrosos ao Paraguai os resultados das batalhas, o marechal López teria condecorando com uma medalha os que conseguiram escapar, desconsiderando as derrotas. Logo, suas palavras se tornam uma espécie de confissão do massacre, também de responsabilidade dos aliados, por mais que os autores apologéticos brasileiros tentassem provar o contrário.

1.5 Utilizando López para incriminar López

No ano de 1922 foi publicado o livro *Campanha do Paraguai*⁵⁰ do Visconde de Maracaju, engenheiro militar que ocupou alto cargo administrativo na guerra. De certa

⁴⁸ BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curitiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897. p. 8.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay (1867 e 1868)*. Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922. Op. Cit.

forma, se repetem as críticas a López, o que reafirma o perfil desta corrente historiográfica. No entanto, dedicaremos nossas atenções a um documento transcrito nesta obra, de autoria do próprio presidente paraguaio. Trata-se de uma carta em resposta a uma ordem de rendição enviada a ele pela Tríplice Aliança.

A utilização deste documento se faz necessária para identificarmos o provável interesse deste autor em valorizar tais registros. Em outras palavras, buscaremos analisar a postura de Maracaju ao adotar como estratégia, o uso das próprias palavras de López para incriminá-lo e, de que forma, isto pode ser considerado uma alternativa utilizada pelos escritores tradicionais para persuadir os leitores. Logo, sendo este trabalho destinado à análise da historiografia da guerra e não à investigação de fontes primárias, salientamos que, esta carta servirá para o levantamento de aspectos que, possivelmente, foram empregados para acirrar toda a oposição a López, verificada dentre os autores desta corrente historiográfica.

Inicialmente, podemos afirmar que, López teria incomodado este autor, ao fazer uso de uma polidez que, acreditava este, não condizer com as definições e o perfil traçados para o presidente paraguaio, ou seja, a de um homem ambicioso e sanguinário, como se estas características impossibilitassem a manifestação da erudição e da retórica daquele. Talvez, porque as palavras escolhidas por López se distanciavam do ideal de homem “bárbaro”, comum às caracterizações feitas pelos primeiros escritores sobre a guerra.

“O Marechal presidente da República do Paraguai deverá quiçá dispensar-se de dar uma resposta escrita a SS. Exas. os Srs. generais em chefe dos exércitos aliados, em luta com a Nação que preside, pelo tom e a linguagem não usada e inconveniente à honra militar e à magistratura suprema com que SS. Exas. creram chegar a oportunidade de fazer a intimação de depor as armas no prazo de doze horas, para terminar assim uma luta tão prolongada, ameaçando lançar sobre minha cabeça o sangue já derramado o que ainda tiver de derramar-se.”⁵¹

Pelo que observamos, são muitas as qualidades que López demonstra possuir através de sua carta. Cada uma delas, para os tradicionalistas, parece ser uma verdadeira afronta. E, para fazer frente a cada uma destas “falsas virtudes”, é que autores como o

⁵¹LÓPEZ, Francisco Solano. Apud. MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay* (1867 e 1868). Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922. p. 161.

Visconde Maracaju se empenharam em suas obras. Uma das possíveis estratégias utilizadas para descrever López negativamente foi a de apontar o sofrimento do povo paraguaio. Na carta, López recobrirá com determinada honra o fato de permitir o massacre de sua população. Isto serviu ao Visconde, possivelmente, como prova de ironia, ou mesmo, do cinismo do general paraguaio.

“[...] quero, porém, impor-me o dever de fazê-lo, rendendo assim holocausto a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos meus e dos que os combatem, assim como os princípios da religião, humanidade e civilização que VV. Exas. invocam em sua intimação. Estes mesmos sentimentos foram precisamente os que me moveram, há mais de dois anos, para sobrepor-me a toda descortesia oficial com quem tem sido tratado nesta guerra o eleito de minha pátria.”⁵²

Este documento, a priori, poderia ser pensado como uma prova de defesa de López. Porém, foi habilmente utilizado pelo autor, para sinalizar o contrário. Ou seja, Maracaju fez de uma possível ferramenta de defesa, uma arma para o ataque ao nome de López.

Além disso, um dos aspectos mais ressaltados na corrente tradicional é o fato de a guerra ter consistido, basicamente, em uma resposta à ofensiva de López. Entretanto, percebemos que, este seria mais um aspecto o qual este autor deveria ressaltar para atribuir-lhe o devido tom de inverdade.

“Buscava, então, em Itaity Corá, em uma conferência com o Exm. Sr. General em chefe dos exércitos aliados e presidente da República Argentina, brigadeiro-general D. Bartholomeu Mitre, a reconciliação dos quatro estados soberanos da América do Sul, que já haviam começado a destruírem-se de uma maneira notável, e não obstante minha iniciativa, meu afanoso empenho não encontrou outra resposta senão o desprezo por parte dos governos e novas e sangrentas batalhas por parte de seus representantes armados, com VV. Exs. se qualificam.”⁵³

Um comportamento desconfiado, uma postura, de certa forma, intransigente. Esta é a caracterização para López feita por este autor. Tal comportamento pode ser estendido, também, aos demais narradores oficiais da Guerra do Paraguai. Neste caso,

⁵² LÓPEZ, Francisco Solano. Apud. MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay* (1867 e 1868). Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922. p. 161.

⁵³ *Ibidem*. p. 122.

especificamente, a carta de López não poderia ser tomada em outra perspectiva, pois, se assim o fosse, contrariaria tudo aquilo escrito sobre ele naquele momento da história do Brasil e, principalmente, porque fora redigida por um militar brasileiro que atuara no lado vitorioso do conflito.

Logo, López seria incriminado com o auxílio de suas próprias palavras. No entanto, deste mesmo documento, podemos extrair alguns trechos que poderiam ser uma afronta aos posicionamentos defendidos por esta corrente historiográfica. Por exemplo, a maior acusação que pesa sobre López é a de ter sido o grande responsável pelo flagelo de seu povo, mas, este deixa bem claro que prosseguir com o combate, teria sido uma questão de dignidade.

“... e deplorando o sangue derramado de tantos anos de luta, calei-me pondo a sorte de minha pátria e de seus generosos filhos nas mãos do Deus das Nações, combati a seus inimigos com a lealdade e a consciência a que tenho feito e estou todavia disposto a continuar...”⁵⁴

E, com uma série de justificativas para a sua não rendição, o texto de López segue despertando a desconfiança daqueles que acreditavam ser os únicos detentores da “verdade” sobre a guerra.

1.6 Resistências ao revisionismo paraguaio

No Paraguai, no início do século XX, alguns intelectuais, entre eles, descendentes de López, começaram a fazer uma campanha para torná-lo o mártir daquele país. No Brasil, esta iniciativa sofreu forte protesto por parte dos autores das próximas duas obras a serem analisadas.

A indignação com o movimento revisionista paraguaio está presente na obra *López do Paraguay*⁵⁵ de Câmara Cascudo⁵⁶. Criticou a postura de alguns escritores

⁵⁴LÓPEZ, Francisco Solano. Apud. MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay* (1867 e 1868). Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922. p. 161.

⁵⁵CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927. Op. cit.

⁵⁶ Advogado, historiador, folclorista, antropólogo e jornalista, nascido no Rio Grande do Norte, no final do século XIX e que, até 1930, era simpático à causa monarquista. Impressionado pela

paraguaios que, insistentemente, tentavam fazer a reabilitação da memória de López. A discordância é notória, pois, este autor não economiza nos atributos negativos ao caracterizar o presidente paraguaio. Inclusive, chega a compará-lo com outros personagens históricos que ficaram conhecidos por atos que, comumente, foram caracterizados como excessos permitidos pela loucura.

“Francisco Solano López é uma sombra viva. Caudilho sem ter a escola preparatória da coragem e do lance pessoal nas conquistas do mando, continua a exercer, como Nero suicida e Quiroga assassinado, a opressão de uma lembrança sangrenta. Por mais que esse homem haja teimado em provar seu egoísmo, orgulho e loucura, um grupo de intelectuais sul-americanos luta para provar-lhe virtudes políticas e predicados sociais”⁵⁷

A denúncia feita por Cascudo tem alvos definidos. Estes são Juan O’Leary e Carlos Pereyra acusados de liderar uma campanha tida por este autor como inútil e paradoxal. Isto porque, à época deste autor, não era permitida, no Brasil, outra postura que não fosse a de conceder a López o título de maior responsável por esta guerra.

Além disso, uma vez que, para Cascudo, eram irrefutáveis as provas que atestavam a culpa de López, entendemos que, o paradoxo estaria, justamente, na insistência daqueles autores em apresentar um discurso o qual, isentava o líder paraguaio de tão graves acusações.

Logo, devemos apontar de que maneira os discursos produzidos por aqueles paraguaios seriam contrários à “verdade” estabelecida pelos os autores brasileiros mais tradicionais. Para O’Leary, López é o herói nacional, o derradeiro mártir da independência paraguaia e, segundo Pereira, é uma nobre e alta figura comparada a Bolívar, tentando a hegemonia do Prata na ressurreição do vice-reinado do Uruguai e da Argentina.⁵⁸

Mais do que fazer menção a López, destacando as barbaridades que teria cometido em guerra, este autor opta por tratar, também, das intenções que o “tirano” teria com a mesma. Verificamos que, é enfatizada a tentativa de unificação das repúblicas do Paraguai, Argentina e Uruguai, ou seja, haveria a intenção de López em

Intentona Comunista de 1935, aderiu ao integralismo, com o qual desencantou-se, posteriormente. Não demonstrou muita resistência ao golpe militar de 1964.

⁵⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927.p.7.

⁵⁸ Idem.

formar uma grande potência na América do Sul, capaz, inclusive, de enfraquecer o Império brasileiro.

“O plano convencionado por López é improcedente. Em sociologia é, simplesmente, curioso. Pretendia desnacionalizar três países já politicamente caracterizados e uni-los a uma entidade abstrata <<Vice Reinado do Prata>> sob a égide desse ditador grosseiro, ignorante, sanguinário e louco. O segundo ato da tragédia era controlar a influência do Brasil, monárquico e conselherial, sob três convulsas repúblicas tiranizadas por uma sucessão de guerrilhas ousadas.”⁵⁹

Ressaltamos neste posicionamento, o total descrédito dado por este autor aos planos de López, o tom de absurdo com o qual se refere às ambições deste. Logo, afirmamos que, se era tão forte a necessidade de Cascudo em expor ao ridículo tais planos, seria porque, em algum momento, estes teriam sido considerados uma real ameaça ao Brasil.

E, para não dizer que López seria digno de destaque em registros posteriores, o autor aponta, com certa ironia, aquele que teria sido o primeiro e último gesto de heroísmo de López, ou seja, a sua morte. Certamente, esta tomada de atitude de Cascudo não sinaliza nem um tipo de arrependimento por ter criticado López, tampouco, algum tipo de *mea culpa* ao reconhecer a ação da Tríplice Aliança. Não é isso.

“Foi o único gesto heróico de Francisco Solano López – sua morte. Primeiro e último. A razão é óbvia – não dependeu de seu raciocínio. Criou-se, nos instantes trágicos, um cenário que fixou o tiranete em herói. Herói de quinze minutos. Detrás de seu cadáver o Paraguai se desmoronava, esboroadado, convulso, fumegante.”⁶⁰

Trata-se, então, de uma estratégia um tanto quanto provocadora deste autor, ao fazer referência ao desfecho da guerra. Segundo ele, a “boa ação” de López teria sido a de morrer, se rendendo ao destino que lhe fora imposto pelos aliados. Mesmo assim, o autor é cauteloso e não demora muito a apontar os desdobramentos deste ato, talvez, para não criar alguma armadilha da qual poderia ser a vítima. Isto quer dizer que, temendo que os leitores realmente acreditassem num suposto heroísmo do acuado

⁵⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927.p.73.

⁶⁰ Idem.

presidente paraguaio, tratou logo de apontar o saldo negativo da guerra para aquela república.

“A ruína se desentendia, igual e terrível, como um flecha indicadora de causa-fonte. Esta certeza custou-nos milhares de vidas; toda uma mocidade entusiástica, otimista, alongada em desejos de tranquilidade continental, toda esta pleiade caiu nos banhados, nas canchas, nos chacos, nas barrancas, nas trincheiras, no hospital. Essa multidão nascida em pleno romantismo literário e político, morreu em pleno estilo de epopeia. Morreu pronunciando frases lapidares, tropos ressonantes que as antologias guardam e inda comovem.”⁶¹

Esta obra cujo objetivo principal é traçar o perfil de López na Guerra do Paraguai é uma crítica à tentativa de reabilitação deste, no início do século XX, no Paraguai. O López descrito neste momento é bem diferente daquele que O’Leary e Pereira homenagearam e totalmente antagônico ao que fora acusado de conduzir a sua república à destruição.

Notamos que, é considerada inaceitável a postura dos lopiztas em defender um indivíduo que tanta desgraça levava à sua própria gente. A todo o momento, o autor transmite a idéia de que tal defesa só poderia ser concebida por aqueles que saberiam aproveitar a literatura tendo em vista as suas já referidas pretensões. Talvez, para ele, a única possibilidade de existência de um discurso desta natureza pudesse ser justificada em relatos fantasiosos e que, por essa razão, tal tentativa de valorização de López não poderia engendrar um discurso histórico.

Tal posicionamento nos permite dizer que, a possibilidade de falar sobre a guerra não era estendida a todos que desejassem tal oportunidade, ou seja, nesta perspectiva, teriam permissão, os historiadores e, no máximo alguém que tivesse, em sua genealogia, alguma participação no evento, o que nos remete, imediatamente, aos militares e seus descendentes.

Após colocar em descrédito a atitude dos memorialistas de López, Cascudo retoma, de forma ortodoxa, o ritual de condenação. O autor, assim como seus outros colegas de corrente historiográfica, se rende às possibilidades de impactar o leitor, através do uso de comparações exageradas. Eis o exemplo: “*Desonesto, impudico, covarde,*

⁶¹CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927. p.74.

*sanguinário, caluniador, selvagem como um sioux, cauto e venenoso como uma víbora, não deixou uma frase que não fosse de ódio, ameaça ou de morte.”*⁶²

Mas, se a López fora destinada toda a hostilidade que um discurso pode oferecer, verificamos, neste caso, o desejo de que o povo paraguaio não fosse confundido com o seu líder. Muito pelo contrário, para o autor, as maiores vítimas de López foram os seus próprios compatriotas. Isto quer dizer que, o relato da guerra deveria servir para registrar, também, as homenagens aos que sucumbiram pelas atitudes de seu próprio presidente.

A obra *Campanha Lopezguaya*⁶³ do Tenente Coronel Mário Barreto é uma manifestação de indignação com o movimento de culto a memória de López, iniciado no Paraguai, tendo como uma de suas principais lideranças Juan O’Leary, parente distante do presidente paraguaio. Como era de esperar, este autor não demora a apresentar López como um tirano, porém, ressaltamos que este o fez através da crítica à iniciativa de se cultuar a memória do rival da Tríplice Aliança. Entendemos que, para ele, a única possibilidade de um discurso de aclamação a López, só existiria quando idealizado por membros de sua descendência.

“Desde alguns que se alça o lopismo na vizinha República do Paraguai e, como a sucessão ininterrupta de gotas d’água que se desprendem sobre a lage resistente pouco a pouco em ação insensível a erosão produz e trabalhando vai partir a patente mole, assim essa campanha levantada ou pelos herdeiros dos cúmplices do ditador Francisco Solano López, ou por indivíduos exploradores dos sentimentos de um povo em benefício de interesses pessoais, se intensifica e passando as fronteiras paraguaias procura novos arraiais, especialmente nas metrópoles dos países habitados pela raça latina.”
64

O sujeito criador desta obra ocupa o lado vitorioso da guerra. A partir daí, não é muito difícil entender que, para ele, tal postura de valorização do inimigo era um ato inconcebível. Logo, apenas nas narrativas feitas nos territórios aliados, estaria “a verdade” sobre os fatos. Por isso, aquilo que ficara estabelecido fora desses domínios, foi desconsiderado.

⁶² CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927.p. 74.

⁶³ BARRETO, Mário. *A campanha Lopezguaya*. Rio de Janeiro: Jornal Português, 1933. Op. Cit.

⁶⁴ Ibidem. p.9.

“Ao contrário, porém, de ser assim, observa-se que toda a argumentação dos paladinos de tão ingrata cruzada se esteia em afirmativas destituídas de bom senso, alheias do que dizem as peças históricas, calcadas no sentimento apaixonado que anima os seus autores, pois, chegam ao ponto de desvirtuar os fatos, empenhados em deprimir os adversários daquele déspota, não se lembrando que diminuem ou apoucam o valor de seu << El Supremo>> e do exército paraguaio, então às ordens do ditador, quando insistentemente emprestam aos nossos soldados as qualidades, de pusillanimidade e de fraqueza e aos nossos generais as de inepcia, covardia e desbrijo.”⁶⁵

As interpretações sobre a guerra são variadas e mudam conforme os preceitos de quem as professa, por isso, podemos dizer que, para Barreto, sendo favoráveis a López os registros aos quais teve acesso, estes não passaram de obras com grande valor literário e de muita pouca significação histórica.⁶⁶ Contudo, a intolerância à Literatura, manifestada nesta idéia, nos permite estabelecer um paralelo e, talvez, um paradoxo nesta corrente historiográfica.

Isto significa que, quando o objetivo é descrever Caxias, tudo é válido. São permitidas, a erudição, a criatividade, a hipervalorização de suas atitudes, uma linguagem rebuscada, etc. Porém, quando o centro de uma obra é Solano López, estas mesmas atitudes são acusadas de nocivas e comprometedoras da “verdade da guerra”. (grifo nosso)

Por isso, estando bem definido para este autor, o lugar que López deveria ocupar, não apenas em seu livro, mas, em toda a historiografia da guerra, o que ele diz em relação à sua tarefa de falar sobre este personagem é, no mínimo, uma atitude curiosa.

“..buscaremos nestas desprezenciosas linhas apreciar convenientemente algumas das proposições emitidas em trabalhos de grande valor literário e de muita pouca significação histórica pelo talentoso historiógrafo Juan O’Leary, comandante em chefe da legião <<lopezguaya>> que, por sua idolatria a López II, atestada de modo ardente como sublima todos os feitos bélicos, políticos e os de qualquer matiz de tal déspota, se revela tão brasileirófobo, como fora o filho de Carlos López.”⁶⁷

⁶⁵BARRETO, Mário. *A campanha Lopezguaya*. Rio de Janeiro: Jornal Português, 1933. p. 10.

⁶⁶Ibidem. p. 10.

⁶⁷ Ibidem. p. 11

Outra medida à qual recorre, provavelmente, no intuito de conferir maior credibilidade ao seu discurso, foi a de dar voz aos vencidos, servindo de advogado da causa do aniquilado povo paraguaio. Mostrou que, a indignação com este culto a López era verificada, também, entre o próprio povo paraguaio.

Segundo Barreto, o culto a López não foi bem recebido por descendentes daqueles que pereceram sob os desdobramentos das atitudes do presidente paraguaio. Ou seja, para a população paraguaia não havia o menor sentido em dar “vivas” àquele que a destruía. Por isso, este autor além de registrar as suas próprias impressões sobre López, quer, também, fazer eco à indignação dos paraguaios.

É defendida a idéia de que, conforme o desfecho da guerra se aproximara, López era abandonado pelo seu próprio povo. Esta foi uma das formas encontradas por Barreto para dizer que era perceptível, aos próprios paraguaios, a “insanidade” das atitudes de seu comandante. Ou seja, busca apoio na realidade paraguaia do final da guerra, para fazer a acusação de López.

Além disso, Barreto se mostrara profundamente surpreso com uma possível resistência a López, pois, segundo ele, os paraguaios de maior inteligência, de maior cultura, incluindo os próprios parentes do ditador e uma grande parcela de paraguaios de mais modesta representação na sociedade teriam preferido a paz com o invasor à causa de López.

Em alguns momentos, o autor busca a cumplicidade da população paraguaia, para falar das atitudes do seu presidente. Isto nos leva a identificar uma variante da postura predominante nesta corrente historiográfica, a qual seria de conferir legitimidade à narrativa, recorrendo, para tanto, às memórias da população paraguaia.

1.7 General Fragoso e seu clássico sobre a Guerra da Tríplice Aliança

A obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*⁶⁸ foi publicada em 1934. No entanto, a edição que utilizamos é datada na segunda metade da década de 1950. De um modo geral, assim como os demais membros desta corrente historiográfica, é bem incisivo ao condenar López e exaltar Caxias.

⁶⁸FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. Op. cit.

Se a descrição da atuação de López pela via conservadora ressalta a forma impetuosa e violenta que teria caracterizado seus atos, o presente autor parte deste pressuposto, porém, de forma menos superficial, ou seja, aborda a iniciativa paraguaia em especial, a invasão do Mato Grosso em 1864, não como fruto apenas de um rompante despótico, mas como uma ação que fora previamente estruturada: “*A rapidez com que o tirano paraguaio preludiu seus atos de guerra confirmaram sua preocupação e demonstra que o seu plano estava muito bem assentado.*”⁶⁹

O texto de Fragoso traz a informação de que, em março deste mesmo ano, foi iniciado um processo de treinamento militar em Cerro Leon, onde López preparou para a guerra um exército de trinta mil homens compreendidos na faixa etária dos 16 aos 50 anos de idade. Simultaneamente, exercitou recrutas em Encarnación, Humaitá, Assunção e Concepción.

Constatou-se ainda que, de março a agosto de 1864, o número de homens preparados militarmente cresceu consideravelmente. Estas informações servem à corrente em questão como prova do grande poder de mobilização de López sobre a população paraguaia a qual, sofreu muitas baixas, ainda na fase preparatória da Guerra.

Pela descrição feita pelo autor sobre este episódio, foi possível concluir ainda que, López persistiu na idéia de invadir o Mato Grosso, pois, estava atento ao fato de que, a defesa desta região se encontrava em estado de abandono e que lhe era interessante um determinado aspecto geográfico, o afastamento considerável desta província da capital do Império. Tem-se, portanto, um general que se aproveitou astuciosamente de tais vulnerabilidades, para fazer da região limítrofe o ponto de partida para o desenrolar do conflito, cujos desdobramentos custariam a destruição de sua nação.

Aos poucos, Fragoso introduz em seu discurso, o caráter expansionista de López, quando considera que o desejo de aumentar seus domínios territoriais se encontra numa escala superior à emergência em se travar uma guerra contra o Brasil. No que diz respeito à questão do Mato Grosso, o autor diz o seguinte: “*López sabe de tudo isso,, sabe que quando muito logrará conservar por algum tempo parte da província brasileira e que isso não imporá o desenlace da guerra.*”⁷⁰

⁶⁹ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. p. 253.

⁷⁰Idem.

Em algumas linhas mais adiante, esta ambição é apresentada mais explicitamente, quando o autor afirma que, mesmo diante da necessidade de uma guerra, o que de fato impulsionaria López seria a vontade de possuir áreas litigiosas entre seu país e o Brasil.

“Não obstante, é por aí que preludia a luta com o Brasil. Por que? Por uma razão simples: Porque deseja apossar-se dos territórios em litígio, isto é, porque uma de suas principais fontes de inspiração guerreira é precisamente a que ele empresta com absoluta injustiça aos seus adversários.”⁷¹

Procedendo de forma semelhante à maioria dos autores da corrente tradicional, Fragoso defende a “honra brasileira” de forma extremamente passional, demonstrando, conseqüentemente, seu total despreço pela figura de Francisco Solano López o qual, segundo ele, foi acometido por uma “ambição incoercível e orgulho desmesurado”, teria levado os brasileiros a cruzar armas com seus dignos irmãos massacrando-os sem necessidade.

Sobre este mesmo homem, também por ele chamado “ditador paraguaio”, recaem, nesta obra, as acusações que fazem deste um “bárbaro”, um invasor dos solos da Argentina e do Brasil, que desrespeitou a soberania destes países, saqueando-os e depredando-os, provocando, com isso, um acordo entre essas duas nações e os orientais, ou seja, os uruguaios, para que iniciassem um movimento em legítima defesa.

Enfim, Fragoso segue sua descrição de López dizendo que o Brasil teria de lutar com seus vizinhos em uma guerra que não desejou e que não provocou. Para ele, o Império se ressentia de ter que causar tanto sofrimento ao povo paraguaio, mas, que não teve alternativa, pois, López desrespeitara as fronteiras, vindo provocar nosso país dentro de nossas próprias terras.

É fundamental ressaltarmos que, foi o lugar ocupado por este autor naquele contexto, ou seja, o fato de ter ocupado as mais altas hierarquias militares, que permitiu a descrição minuciosa da atuação de Caxias. Por isso, trataremos do comandante brasileiro, tendo como referência, os posicionamentos de Fragoso no que diz respeito às

⁷¹ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. p. 253.

melhorias na infra-estrutura da base aliada e dos cuidados que aquele tivera com as vidas de seus soldados.

Uma de suas preocupações, segundo o autor, foi a integridade dos soldados. Para isso, ganha destaque a precariedade dos recursos médicos disponíveis. Isto pôde ser observado, no momento em que o autor diz que, visando poupar os doentes de um desembarque complicado em Buenos Aires, Caxias unificou os hospitais desta cidade com os de Montevideú, ordenando providências imediatas, como a transferência de doentes. Mesmo cuidado dispensou aos serviços administrativos. E, de acordo com mensagem proferida pelo próprio Marquês de Caxias, o exército brasileiro não estava em seus melhores momentos. Eis sua descrição do mesmo:

“O 1ºCorpo de Exército ocupava a linha de Tuyuty, o 2º estava em Curuzú, não havia mais de três mil cavalos e estes não em muito bom estado; a Cavalaria do 2º Corpo estava toda apeiada; não havia carros suficientes para empreender qualquer movimento; não havia bois para a condução das carretas; Os dois corpos de exército eram inteiramente diversos em número e organização; pareciam pertencer a diferentes nações, tais eram as disparidades que neles se notavam. Em cada um deles havia uma economia, uma numeração e uma promoção particular. Havia vapor por um preço, em outro por outro, etc., etc. Era preciso, portanto, chamar tudo a um centro fazendo uma nova reorganização e para tudo isso é indispensável tempo.”⁷²

De acordo com o trecho acima, pode ser acrescentada às medidas iniciais de Caxias, a reorganização do Exército, a qual, segundo suas próprias palavras, demandaria tempo. Entretanto, o comandante não contava com o assalto de um inimigo que se mostrara implacavelmente letal aos combatentes. Não se trata, ainda, das tropas de López e sim, da epidemia do *cólera-morbus*. Esta, se alastrou numa velocidade assustadora, propagando-se dos hospitais ao Exército, ocasionando muitas baixas, mesmo com a tomada de precauções bem específicas:

“Foram postas em prática medidas aconselhadas pela ciência: dobrou-se a ração do café e aguardente à tropa, a fim de ser distribuída de manhã, antes do alarme, e, à noite, antes do recolher; construíram-se galpões nas proximidades dos acampamentos, em lugares onde se presumia mais puro o ar, e neles foram tratados os coléricos, evitando-se, deste modo, o seu transporte para os hospitais

⁷²FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. p. 193-194.

distantes, pois, quase metade a estes chegava em termos de morrer; deve-se seguramente a esta medida a salvação de muitos atacados.”⁷³

Na obra, os cuidados ordenados por Caxias para erradicação desta epidemia foram registrados detalhadamente, o que significaria, segundo o autor, que não foram medidos esforços para extinção desta calamidade. No momento em que Fragoso começa a descrever o plano de manobra executado por Caxias em 22 de julho de 1867, é notada uma preocupação em apresentar a forma pela qual os combatentes seriam dispostos no movimento de marcha. De um modo geral, foram divididos em dois grandes blocos: a vanguarda e o Grosso do Exército.

Embora seja apresentada no livro as subdivisões destes grupos, é válido lembrar que, o objetivo deste trabalho não é descrever a guerra, passo a passo, e sim, tentar enumerar nesta parte, especificamente, possíveis atributos de Caxias. Ainda assim, a observação do esquema de ação coordenado por este é de fundamental importância, pois, é um indício de que a transcrição do mesmo se fez necessária para se mostrar quão meticulosa era a mente do comandante em chefe dos Aliados.

Diante do fato de que, nesta perspectiva, uma organização precisa minaria as forças do inimigo, certos trechos do livro se constituíram em um terreno incrivelmente fértil para a reafirmação desta idéia.

“Sendo o fim do movimento que vai empreender o exército, flanquear as trincheiras inimigas e atacá-las pela retaguarda, se este caso se der a V.Exa. pressentir o ataque, deverá acometê-las de frente, pelo lugar que melhor lhe pareça. Mas, se o inimigo, prevendo o nosso movimento de flanco, desamparar as linhas de Rojas, que atualmente ocupa, ou a enfraquecer para oferecer batalha ao nosso exército em campo raso, deverá V.Exa. também atacá-lo pela retaguarda, se lhe for isso possível, sem, contudo, abandonar de todo a nossa base de operações, salvo o caso de se retirar ele, abandonando as fortalezas de Curupayty e Humaitá, o nosso exército lhe porá sítio, se não o puder logo atacar, e, nesse caso, V.Exa. conservará as posições de Tuyuty até que receba ordem em contrário.”⁷⁴

⁷³ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. p. 193-194.

⁷⁴ CAXIAS, Marquês de. Apud. FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. p. 227-228.

A análise destas palavras mostra que estas foram acrescentadas à obra para ressaltar muitos dos aspectos recorrentes nos textos tradicionais, tais como: a apresentação de Caxias como um homem de visão ampliada, capaz de antever diferentes desdobramentos para um mesmo fato e que, mesmo sabendo como responder a estas eventualidades, por meio de medidas alternativas, não subjugava o poder do inimigo. Além disso, estimulava a resistência até quando a mesma fosse viável, permitindo até uma estagnação temporária, porém, jamais um recuo.

Se o reconhecimento da imagem de Caxias se tornaria tão veemente nos anos posteriores ao término da guerra, Fragoso dá a entender que, ainda no período em que esta transcorria, isto era feito pelo próprio comandante, como pode ser comprovado no resumo feito pelo mesmo de uma conversa com o seu antecessor, o General Mitre.

“Logo, depois da minha chegada ao campo de Tuyuty, e na ocasião em que visitava o General Mitre, lhe perguntei quais suas vistas, qual o plano que, na qualidade de General em Chefe dos exércitos aliados, pretendia por em execução, quando se tivesse de recomençar as operações ativas. S.Exa., porém, sem responder à pergunta, manifestou o maior interesse e o mais vivo desejo de ouvir-me sobre o assunto. Não me neguei a satisfazê-lo; e, com a maior sinceridade, lhe disse o que eu praticaria se tivesse de dirigir essas operações ativas, indicando, à vista do que já tinha sido feito, a marcha pela direita, procurando, por meio dela, o flanco esquerdo do inimigo, e por aí atacá-lo. O General Mitre, depois de escutar-me, declarou com entusiasmo que o meu plano era excelente, o único a pôr-se em prática, e que, finalmente, era também o seu (são suas próprias palavras).”⁷⁵

Por meio dessas linhas o autor fez surgir a imagem de Caxias como um indivíduo ciente de que suas considerações eram dignas de atenção e que este seria solícito a quem se dispusesse a ouvi-las. Além disso, o chefe dos Aliados se autodescreve também como possuidor de uma postura franca a qual, teria inspirado em seu interlocutor uma total concordância e o consentimento para viabilização de suas idéias.

O General Fragoso, conhecedor de detalhes da Guerra do Paraguai, disto se valeu para valorizar a personalidade de Luis Alves de Lima e Silva, mostrando a

⁷⁵FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956. p. 229.

preocupação em reativar sua memória, não através de um discurso inflamado de um militar que defende, incessantemente, a honra de seus precursores mais ilustres, mas, acima de tudo, baseado em informações técnicas, numa tentativa de assegurar a credibilidade a sua obra. A observância de tal postura nos serve para reafirmar o que já dissemos: foi o posicionamento deste autor na sociedade e sua trajetória profissional no exército, os aspectos que influenciaram na elaboração do seu discurso.

1.8 Afonso de Carvalho: o biógrafo de Caxias

Tomadas em conjunto, as obras da historiografia tradicional, podem ser definidas como instrumentos construtores da oposição conceitual de López a Caxias. E, a partir do momento em que praticamente todos os autores deste período eram do exército ou tinham alguma relação com este, se torna mais fácil entender a postura dos mesmos em dar grande relevo àquele que teria, na perspectiva deles, colocado tal instituição em condições de participar mais ativamente da vida política do país.

Porém, as discussões atuais nos possibilitam refletir de forma mais profunda sobre estes personagens, reduzindo a distância entre os mesmos, apontando, sempre que possível, os aspectos que tanto poderiam ser atribuídos a López como a Caxias. Isto porque, concebemos o antagonismo estabelecido para ambos como uma atitude permitida e, até mesmo, exigida, pelo contexto dos escritores tradicionalistas.

Caso pudéssemos atribuir àquela historiografia um princípio norteador, este seria o do combate implacável à memória de López. A partir daí, é possível compreender que, por mais que as atitudes de Caxias denotassem um comportamento similar ao do seu oponente, o pensamento possível aos seus narradores, não autorizava evidenciar tais semelhanças.

Não se trata, entretanto, de se condenar a opulência da narrativa de Caxias, tampouco, fazer um discurso de complacência com as atitudes de López, pois, qualquer tentativa de condenar os narradores daquela época pela construção destes personagens, tendo como referência o pensamento da época que nos é contemporânea, seria, no mínimo, um crime de anacronismo.

Entretanto, tal afirmação não nos impossibilita de apresentar, pelo menos, algumas inquietações sobre o que foi produzido naquele período. A primeira delas diz

respeito ao fato desta corrente historiográfica trabalhar com a noção de extremos, que define o que seria o “bem” e o “mal”. Isto significa que, o simples fato de se considerar a possibilidade de existir, em pleno ambiente de guerra, alguma atitude de bondade, causa, à primeira vista, uma certa estranheza. Grosso modo, a guerra é, por excelência, o contexto dos “maus comportamentos”, à medida que, o que impulsiona as bases distintas é, no mínimo, o desejo de aniquilar o oponente. Logo, concluímos que, foi a narrativa dos vitoriosos que permitiu que tanto López quanto Caxias fossem circunscritos em espaços tão distantes.

Como um dos membros da trilogia sinistra do Rio da Prata⁷⁶, esta é a forma pela qual Affonso de Carvalho⁷⁷ começa a descrição de López. Eis a comparação realizada pelo autor:

“É um caudilho mau, ambicioso como Rosas; mesquinho como Oribe, mas a todos sobreleva por haver conseguido, mercê de esquisito fenômeno de sugestão coletiva, um ascendente irresistível sobre o seu povo, a ponto de identificar o seu destino com o da valorosa nação paraguaia.”⁷⁸

Duas considerações podem ser feitas sobre este fragmento. Primeiramente, o autor evidencia um pensamento monarquista, pois, recorda um momento da política externa do Império na região platina, de resistência ao presidente argentino Rosas tornando possível a comparação deste a López. Tal contexto diz respeito à década de 1840 e, teria sido o responsável pela formação da mentalidade expressa no fragmento anterior. Por isso, recorreremos à historiografia atual para identificarmos o que teria possibilitado aquele modo de pensar.

“Nessa região não interessava ao Império o surgimento de uma república grande e forte, como a ambicionada por Buenos Aires, sob a ditadura de Rosas. Essa república implicaria a nacionalização dos rios platinos, criando obstáculos à sua livre navegação, fundamental para o acesso do Rio de Janeiro à distante província do Mato Grosso, isolada por terra do restante do Brasil. Ademais, esta hipotética república, poderia aos olhos dos governantes do Império, tornar-se um pólo de atração sobre o Rio Grande do Sul e, eventualmente, estimular um movimento republicano brasileiro.”⁷⁹

⁷⁶ CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Vol 7-8. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938.

⁷⁷ Idem.

⁷⁸ Ibidem. p 211.

⁷⁹ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p.471.

Além disso, é destacada, naquele trecho, a capacidade que López tinha de persuadir o seu povo, levando-se em consideração o fato de que, tal característica teria sido apresentada para, possivelmente, ressaltar a capacidade de dominação do presidente paraguaio. No entanto, segundo esta mesma obra, Caxias teria despertado sentimentos semelhantes em seus subordinados:

“Apertávamos o punho das espadas e, ouvia-se um murmúrio de brabos ao grande general. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura, que abaixou a espada em ligeira saudação aos soldados. O comandante deu a voz de firme. Dali a pouco, o maior de nossos generais arroja-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação de sua glória.”⁸⁰

Isto implica dizer que, o que os diferencia nesta obra, é o papel que ficou estabelecido para cada um à época de elaboração desta obra. E, não sendo possível negligenciar este aspecto da relação de López com o seu povo, uma alternativa para torná-la mais interessante à narrativa deste autor, foi a de transformá-la em uma sórdida manobra, enquanto que, para Caxias, o mesmo tipo de influência, não passara de uma grande habilidade para mobilização das suas tropas.

“É esse general de 65 anos de idade, exclamando – Sigam-me os que forem brasileiros! – desembainha a espada curva e, como um simples cavaleiro da Idade Média ou dos tempos gloriosos do Grande Impero, esporea o animal e atira-se à frente do seu exército, decidido a passar a ponte, haja o que houver.”⁸¹

Para o caso do general paraguaio, o tratamento foi outro. Não era interessante evidenciar um comando com ares tutelares, como fora feito na descrição de Caxias, centro desta obra. Por isso, notamos que prevalece a descrição dos sofrimentos que López infligira tanto aos seus soldados como aos eventuais civis, presentes no cenário da guerra.

Porém, é na narrativa sobre o presidente paraguaio, que os suplícios da guerra ganham uma dimensão ainda maior.

⁸⁰ CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Vol 7-8. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938. p.246.

⁸¹ *Ibidem*. p. 212.

“Arrancada a pele de tigre com que se vestira para impor-se ao seu povo e ao seu exército, aparece, ao nu, o animal sanguinário que, de tempos em tempos, aparece na vida dos povos, como impertinentes remanescências da época dos dinossauros ou dos Bárbaros.”⁸²

Isto posto, observamos que, foram as relações interpessoais estabelecidas por estes personagens os aspectos norteadores de Carvalho para a construção de um discurso que acentuou a oposição entre os mesmos. Insistimos, então, no destaque dado ao fator persuasivo como requisito fundamental à obediência verificada, tanto do lado paraguaio como entre as tropas aliadas. Contudo, exemplos de deterioração humana foram possíveis aos dois lados da guerra, mas, foi somente nos registros sobre López, que esta se tornou um desdobramento direto da singularidade “tirânica” do presidente paraguaio.

O enfoque às diferenças em relação a López tornou possível ressaltar as atitudes de Caxias. Logo, a descrição incisivamente pejorativa de seu opositor, teria favorecido àquela que fora dedicada ao comandante brasileiro, pois, esta só teria sentido, quando confrontada com aquilo que seria o seu oposto, ou seja, com a narrativa sobre López.

⁸² CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Vol 7-8. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938. p.246.

Capítulo II

A historiografia revisionista brasileira sobre a Guerra do Paraguai

2.1 *Julio José Chiavenatto: uma referência*

É impossível falar sobre o revisionismo brasileiro sobre a Guerra do Paraguai, sem ter como referência, os posicionamentos de Julio José Chiavenatto.⁸³ Jornalista por formação, ele apresentou uma explicação para este evento que contrariou as versões anteriores da guerra. Propôs a análise do mesmo a partir da afirmação de que a Inglaterra fora a responsável pela eclosão do confronto. Tal nação teria financiado a Tríplice Aliança para que esta destruísse o Paraguai o qual, segundo o autor, apresentava um desenvolvimento *sui generis* na América Latina – onde os britânicos tinham muitos investimentos – e que isto poderia servir de exemplo aos países vizinhos, representando, dessa forma, um risco às suas atividades comerciais.

Por isso, o objetivo deste capítulo é analisar de que maneira o posicionamento deste autor se constituiu numa outra versão para a Guerra do Paraguai e como López e Caxias são tratados nesse âmbito. Logo, tendo em vista a importância deste autor para o estudo da historiografia revisionista brasileira sobre a Guerra do Paraguai, é proposta a análise de uma de suas mais importantes obras, *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*⁸⁴.

Inicialmente, abriremos uma exceção nesta pesquisa, analisando uma obra da historiografia estrangeira: a do argentino Leon Pómer⁸⁵ o qual, fez repercutir no Brasil, a partir da década de 1970, a importância da participação britânica na guerra e a caracterização de López como “vítima” da Tríplice Aliança, da qual Caxias fizera parte.

2.1.1 *Seguindo os passos de Leon Pómer*

⁸³ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981.

As discussões de Chiavenatto têm suas bases nos posicionamentos do argentino Leon Pómer o qual, explorou o tema da Guerra do Paraguai, a partir dos benefícios que esta trouxera à Inglaterra. Dessa forma, a descrição do Paraguai pré-guerra e de seu presidente, segundo este autor, possui duas características principais: tem-se um país desenvolvido economicamente e um líder incansável na busca de recursos que poderiam alavancar o progresso daquele.

Somada à abordagem positiva do Paraguai, está a defesa de López, tratado como “vítima” da ambição britânica na região platina. O autor afirma que, no Paraguai não havia a tirania da qual falavam os políticos dos países vizinhos. O país seria o oposto disso, tanto em termos econômicos como em sociais. Sobre os primeiros, o autor apresenta uma singularidade da administração de López, ou seja, enfatiza o seu protecionismo em relação à produção agrícola e industrial, através da isenção de impostos para o maquinário e os instrumentos de navegação.

Para a defesa de López, utiliza relatos do diplomata inglês Edward Thorton que, tece considerações sobre o *status* do governo daquele. Tal atitude denota o interesse deste autor em dizer que, a resistência ao Paraguai se deu além fronteira. O representante britânico apontara o contraste entre a condição financeira de López e do restante da população. Para ele, não havia alguém para fazer companhia ao presidente paraguaio no rol dos abastados. Além disso, subestima a capacidade do povo e do exército. Porém, mesmo ao defender uma suposta inferioridade daquele país, alerta para o risco que o Paraguai teria representado naquela região.

“O Paraguai estava representado como a Abissínia, e López como o rei Teodoro. Um despotismo implantado desse modo era como um obstáculo no caminho da civilização. Insignificante em si mesmo, o Paraguai podia impedir o desenvolvimento e o progresso de seus vizinhos. Sua existência era nociva e sua extinção como nacionalidade, ou mesmo a queda da família reinante devia ser proveitosa para o seu próprio povo como também para todo o mundo.”⁸⁶

Enfim, López seria uma ameaça que deveria ser exterminada. A Inglaterra, por sua vez, estaria disposta a realizar tal tarefa. Para tanto, bastaria conclamar os vizinhos de López – a partir dos quais as diferenças eram mais perceptíveis – a “varrer” este obstáculo à “civilização”. Além de apresentar este e outros testemunhos de estrangeiros,

⁸⁶ THORTON, Edward. Apud. POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981. p. 57.

o autor demonstra a preocupação em enumerar os feitos da gestão de López que, colocaram o seu governo na vanguarda do progresso na América Latina, deixando a Inglaterra em clima de apreensão. Uma destas iniciativas foi a importação de mão-de-obra especializada e o investimento em jovens com alto potencial cognitivo para a formação e o aperfeiçoamento profissionais. Diz, então, que *Francisco Solano López contrata na Europa técnicos e cientistas: escolhe os melhores estudantes de sua pátria, lhes dá bolsas de estudo e os envia ao velho mundo.*⁸⁷

Quanto à situação educacional do país, Pómer salienta que, o alto índice de alfabetização da população causava estranheza aos observadores internacionais. E isto, segundo ele, pôde ser verificado pelos próprios chefes e oficiais da Tríplice Aliança. O autor faz uso de uma correspondência enviada a López por Bartolomeu Mitre, então chefe dos exércitos aliados.

“V.E. se encontra, sob muitos aspectos, em condições mais favoráveis do que as nossas, encabeçando um povo tranqüilo e trabalhador que vai se engrandecendo pela paz, chamando assim a atenção do mundo; com poderosos meios de governo, retirados dessa situação pacífica; respeitado e estimado por todos os vizinhos que cultivam relações profícuas de comércio com esse país, sua política está traçada, de antemão e sua tarefa é mais fácil do que a nossa, nestas regiões tempestuosas, pois, como disse muito bem um jornal inglês desta cidade, V. E. é o Leopoldo destas regiões, cujos vapores sobem e descem os rios superiores, erigindo a bandeira pacífica do comércio, cuja posição será tanto mais alta e respeitável quanto mais se generalize essa maneira de ser, nestes países...”⁸⁸

Segundo Pómer, este testemunho dispensa comentários e, com ele, encerra as considerações iniciais de sua obra, no que diz respeito ao Paraguai e ao seu presidente. Contudo, diante de suas devotadas palavras sobre López, uma pergunta se faz necessária: qual será o espaço que Caxias ocupa em sua obra, em face ao que foi dito sobre López ?

A primeira menção a Caxias se dá em meio às descrições de um possível clima de discordância entre os aliados. O autor transcreve o posicionamento deste brasileiro em relação às causas do prolongamento da guerra :

⁸⁷ POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981. p.59.

⁸⁸ MITRE, Bartolomeu. Apud. POMER, León. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981. p.60.

“Nossos aliados não querem acabar a guerra porque com ela estão lucrando e empobrecendo o Brasil. Desde que Mitre chegou tem procurado por todos os meios possíveis retardar o andamento das operações: se tivessem continuado como eu as iniciei, no final de agosto, a guerra estaria concluída.”⁸⁹

Além disso, algumas declarações de Caxias são transcritas, no mínimo, para demonstrar que o presidente guarani possuía uma liderança singular.

“López tem também o dom sobrenatural de magnetizar seus soldados, infundindo-lhes um espírito que não pode se apreciar com a palavra, o caso é que se tornam extraordinários; longe de temer o perigo o combatem com um arrojo surpreendente; longe de economizar sua vida, parecem que buscam com frenético interesse a ocasião de sacrificá-la heroicamente e vendê-la por outra vida ou por muitas vidas de seus inimigos”⁹⁰

Esta é a participação de Caxias nesta obra. Para o autor, ele é um velho comandante o qual, após ajudar na destruição do Paraguai, teria reconhecido o fato de que, as ações que liderara teriam atingido a quem não merecia: ao povo paraguaio. Teria sido também, um homem atento às relações sociais existentes naquele país. De certa forma, fora capaz de identificar, entre os habitantes do Paraguai, uma espécie de coesão, pelo menos, no momento em que são obrigados a se unir para uma guerra. Daí, a surpresa com a sua declaração de que, *soldados ou simples cidadãos, mulheres e crianças, o Paraguai tudo o quanto ele é são a mesma coisa, uma só coisa, um só ser moral indissolúvel.*⁹¹

Para compreendê-lo, é necessário refletir sobre o contexto brasileiro, à época da guerra. O regime monárquico já não tinha a mesma força de antes, havia poucos e privilegiados letrados e, principalmente, a escravidão dava a cadência das interações e, também, o nível da segregação. Enfim, nenhuma marca de homogeneidade. Aliás, a possibilidade de existência da mesma naquele Brasil, é nula e, provavelmente, Caxias sabia disso. O fato é que suas palavras trazem o desejo de querer ver tal realidade em seu próprio país.

⁸⁹ POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981. p. 279.

⁹⁰ CAXIAS, Marquês de. Apud. POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981. p. 293.

⁹¹ Idem.

Até o momento, o leitor poderia entender que, a postura de Caxias se dera como o “doloroso” cumprimento de uma obrigação para com sua pátria e que este, talvez, estaria disposto a não levar o confronto às últimas conseqüências, caso houvesse a possibilidade de um acerto diplomático. Entretanto, numa de suas mais conhecidas declarações, confessa que o cessar fogo só ocorreria quando seus inimigos deixassem de existir, literalmente.

“[...] quanto tempo, quantos homens, quantas vidas e quantos elementos e recursos precisaremos para terminar a guerra, isto é, para converter em fumaça e pó toda a população paraguaia, para matar até o feto do ventre da mulher”⁹²

2.1.2 *López e Caxias: atores de um genocídio*

No prefácio de *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*⁹³, Chiavenatto faz uma denúncia à maneira pela qual a história da Guerra do Paraguai fora contada, desde o seu término. Ressalta a importância deste evento para os países envolvidos, sendo sua causa a influência do capital inglês. Aponta a existência de um “silêncio criminoso”⁹⁴, uma maneira de encobrir os fatos da guerra.

“[...] apesar de a Guerra do Paraguai ser o marco mais importante da nossa história e que mais repercussões teve para o povo brasileiro, faz-se silêncio. Ou mente-se. Ou, num comportamento ingênuo criticamente, mas que tem conseguido seus resultados, conspurca-se a história e a verdade, alimentando a fantasia nacionalista, com episódios heróicos e militaristas.”⁹⁵

Pelo que é possível notar, o autor ao sentenciar como mentirosas as versões até então apresentadas para a guerra, se torna possuidor de uma verdade que, conforme dito anteriormente, estaria encoberta. Segundo ele, uma das estratégias utilizadas para tal fim, fora a exacerbação de um patriotismo. Dessa forma, os escritores oficiais (leia-se,

⁹² CAXIAS, Marquês de. Apud. POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1981. p. 293.

⁹³ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. Op. Cit.

⁹⁴ *Ibidem*. p.9

⁹⁵ *Idem*.

militares) evocavam, aleatoriamente, momentos esparsos do conflito, enfatizando os atos “heróicos” do alto comando. Por vez ou outra, estes atribuíam uma parcela do sucesso obtido aos soldados, mas, este só teria acontecido, graças à eficiência dos oficiais.

Não havia espaço para questionamentos ou qualquer tipo de desconfiança do que estava sendo dito. Comportamentos dessa espécie eram tidos como ilegítimos e antipatrióticos. Enfim, o que Chiavenatto propõe é, justamente, fazer o que não podia ser feito. Para tanto, defende a possibilidade de se chegar a uma verdade *irrespondível, indesmentível e fartamente documentada* ⁹⁶.

Ao mesmo tempo em que é enfático em suas acusações das primeiras narrativas sobre a guerra, dá a entender que, o contexto daqueles autores não poderia permitir outro tipo de descrição. Seu posicionamento reforça o que foi apresentado no primeiro capítulo, como uma das características da historiografia tradicional, ou seja, a proximidade com o Império:

“Como se sabe, a história brasileira, até o primeiro quartel deste século, foi escrita por historiadores oriundos do Império. Foram eles que, mesmo após a Proclamação da República, abordaram nossos principais fatos históricos. A própria história da República, nos seus primórdios, foi escrita por historiadores do Império. E eles sedimentaram conceitos e opiniões básicos da nossa historiografia. Não seria de esperar desses homens, monarquistas e maioria deles agraciados com favores especiais do moribundo Império, uma visão crítica dos fatos.” ⁹⁷

Sendo possível apresentar, ainda, um fator de impedimento para a elaboração de alternativas à interpretação da guerra, este seria a impossibilidade de acesso aos seus documentos mais importantes. Para ele, esta foi a razão pela qual não se realizou o rompimento com uma abordagem superficial, limitada à enumeração e à descrição da rotina do confronto e de suas batalhas. É intolerante com a grande importância dada às minúcias as quais, não tiveram outra finalidade, senão, a de promover o culto aos grandes homens, à medida que, até traziam as dificuldades e limitações das batalhas, mas, assinalavam, com maior intensidade, os “belos feitos” da chefia.

Eis o momento em que o autor apresenta o seu argumento, ou melhor, a responsável pela ocorrência da guerra: a Inglaterra. Este país, segundo ele, foi quem

⁹⁶ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.10.

⁹⁷ Idem.

armou a Tríplice Aliança para a destruição da “*heróica e florescente República do Paraguai*”,⁹⁸ previsão otimista para o mesmo, caso o conflito não tivesse ocorrido.

Tal posicionamento do autor – um jornalista e não um historiador – se torna mais evidente, no momento em que afirma que o Paraguai, caso não fosse aniquilado na guerra, teria as condições suficientes para resistir à dominação de homens como Mitre, Venâncio Flores e Pedro II, denominados, respectivamente, como tirano mistificado de civilizador, caudilho criminoso e mero joguete nas mãos do capital internacional.⁹⁹

Visando enumerar as causas da guerra, o autor prioriza a idéia de que a principal delas foi o fato de a Inglaterra ter financiado a Tríplice Aliança para a destruição do Paraguai o qual, era uma ameaça aos interesses britânicos na região platina. Argumenta, também, com questões territoriais, porém, sem dar muita importância às últimas. Mas são as “razões ideológicas” (grifo do autor) que mais possibilitam um aprofundamento para esta pesquisa. Estas estariam relacionadas às acusações a López e ao seu governo “tirânico”.

Provavelmente, a intenção inicial de Chiavenatto teria sido a de tentar compreender o porquê da pouca ou escassa utilização do fator econômico para explicar os motivos da guerra. Enfatiza, entretanto, os enfoques preferidos dos seus antecessores, ou melhor, aqueles que foram usados para “mascarar” ou negligenciar a influência do capital estrangeiro – inglês – para fomento da guerra. Novamente, aborda a preocupação daqueles autores em detalhar as batalhas. Contudo, reconhece dentre as obras que qualifica como alienadas¹⁰⁰, o testemunho daqueles que presenciaram a guerra. Um deles, inclusive, fora abordado no primeiro capítulo deste trabalho: “[...] *Jou como o Coronel José Bernardino Bormann, lembrando um autor sério e geralmente desconhecido do público.*”¹⁰¹

A parte desta obra na qual, começa a se delimitar o posicionamento deste autor sobre Caxias, é introduzida por uma única frase. “*Criaram-se os mitos*”¹⁰². Esta é, mais uma vez, a síntese de toda a sua desconfiança em relação a uma história que começara a ser escrita ainda no Império. Contudo, não seria possível identificar, nessas poucas palavras, o alívio de quem encontra, finalmente, um argumento à sua causa? Ao que

⁹⁸ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.14.

⁹⁹ Ibidem. p.10.

¹⁰⁰ Ibidem. p.11.

¹⁰¹ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.10.

¹⁰² Ibidem. p.12.

parece, o autor busca nas próprias marcas da historiografia tradicional, a prova da debilidade da história da Guerra do Paraguai. Enfim, cita a criação dos heróis nacionais e, em que medida, isto teria sido usado para desviar as atenções daquela que seria, a seu ver, a abordagem primordial, ou seja, a econômica.

A possibilidade de uma abordagem não enaltecadora de Caxias é comentada em tom irônico: “*Como escrever sobre a Guerra do Paraguai, sem uma abordagem crítica, não apologética, de Caxias? A qualquer homem de bom senso isso parecerá impossível.*”¹⁰³ Isto significa que, Chiavenatto estaria defendendo a idéia de que não seria possível acreditar numa história que não permitia ser contestada.

“Ou seja, para a historiografia oficial, a história da Guerra do Paraguai já estava escrita. Já estava pronta e acabada. Qualquer versão que contrarie seus preconceitos está tacitamente proibida. Para comprovar essa posição reacionária e anti-histórica, proíbe-se o acesso aos documentos que o Brasil possui sobre a guerra: praticamente toda a documentação sobre Francisco Solano López e do governo paraguaio desse período foi capturada pelos brasileiros em Cerro Corá ou no saque a Assunção.”¹⁰⁴

Novamente, Chiavenatto ataca a prática dos seus antecessores ao se remeter à preocupação com os detalhes da guerra, apresentando-a como *o exercício de cata as pulgas dos detalhes históricos*.¹⁰⁵ Mais do que isso, esboça o que poderia ser a sua contribuição para a educação ao dizer que, tal conduta limitaria o desenvolvimento de uma prática didática bem sucedida, ao apontar, à exaustão, nomes, números, datas e movimentos de guerra, acabando por limitar o surgimento de novas possibilidades de análise. E, nem é preciso muito esforço para identificar, nesse posicionamento, a defesa pelo estudo da guerra pelo viés econômico.

Chiavenatto parecia prever as críticas que sua obra sofreria décadas mais tarde. Antes mesmo de iniciar o primeiro capítulo de seu livro, fala de sua condição diante dos estudos sobre a Guerra do Paraguai, sinalizando os caminhos que percorrerá em sua obra, sem deixar de reforçar a sua tese da influência britânica.

“[...] este livro não é um ‘livro de história’. O autor não é um historiador. Esta é uma abordagem crítica da Guerra do Paraguai,

¹⁰³ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.12.

¹⁰⁴ *Ibidem*. p.13.

¹⁰⁵ *Idem*.

tendo em vista a sua causa fundamental – os interesses do capital inglês –, mas sem se descuidar do lado político e militar. Político naquilo que representou para o Brasil e os beligerantes e, principalmente, para a América Latina no seu todo. E militar, pelas características especiais que os exércitos empregaram, especialmente o paraguaio, que teve que criar técnicas próprias de luta, além de fabricar suas armas.”¹⁰⁶

Para Solano López, foi reservado, nessa obra, um lugar mais confortável, digno do mais “*injustiçado dos grandes heróis latino-americanos*”.¹⁰⁷ Esta é a forma pela qual se refere ao inimigo da Tríplice Aliança. Logo, tal caracterização serve para confirmar que, sua obra tende a defesa deste e do seu país. E, mesmo recomendando ao leitor que leve em consideração o fato de sua escrita estar carregada de paixão, ainda assim, é possível utilizá-la em uma análise histórica, pois, se tornou referência, durante muitos anos, para os estudos sobre a Guerra do Paraguai.

2.1.3 “*Injustiças*” a um presidente

Em seus primeiros posicionamentos sobre López, Chiavenatto ressalta que, desde cedo, o filho de Carlos Antonio assumira grandes responsabilidades em seu país, como, por exemplo, ao falar da sua participação no governo desde os dezoito anos e ao citar importantes realizações políticas, dentre elas, a sua participação no processo de pacificação das províncias argentinas e a negociação com o Barão do Rio Branco sobre o tratado que permitiria ao Império brasileiro navegar pelos rios do Paraguai.¹⁰⁸ Além disso, ainda no período de gestão de seu pai, López começa a formar o exército do país.

Mas, como este jovem conseguira reunir tantas competências com tão tenra idade? A explicação dada pelo autor é a de que Carlos Antonio teria inteirado seu filho de assuntos relacionados ao comando do país, mesmo quando este ainda era bem jovem. Soma-se a esta proximidade, o fato de ter sido enviado à Europa onde obteve conhecimento políticos, econômicos e culturais, chegando, inclusive, a participar da corte de Napoleão III.

Após destacar a precoce inserção de López no governo de seu país, Chiavenatto começa a enumerar, mais detalhadamente, aspectos relativos à família de López, por

¹⁰⁶ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.13.

¹⁰⁷ Ibidem. p. 14.

¹⁰⁸ Ibidem. p. 47.

exemplo, ao apontar a religiosidade de seus tios, sendo um deles, Francisco de Paula López seguidor do misticismo e chamado de *El Filósofo*, dado o seu estilo de vida introspectivo. Sobre a mãe, aponta a simplicidade de Juana Pablo Carrillo e o fato desta possuir algumas terras no interior.

Porém, após ressaltar estas especificidades das origens de López, Chiavenatto se refere ao mesmo utilizando uma expressão muito interessante, que fora a sua mais veemente definição do jovem líder da nação guarani: segundo ele, López fora “*a figura histórica mais caluniada e ofendida da história americana.*”¹⁰⁹ Nesse momento, se torna mais evidente o desejo do autor em advogar a causa de López.

Começa a defesa, justificando o motivo pelo qual López teria sido o escolhido para cuidar da defesa armada do Paraguai. De imediato, faz questão de desconstruir possíveis explicações para este fato. Por exemplo, demonstra uma certa irritação com aqueles que poderiam dizer que López teria sido agraciado por um benefício dinástico, ou ainda, por aqueles que defendiam a idéia de que sua nomeação se dera em razão de suas capacidades intelectuais e de seus conhecimentos militares adquiridos, principalmente na Europa. Mas, afinal, qual a explicação de Chiavenatto para o fato de ter sido López o eleito de seu próprio pai para se encarregar da formação do exército paraguaio? A resposta é: o improvisado.

Esta foi a justificativa dada pelo autor, pois, segundo ele, López pai teve que utilizar aquele que lhe era mais próximo, o mais informado dos detalhes de seu governo e aquele que menos chances tinha de contrariar as suas instruções. Ou seja, o autor rechaça toda e qualquer explicação que pudesse remeter a idéia de nepotismo. Por outro lado, o que parecia ser um desafio a López, ganha reforço com a especificidade do seu povo a qual, teria lhe permitido um ambiente favorável à elaboração de estratégias de defesa, mesmo antes da iminência da Guerra do Paraguai.

“Com um exército improvisado em armas e oficiais, mas com soldados conscientes da necessidade de defesa da pátria – porque a estrutura popular de governo estimulava a participação dos cidadãos da República – Francisco Solano López fazia nascer a mais coesa e disciplinada força militar da América do Sul.”¹¹⁰

¹⁰⁹ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 48.

¹¹⁰ Idem.

Enfim, no que diz respeito ao ingresso de López no comando militar de seu país, o autor faz questão de deixar bem claro, em vários momentos do texto que, isto teria sido um desdobramento “natural” de uma necessidade de defesa do seu país e não, de um presente de pai para filho ou um prêmio à valorização de uma inteligência ímpar. Aliás, o próprio autor, se não menciona o brilhantismo de López como condição à sua nomeação, demonstra entusiasmo ao falar da política externa empreendida pelo mesmo, pois, ao tratar das relações diplomáticas que López estabeleceu na Europa, ressalta a sua postura responsável e comprometida com o desenvolvimento de seu país.

“Não era um filho do presidente que fazia turismo: era o futuro estadista procurando objetivamente trazer para o seu país as condições básicas de desenvolvimento, importando, não produtos manufaturados, mas homens e máquinas que fortaleceriam no Paraguai com mais eficiência do que já se fazia, um parque industrial que era único na América do Sul.”¹¹¹

Vários aspectos da vida de López são evocados pelo autor como possível meio de isentá-lo de tão grande culpa, como a que lhe fora atribuída pela historiografia tradicional. Um deles, diz respeito à sua vida íntima, ao seu relacionamento com a irlandesa Elisa Lynch. Segundo Chiavenatto, Madame Lynch havia sido acusada, nos primeiros livros que surgiram após a guerra, de insuflar o marechal a subjugar os povos vizinhos e a coroar-se o “Napoleão das Américas”.¹¹² E, para contradizer esta acusação, por ele chamada de grosseira, diz que, ela fora apenas a sua mulher que, também se sacrificou durante a guerra, acompanhando-o até a sua morte. Mais ainda, reforça a abnegação de Lynch ao se sujeitar a tão grandes sofrimentos, quando poderia desfrutar de todo luxo e conforto, caso se refugiasse na Europa.

Sobre as relações estabelecidas por López na América do Sul, o autor destaca o fato de que este soubera aproveitar as oportunidades de contato, para se fazer respeitar por seus vizinhos. Isto porque, ao retornar de uma de suas viagens à Europa, trouxe consigo profissionais que ajudariam no aperfeiçoamento da indústria paraguaia, principalmente, no que diz respeito à siderurgia e à mineração. Neste trajeto, passara pelo Brasil, onde esteve com D. Pedro II. Porém, foi em uma conversa com André

¹¹¹ CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 49.

¹¹² *Ibidem* p. 50.

Lamas, diplomata uruguaio, o momento em que López teria apresentado a sua postura, já de alerta, caso seu país fosse vítima de algum tipo de hostilidade.

“Se alguma vez se repetirem agressões como a de Rosas ao Uruguai, venham de onde vierem, pensem os orientais que existe um povo, metido entre as selvas do continente, que os saberá fazer respeitar. O Paraguai vai poder o que não tem podido (...) Ninguém sabe o destino que o espera e, quanto ao meu país, se algum pensamento o agita é pensar na política do rio de La Plata, em um sentido pacífico e sem mais propósito que se conserve o atual equilíbrio, buscando nele a garantia de sua própria conservação e autonomia, benefício que perigaria o dia em que a Argentina e Brasil, os eternos rivais, cheguem um ou outro a preponderar decididamente e sem controle nessa parte da América”¹¹³

Antes mesmo de começar a falar da participação de López na guerra, Chiavenatto destaca a intensa participação do mesmo no governo de seu pai. Atuou na resolução de incidentes diplomáticos¹¹⁴ que envolveram o governo norte-americano. Este fora um momento de aprendizado para López, pois, contribuiu para sua formação política, servindo como um alerta para o fato de que a hostilidade estrangeira poderia encontrar apoio em seu próprio país, à medida que, as oligarquias que sofreram restrições mediante o combate à riqueza decretado, implacavelmente, por Carlos Antonio López, poderiam se solidarizar com os norte-americanos, tornando-se uma ameaça à integridade da República.

Apostar na “inocência de López” foi um dos caminhos tomados por este autor. Faz isto, dizendo que, o grande erro do presidente paraguaio foi ter elevado o potencial de desenvolvimento de seu país, sem medir as implicações disso. A criação do contraste, não o intimidava. E, apesar de presenciar a habilidade de seu pai para contornar os incidentes diplomáticos, acreditaria que os problemas com os outros países seriam resolvidos com a mesma facilidade.

Segundo o autor, tal falta de percepção teria sido fatal à integridade de seu país. Ou seja, López segue o exemplo de Carlos Antonio na busca pelo avanço do Paraguai,

¹¹³ LÓPEZ, Francisco Solano. Apud. CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 50.

¹¹⁴ Segundo Chiavenatto, o mais grave destes incidentes ocorreu no início da década de 1850, quando o navio norte-americano *Water Witch*, após navegar por um trecho do rio Paraná que era proibido, pelo governo do Paraguai, aos estrangeiros, é metralhado. Em represália, o governo dos Estados Unidos manda uma esquadra com um exército de desembarque contra o Paraguai.

porém, deste também herda a mesma deficiência na administração, a de não tratar com a devida importância do fato de que estava transformando seu país numa exceção na América do Sul. Tal negligência acarretou tal nível de tensão – a própria guerra – cujos desdobramentos não puderam ser evitados, a tempo, pela diplomacia.

De certa forma, esta obra é favorável a López, pois, após ter apontado esta falha no governo paraguaio, imediatamente, o autor aponta um fator conjuntural o qual, teria influenciado, de forma significativa, a gestão do presidente: a inexistência de uma classe dirigente com a qual pudesse discutir as questões mais importantes para o seu país. Este pode ser considerado um argumento interessante à defesa de López, à medida que, consistiu num atenuante ao impacto de suas decisões.

“Convém lembrar, embora pareça repetitivo, que a falta de uma classe dirigente deixa tanto Carlos Antonio como Francisco Solano López a sós à frente do governo. Eles, como líderes e homens de Estado têm que tudo prover e tudo atender. Não fosse a sólida economia do país e sua imperturbável paz política, fatalmente, o Paraguai seria dilacerado muitos anos antes. A incapacidade analítica da situação internacional, relaciona-se, portanto, coma a falta de uma classe dirigente ligada aos interesses nacionais e apoiada ao governo.”¹¹⁵

Com a descrição de incidentes que mostraram a intolerância britânica em relação a López, o autor conduz o seu texto ao seguinte questionamento:

“Por que, a presença da Inglaterra, mesmo quando é atrevida e ostensivamente agressiva dentro do maior despropósito nas relações internacionais, não foi entendida realmente por Francisco Solano López?”¹¹⁶

Segundo Chiavenatto, apesar de todo o progresso paraguaio, não existiu uma intelectualidade com a capacidade crítica para apreender, dialeticamente, a realidade nacional, em face dos seus vizinhos e da Inglaterra.¹¹⁷ Nessas condições, era a partir das circunstâncias imediatas que López direcionava suas atitudes. Por isso, apesar de ser um homem culturalmente habilitado às discussões complexas, não havia com quem engendrar um debate sobre as possíveis origens dos problemas políticos de seu país.

¹¹⁵CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 54.

¹¹⁶Ibidem. p. 57.

¹¹⁷Idem.

Até o momento, foram apresentados dois aspectos através dos quais, Chiavenatto conduziu a descrição de López: o seu elevado nível cultural que o fez enxergar na modernização de seu país, a chave para o progresso e a sua incapacidade de visualizar os descontentamentos e resistências que a sua forma de governar desencadeou, principalmente, na Inglaterra.

Finalmente, aponta a conjuntura política dos beligerantes da qual, o Paraguai e o seu presidente se tornaram “vítimas”:

“É dentro desse quadro sul-americano – um Paraguai autenticamente nacionalista e de economia emancipada e o Império do Brasil e Confederação Argentina instáveis politicamente e com uma economia nas mãos dos ingleses – que morre em 1862 Carlos Antonio López. E, fruto da ambiência, da luta pela soberania nacional, limitado pelas próprias pressões externas que se fazem ao Paraguai, que um homem de trinta e seis anos assume a presidência da República do Paraguai. Começa a maior tragédia americana. Nasce o maior líder de povos da América: Francisco Solano López, herói da resistência popular ante o avanço do imperialismo popular.”¹¹⁸

Tendo em vista a semelhança de posicionamentos entre Pomer e Chiavenatto, é possível entender a razão pela qual este último pode ser considerado seguidor do primeiro. A valorização do enfoque econômico para explicar as causas da guerra é o que os aproxima. Outro aspecto semelhante entre ambos é o tratamento que destinaram aos nossos personagens.

López, para estes autores, foi um homem incompreendido pela opinião pública internacional e ultrajado em seu próprio território. Isto, se desconsiderado o fato de que, em 1864, fora ele quem invadira o Mato Grosso, argumento utilizado pela historiografia tradicional e considerado por seus membros o estopim da guerra. Pelo que pôde ser observado, abundam nestas obras, manifestações de solidariedade ao presidente paraguaio. Cada um, à sua maneira, evidenciou o perigo que López expôs o seu país ao desenvolvê-lo a ponto de deixar de “mau-humor” a economia britânica.

2.1.4 O jeito “Caxias” de se fazer a guerra

¹¹⁸CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.58.

Interessante notar que, se na historiografia tradicional o Visconde de Maracaju¹¹⁹ utilizou as palavras de López para acusá-lo, agora, é a vez de Caxias ser tratado da mesma forma. Ou seja, embora com alvos diferentes, foi possível identificar a repetição de uma mesma “artimanha” discursiva.

Por exemplo, ao tratar da contaminação das águas do rio Paraná com cadáveres coléricos, Chiavenatto transcreveu o despacho ao Imperador, escrito pelo comandante, em 18 de setembro de 1867:

“O General Mitre está resignado plenamente e sem reservas às minhas ordens; ele faz quanto eu lhe indico, como tem estado muito de acordo comigo, em tudo, ainda enquanto a que os cadáveres coléricos, se joguem nas águas do Paraná, já da esquadra como de Itapiru, para levar o contágio às populações ribeirinhas, principalmente, às de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé que lhes são opostas (...) O General Mitre também está convencido que devem exterminar-se os restos de forças argentinas que ainda lhe quedam, pois delas não divisa senão perigos para a sua pessoa.”¹²⁰

Neste caso, a confissão de Caxias foi usada por este autor, provavelmente, para mostrar que, se nos textos de seus companheiros militares, o comandante brasileiro demonstra grande preocupação com a integridade dos soldados (dos seus soldados), determinando o cumprimento rigoroso de medidas de higiene, nesta situação, parece não ter os mesmos “objetivos sanitários”, outrora manifestados. Logo, a ênfase a tal conduta, não teria sido dada somente para dar um contorno macabro à atuação de Caxias, mas também, para reforçar o antagonismo em relação ao que fora dito pelos autores tradicionais.

Nos relatos dos autores apresentados no capítulo I, Caxias tinha como incentivo ao seu empenho na guerra, o desejo de servir a Pátria, talvez, esperando como única recompensa, a possibilidade de nunca mais ser esquecido por ela. Entretanto, de acordo com Chiavenatto, o Imperador teria buscado motivar Caxias, oferecendo-lhe o metal mais precioso que existe. Mas, o importante, nesta situação é analisar o caráter atribuído à tal compensação:

¹¹⁹ MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay* (1867 e 1868). Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922.

¹²⁰ CAXIAS, Marquês de. Apud. CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 139.

“Vossa Majestade houve por bem encarregar-me muito especialmente o emprego do ouro, para acompanhado do sítio aplinar a campanha do Paraguai, que vinha fazendo-se demasiadamente longa e carregada de sacrifícios, e aparentemente impossível pela ação das armas; mas o ouro, Majestade, é matéria inerte contra o fanatismo pátrio dos Paraguaiois desde que estejam sob o olhar fascinante e o espírito magnetizador de López.”¹²¹

O contato do brasileiro com um político de pouca credibilidade no Prata, também foi apresentado por este autor, como um argumento prejudicial à “honra” de Caxias. Segundo o autor, ele teria recebido um auxílio de Charles Washburn, diplomata norte-americano que, nesta obra, é descrito como traiçoeiro e inescrupuloso o qual, a princípio, chegou a ganhar a confiança de López, ao ser incumbido da compra de armas e provisões – o que não foi feito – para o Paraguai. Washburn, em dado momento, manteve conversas com Caxias a quem prestou importantes informações sobre o inimigo.

Conseguiu esta aproximação, após ter se oferecido a López como mediador da paz, mesmo sabendo que, àquela altura da guerra, esta não seria alcançada com acordos diplomáticos. Logo, à medida que Caxias tem seu nome relacionado ao de um homem de caráter dúbio, poderia ser visto como alguém de personalidade semelhante o que, de certa forma, seria muito interessante à retórica revisionista, dada à possibilidade de crítica que acaba por despontar nesta situação.

Em contrapartida, sendo a fidelidade algo inexistente na conduta de Washburn, até mesmo Caxias, teria recebido deste o “castigo” por se beneficiar dos frutos de uma conspiração. Isto pode ser exemplificado quando Chiavenatto, mesmo reticente, – pois, afinal, se trataria de palavras de alguém que não era digno de confiança – transcreve o que, segundo Washburn, seria uma prova dos interesses imperialistas do comandante brasileiro:

“Palavras de Caxias, segundo Washburn:

Há anos que o Peru e o Equador nos estão embromando sobre a navegação do Rio Amazonas, mas a qualquer momento temos de

¹²¹CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p.146.

resolver a questão e tirando-lhes a matéria de discussão. É tempo que o Império acerte seus limites com essas velhacas Republicuetas, e seguramente não temos de ceder um ápice de nossas antigas pretensões, mas assentaremos o principio de que o Rio Amazonas nos pertence por inteiro, com todos os seus afluentes, até onde estenda a navegação deles.

O Brasil não pode admitir que essas Republicuetas nos insultem e nos puxem a barba, como se comprazem em fazer agora, nem menos que com seus Congressos de Lima nos pretendam impor leis internacionais! Faz tempo que temos a vista fixa sobre aqueles mundos, e a expedição de Pinzon era o resultado de uma combinação que havíamos feito com a Espanha, e como V. Excia. pode recordar, a esquadra dele demorou muito tempo no Rio de Janeiro, para não deixar incompleto o acordo. Ademais, todo aquele aparato de uma expedição científica, não era mais que uma parte da farsa que jogamos então com a Espanha, para introduzir nossos espiões em todas as partes. Aqueles sábios naturalistas da expedição tiveram grandes consultas com nossos ministros e com o Imperador mesmo, e o menos que se tratava, era de assuntos científicos! Recordará V. Excia. que o capitão Navarro e o jovem Pinzon, sobrinho do almirante, vieram ao Paraguai, com o pretexto de buscar madeira para o timão do barco do almirante! Que lhe parece? Não está longe que o Império faça uma aliança ofensiva com a Espanha, contra as Repúblicas do Pacífico e já temos sido consultados em efeito pelo ministro espanhol Gonzales Bravo, que é o verdadeiro diretor da política da Espanha...”¹²²

A transcrição das palavras de Caxias foi usada para reforçar uma caracterização oposta a que lhe foi atribuída na historiografia tradicional. Por isso, é possível afirmar que, o revisionismo, a partir da idéia que o próprio nome sugere, é uma crítica e, como tal, suscita a atenção sobre quem a produz, pois, neste caso, se faz necessário entender como esta corrente historiográfica se constituiu num outro esforço de compreensão sobre quem teria sido López e Caxias e como estas descrições foram difundidas. No Brasil, isto ocorreu, principalmente, através de Chiavenatto.

Seus leitores tiveram acesso à história da guerra, vista por um de seus ângulos que, à época, foi considerado o mais “sensato”. Mas, afinal, em que medida, isto afetou o conhecimento das histórias de nossos personagens? Possivelmente nas definições que estes autores deixaram em suas obras e no fato destas terem sido assimiladas, naqueles anos e, quem sabe, até hoje, como a interpretação “correta” dos fatos.

Com sua explicação pautada no fato de que o intervencionismo britânico teria sido crucial para o confronto, o revisionismo acabou por instituir uma outra

¹²² CAXIAS, Marquês de. Apud. CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 184.

interpretação para a guerra. Sua crítica estava direcionada aos relatos nos quais o importante era a obediência à cronologia do evento e aos detalhes das batalhas. Como forma de dispensar uma outra forma de tratamento ao evento, propôs a sua tese da participação britânica.

O revisionismo brasileiro sobre a guerra surgiu numa época em que, na América Latina, os ânimos revolucionários estavam exaltados, pois, governos ditatoriais eram uma realidade comum a vários países, inclusive, no Brasil. Logo, esta conjuntura de tensão pode ser utilizada para a compreensão sobre o que teria possibilitado o surgimento de idéias contrárias às definições tradicionais. Cabe lembrar a origem daqueles que, desde o término da guerra e na maior parte dos casos, formaram os conceitos que se sedimentaram sobre este evento, ou seja, os militares.

2.3 *Revisionismo, López e Caxias: uma síntese*

Tendo em vista as obras analisadas anteriormente, é possível enumerar, sinteticamente, os aspectos que estas têm em comum, no que diz respeito às descrições de López e Caxias: enquanto o paraguaio foi apresentado como um presidente dinâmico e progressista o qual, por estas razões, teria sido a “vítima” da Tríplice Aliança, Caxias, por sua vez, fora tratado como um comandante altivo que, não teria medido esforços – dos seus soldados – para derrotar o seu inimigo. Entretanto, não é cultuado como na historiografia tradicional, sendo esta atitude, inclusive, muito condenada por Chiavenatto e por outros autores que partilhavam de suas idéias.

Ao estabelecermos uma diferenciação entre o revisionismo e a historiografia tradicional, concluímos que, foi o tratamento crítico dado aos personagens que, permitiu o surgimento de diferentes interpretações para os mesmos. Isto implica admitir que, os eventos importantes do passado não chegam até nós *in natura*, pois, foram utilizados de formas diferenciadas pelos autores e isto, faz entender que, tanto López como Caxias receberam as mais diversas e, às vezes, conflitantes traduções.

E, com base em tais características, indagamos: o que teria permitido esta “mudança de rumos”, em relação à historiografia tradicional? Para buscar satisfazer, ainda que minimamente, tal questão e, buscando compreender, especificamente, as descrições dos revisionistas, enquanto “tradutores de López e Caxias da historiografia

tradicional”, propomos a reflexão sobre o seguinte posicionamento do teórico inglês Terry Eagleton¹²³:

“É difícil ver a crítica (história) como nada mais que uma disciplina ‘pura’. Suas origens parecem espontâneas, sua existência, natural: existe a literatura, e assim, porque queremos compreendê-la e avaliá-la, existe também a crítica [...] Mas a crítica, na qualidade de serviço da literatura, acaba impedindo em toda a parte [tal compreensão]. Se a função da crítica é facilitar a difícil passagem do texto ao leitor, elaborar o texto de modo que você possa consumi-lo com menos dificuldade, como é que a crítica pode evitar interpor sua própria sombra entre o produto e o consumidor, eclipsando o objeto? [...] Parece que, a crítica é surpreendida numa contradição insolúvel.”¹²⁴

Finalizamos este capítulo com estas palavras de Eagleton, pois, de uma certa forma, elas se relacionam ao que apresentamos. Tanto as descrições de López, quanto as de Caxias feitas pelo revisionismo brasileiro, ainda que já contestadas, trazem as marcas de uma escrita questionadora do que poderia ser considerado “oficial” ou, tradicional. Logo, porque não acreditar no surgimento de um herói paraguaio e de um duque servil ao imperialismo britânico, no período da ditadura militar? E, o que dizer quando estes personagens sobreviveram ao fim deste regime e continuaram sendo recriados às vésperas do ano 2000? O que foi feito para que tais personagens fossem reinventados?

¹²³Terry Eagleton é intelectual marxista inglês o qual, trata, dentre outros temas, da definição de ideologia. Segundo ele, faz-se muita confusão quanto a delimitação deste conceito. É mais favorável à interpretação de que a ideologia é o que une o que pode ser dito ou escrito aos interesses políticos e não apenas algo a ser disseminado por uma minoria em benefício próprio. Ver: TERRY, Eagleton. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora UNESP; Editora Boitempo, 1997.

¹²⁴EAGLETON, Terry. Apud. JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Editora Contexto, 2001. p. 71.

Capítulo III

A historiografia contemporânea brasileira sobre a Guerra do Paraguai

As reflexões que apresentaremos neste capítulo têm como principal objetivo, refletir sobre os caminhos e as estratégias adotadas, respectivamente, por Ricardo Salles¹²⁵ e Francisco Doratioto¹²⁶. Os selecionamos, pois, encontramos em suas respectivas obras a possibilidade de serem analisadas as descrições sobre nossos personagens, a partir dos posicionamentos destes autores sobre as ações de López e Caxias as quais, teriam contribuído para uma desejada ordem social no interior de seus respectivos campos beligerantes.

Contudo, não ignoramos a existência de outros trabalhos que, tratam da guerra e dos nossos personagens. Dentre eles, podemos citar, por exemplo, as obras de Celso Castro¹²⁷, Wilma Peres Costa¹²⁸, Jurandir Malerba¹²⁹, Lilia Moritz Schwarcz¹³⁰ e Adriana Barreto de Souza¹³¹.

Enfim, com base nos livros de Salles e Doratioto, refletiremos sobre os critérios utilizados por estes, a partir dos quais, será possível caracterizarmos a corrente historiográfica contemporânea, durante a nossa busca pelos indícios que atestam a preocupação dos nossos personagens com a manutenção de um *status quo* em suas respectivas e imediatas realidades. Em seguida, abordaremos as implicações das reflexões desta corrente historiográfica para o estudo da própria Guerra do Paraguai, nos últimos anos.

¹²⁵SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

¹²⁶DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹²⁷CASTRO, Celso. *Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do exército brasileiro*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 4, nº25, 2000.

¹²⁸COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1996.

¹²⁹MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da independência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹³⁰SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹³¹SOUZA, Adriana Barreto de. *Entre o mito e o homem: Caxias e a construção de uma heroicidade moderna*. In: Lócus: Revista de História, Vol. 7, nº 1. Juiz de Fora: UFJF, 2001. p. 93-196.

3.1 Caxias e a inclusão excludente

Elaborado no final da década de 1980, o livro *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*¹³² do historiador Ricardo Salles será a primeira obra analisada. Salientamos na mesma, as medidas adotadas por Caxias e a forma cautelosa com a qual tratou do ingresso de ex-escravos e de elementos das camadas baixas da população no exército, reestruturado pelo mesmo. O ponto no qual devemos nos ater é o fato de o comandante brasileiro ter ajudado na reprodução, no interior desta instituição, do mecanismo de exclusão social, característico da sociedade imperial e escravista.

Antes de engendrarmos qualquer discussão a este respeito, é necessário mencionar aspectos relativos à tarefa pela qual Caxias foi reconhecido, embora com proporções diferentes, na maioria das obras brasileiras sobre a Guerra do Paraguai: a reorganização das forças militares, tanto no maior aprovisionamento que promovera, como pela disciplina que impôs às tropas.

De acordo com este livro, ao mesmo tempo em que propôs uma nova forma de se lidar e cuidar dos seus soldados, Caxias supriu muitas das carências dos mesmos, tanto em termos de armamentos, alimentação, vestuário e, principalmente, na imposição de medidas sanitárias que amenizariam os efeitos da epidemia de cólera.

As descrições do surto desta moléstia, na maioria das obras tradicionais, impressionam pelo elevado número de perdas que é apresentado. Por isso, Salles utiliza, inclusive, palavras do próprio Caxias para sinalizar um certo exagero nas descrições feitas por alguns autores : “ *a cólera tem continuado a fazer algum estrago nos nossos soldados, pois já tenho dias de perder dessa enfermidade 12 homens; há porém uma semana que ela tem diminuído muito.* ”¹³³

Notamos que, o grande desafio de Caxias teria sido o de articular com o governo imperial medidas que viabilizassem o reforço material ao exército e o estabelecimento de estratégias de combate compatíveis àquela realidade. Segundo o autor, a *máquina administrativa* que garantiria a superação de tais necessidades era excludente, assim como as normas que regiam a sociedade imperial.

Os dados apresentados até o momento servem de base para a compreensão de que, o exército, já sob o comando de Caxias, tinha em sua gênese a *contradição entre as*

¹³² SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. Op. Cit.

¹³³ CAXIAS. Marquês de. Apud. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p. 128.

*exigências políticas e estratégicas de constituição de um exército nacional moderno e as bases da sociedade escravista.*¹³⁴ Ou seja, se é possível perceber antagonismos entre a instituição que se almejava, as condições reais das tropas e as relações estabelecidas no interior das mesmas, concluímos que, Caxias foi descrito como um indivíduo que era bem mais que uma autoridade militar deste contexto, uma vez que, suas ações influenciariam na manutenção da ordem segregacionista estabelecida no Brasil imperial do século XIX.

Através das descrições de suas ações, como veremos adiante, teria impedido certas mobilidades no interior do exército que, pudessem comprometer a lógica da sociedade escravista, causando prejuízo àqueles que dela se beneficiavam. Desta forma, houve uma limitação à prosperidade de negros forros e demais livres pobres.

Enfim, para a compreensão das medidas adotadas por Caxias as quais, garantiriam a manutenção das diferenças no interior do exército, é fundamental a reflexão sobre os posicionamentos do autor, em relação aos parâmetros que teriam impulsionado o comandante brasileiro na busca pelo combate e pelo soldado “ideais”.

Para Caxias, o nível de desenvolvimento de um povo, ou melhor, o seu grau de “civilização”, poderia ser medido, também, a partir da conduta de seu exército. Isto significa que, para ele, a bravura tinha seus limites. Por isso, Salles ressalta que, o comandante brasileiro defendia, dentre outras condutas, a não realização de saques, o respeito à propriedade privada e aos civis, além da cautela no trato com os prisioneiros.¹³⁵

As pretensões de se fazer uma guerra “civilizada” tinha um obstáculo na constituição da parcela mais numerosa do exército, ou seja, a dos soldados. Isto porque, poucas vezes, o comportamento daqueles esteve ao nível do almejado por Caxias. Uma prova disso está na menção feita a uma das cartas confidenciais que escrevera. E, para explicitar a reação do comandante, transcreveremos dois trechos da correspondência enviada pelo mesmo ao Ministro dos Negócios da Guerra e que foram destacados pelo autor.

“Tanto no combate que teve lugar no dia 6 do corrente, como na batalha de 11, testemunhei com entusiasmo muitos feitos brilhantes por nossos oficiais e tropa, mas a verdade me obriga a dizer a V.

¹³⁴SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.p.131.

¹³⁵Ibidem. p. 134.

Excia., o reverso da medalha manifestando sem reboço, e com fidelidade inerente ao meu caráter, minhas profundas convicções fundadas em tudo, quanto vi, e observei.”¹³⁶

“Ou seja, porque a introdução do elemento servil nas suas fileiras esteja produzindo já seus maléficos resultados por meio dos exemplos imorais, e de todo contrários à disciplina, e subordinação dados constantemente por homens, que não compreendem o que é pátria, sociedade e família, e que se consideram ainda escravos, que apenas mudaram de senhor; ou seja porque a duração da guerra comece desde agora a arrefecer o ardor de nossos soldados fazendo-os olvidar seus deveres os mais sagrados; ou seja finalmente porque a maioria dos oficiais de quaisquer patentes não exerça sobre seus subordinados aquela influência moral, germen de excelentes resultados, e tão essencial aos Corpos arregimentados, o que é verdade é que a vitória do dia 6 e a do dia 11 me causaram esforços inauditos.

(...) Saiba ainda V. Excia., que a perda muito sensível, que nesses dois dias sofremos de oficiais prestimosos, cheios de inteligência, e de coragem, foi ainda o resultado da indisciplina, e tibiereza dos Corpos que comandavam.”¹³⁷

Se por um lado, Caxias manifesta todo o seu incômodo com a presença de escravos no exército, esta, não era uma posição exclusivamente sua. Compartilhavam também da mesma opinião, escritores estrangeiros que estavam presentes na guerra os quais, viam no fato das tropas serem constituídas, majoritariamente, por negros, a razão para as atrocidades cometidas nos campos de batalha.

Estes estrangeiros, entre eles, Thompson e Von Versen não só destacaram a participação dos negros na guerra, como também, a apontaram como algo negativo. Salles destaca que, no caso dos autores brasileiros, o reconhecimento da presença do elemento servil em grande quantidade nas fileiras do exército era um aspecto praticamente inexistente. Mais ainda, aos soldados de uma tropa com o perfil apontado, raramente eram feitas menções à bravura ou qualquer outro tipo de referência positiva.

Mais do que sinalizarem uma preocupação com a postura dos soldados em guerra, segundo esta obra, as preocupações de Caxias iam bem além do que a tropa poderia representar para a conceituação do Brasil perante os demais países, quando o assunto é o tipo de guerra feita. Suas constatações e resistências estariam baseadas, segundo o autor, no temor aos desdobramentos que seriam indesejáveis dentro do próprio exército, como a ascensão de membros das camadas baixas da população.

¹³⁶ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.135.

¹³⁷ Idem.

3.1.1 *Vantagens limitadas*

A ascensão aos níveis mais elevados da hierarquia militar, na sociedade imperial, não era estendida à grande parte das tropas, ou seja, aos negros libertos e aos pobres em geral. Beneficiavam-se, apenas, os mais abastados como latifundiários e membros das classes médias que, aos serem atraídos para dentro desta instituição contribuía para a manutenção do poder das elites, cuja dinâmica se manifestava, também, com a imposição de limites à concessão de vantagens.

O exército estabeleceu uma política para o ingresso de membros destes setores, marginalizados, contudo, sem dar margem ao rompimento de uma ordem segregacionista, típica da sociedade imperial. E, por não apresentar um projeto de expansão que pudesse atrair, também, as camadas mais baixas da população, a elite militar fazia sobressair as características do contexto no qual estava inserida, ou seja, de uma sociedade assentada em valores permitidos e criados pela lógica escravista.

No contexto de ampliação da área urbana e das transformações econômicas decorrentes deste processo, surgiam as camadas médias as quais, juntamente com o exército que se formara a partir da guerra, deram novos contornos à organização social do século XIX. Porém, as desigualdades entre aquelas classes incipientes, seriam intensificadas por esta mesma mentalidade escravista a qual, dava o tom das relações sociais deste período.

Isto significa que, a nova realidade que começava a se formada pela presença da mão-de-obra livre e assalariada não promoveu mudanças significativas no que diz respeito à expansão dos privilégios. Um desdobramento disso, está no fato de que o Brasil seria entendido, àquela época, como portador e mantenedor de uma estrutura social que impediria o seu próprio desenvolvimento.

De uma certa forma, as descrições sobre Caxias nos permitem perceber um grande envolvimento deste nas discussões sobre o papel do exército, diante da necessidade de absorver estes novos elementos das camadas emergentes. Por isso, identificamos a utilização por Salles de trechos de correspondências escritas pelo próprio comandante os quais, servem para evidenciar, em que medida, Caxias atuara de modo a evitar qualquer transformação brusca. Lutava para que a mobilidade social não fosse prejudicial aos benefícios já sedimentados na e pela sociedade imperial.

Uma das preocupações de Caxias estaria relacionada à necessidade de se nomear oficiais mais jovens do que aqueles dos quais o exército dispunha. Para isso, o nível da

atuação dos soldados indicaria, ou não, a sua promoção ou o seu ingresso aos quadros do exército regular. A esse respeito, Caxias se manifestara dizendo que:

“É de urgente e palpitante necessidade adiantar em postos muitos oficiais distintos e ainda moços, que aqui vejo, arriscando diariamente suas vidas e tornando-se cada vez mais comendáveis por suas qualidades...aqui se acham moços distintos por suas famílias e posição, os quais tendo tudo abandonado, para aqui marcharam, acudindo o reclamo da Pátria...Vossa Excia. sabe melhor do que ninguém que, por um concurso de circunstâncias deploráveis, o nosso Exército contava sempre em suas fileiras grande maioria de homens que a sociedade repudiava por suas péssimas qualidades.”¹³⁸

Era motivo de incômodo o fato de que o Brasil

“...não possua um lei de conscrição tão conforme ao princípio da igualdade e de que estão já de posse Nações menos adiantadas que a nossa. Se dessas condições resultou o ter sido o nosso Exército até a presente guerra aquilo, que eu acima disse, piores se tornaram as suas condições, depois que infelizmente se introduziu em suas fileiras o elemento servil; chegando a tal ponto o seu estado atual, que já se encontra numa dificuldade de se acharem praças, que podem ser Cabos e Sargentos. Daqui a necessidade de se inculcar nele individualidades aproveitáveis, como são aqueles que referi anteriormente; sobretudo quando muito deles se achariam completamente desbrigados, ao terminar a guerra (se não pudessem permanecer nas fileiras do exército regular)”¹³⁹

Diante destes posicionamentos de Caxias e das palavras de Salles, podemos dizer que, o protecionismo ou, até mesmo, o apadrinhamento dos soldados não seria suficiente para a ascensão dos mesmos dentro do exército, mas sim, a comprovação da competência dos aspirantes ao oficialato.

Caxias é descrito como o comandante que agira de modo a impossibilitar o rompimento de um *status quo*, em decorrência da guerra, alertando o governo imperial dos possíveis desdobramentos de uma possível e temida inserção das classes baixas no exército. Sobre isso, Salles destaca que, o comandante parecia ignorar o fato de que, numa sociedade moderna, não poderiam existir barreiras intransponíveis a todos os elementos da sociedade, quer dizer, direitos aos quais estes não pudessem ter acesso.

¹³⁸ CAXIAS, Marquês de. Apud. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.139.

¹³⁹ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p. 140.

Tal incompreensão fez com que o comandante atuasse de modo a fazer do próprio exército um espaço para reprodução da exclusão social, mediante o estabelecimento de uma rígida estrutura hierárquica, permitida pelas regras de inteligibilidade da sociedade escravista brasileira da segunda metade do século XIX. Serve como exemplo, o fato de o pagamento dos soldos dos Voluntários da Pátria não ser feito com a mesma regularidade que a dos oficiais. As próprias palavras de Caxias podem ser entendidas como uma tentativa de se legitimar tal conduta:

“...atraso, que até três meses era minha opinião, que se mantivesse sempre não só para evitar os males, que a experiência demonstra que se dão sempre que o soldado está pago em dia, influenciando até essa circunstância no maior, ou menor número de deserções, como porque a Fazenda lucra com ele, pois que revertem sempre aos seus cofres somas consideráveis provenientes do falecimento por moléstia, ou em combate de muitas praças do Exército, sem família, ou herdeiros, que aliás não sofrem privações por não estarem pagos em dia, por isso que nem lhes falta alimentação, nem vestuário, nem calçado.”¹⁴⁰

O autor salienta que, dentre as tropas brasileiras, coexistiam duas situações antagônicas: um razoável desenvolvimento tecnológico e um tratamento dado aos soldados que, era fortemente influenciado por valores da tradição escravista brasileira. Por exemplo, ao grosso da tropa, o pagamento de soldos não era feito de forma compulsória e automaticamente relacionada à prestação de serviços na campanha. Era tido como um prêmio e sujeito à disciplina estabelecida. A partir daí, entendemos que o dever maior dos soldados era a obediência.

Podemos inferir da obra de Salles o fato de que, Caxias se mostrava resistente à qualquer manifestação mais concreta do valor dos soldados oriundos das classes baixas. Até mesmo à prática das condecorações, adotada pelo governo imperial, na sua opinião, era imprudente ou perigosa. Para ele, os soldado condecorado se aproveitaria de tal condição para cometer atos de indisciplina.

“Graves, Exmo. Sr., gravíssimo são os inconvenientes, que já tem resultado, e continuarão a resultar de se conferir às praças de pret condecorações, a que estão inerentes honras militares. A disciplina e a subordinação, sem as quais não pode haver Exército digno de tal nome, se ressentem e sofrem profundos golpes como lançar-se ao

¹⁴⁰ CAXIAS, Marquês de. Apud. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.141.

peito de um simples soldado condecoração, que o eleva ao posto e honras de Capitão. A natureza do soldado se modifica desde logo.”¹⁴¹

Ressaltamos, ainda, outra medida de cerceamento adotada por Caxias. Sugeriu que as medalhas não fossem entregues por autoridades imperiais, mas, por aquelas que lhes eram mais próximas, ou seja, os comandantes em chefe. Poderiam ser substituídas, também, por dinheiro ou pensões. Nesta conduta, identificamos o desejo de reduzir, sempre que possível, os efeitos degenerativos do ego insuflado dos condecorados.

Segundo os comentários feitos por este autor sobre a conduta de Caxias, entendemos que, era peculiar a forma deste lidar com as questões referentes à cidadania e à construção de uma “civilização” no Brasil. A aclamada cidadania tinha seus limites, não poderia ser amplamente partilhada pela população. Neste ínterim, identificamos a relação progresso\retrocesso, pois, ao mesmo tempo em que o exército estava despontando como instituição devidamente organizada – e que cobraria maior reconhecimento por isso – também reproduzia, internamente, muito dos conceitos já revistos por outros povos ditos “civilizados”.

Um exemplo disso é o fato de Caxias, assim como outros de seus contemporâneos, se guiar na questão da raça ou posição social para limitar as condecorações. E isto, reforçava a defesa da maior rigidez nas delimitações de espaços, atribuições e honrarias no exército.

“A preocupação de Caxias era evitar uma situação em que a ordem social escravista se desfizesse no interior do exército. Chamava a atenção para a necessidade de restaurar o princípio hierárquico básico dessa ordem e seu pressuposto de que a massa era incapaz de conviver e vivenciar os valores do topo da hierarquia social; quando praticavam atos de bravura, o faziam porque, muitas vezes estavam bêbados e não pela adesão aos valores mais altos de amor à Pátria, dedicação ao imperador, etc.”¹⁴²

A partir daí, é pertinente a reflexão acerca da forma pela qual Caxias colocava em prática os conceitos que defendia. Não negava, totalmente, a existência de um ou outro ato que denotasse maior bravura dos soldados, apenas, não fazia deste

¹⁴¹ CAXIAS, Marquês de. Apud. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.144.

¹⁴² SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.145.

reconhecimento um motivo para criar brechas na hierarquia social e, conseqüentemente, militar.

Para o agrado de Caxias, a aplicação dos castigos deveria obedecer também a uma ordem, de modo que, o flagelo seria impingido, sempre, por quem tivesse hierarquicamente acima do castigado. Essa era a regra. Contudo, não existira limites para a intensidade no emprego das punições. Muitas vezes, eram desacatadas as recomendações do governo imperial para esta prática.

Os castigos, no entanto, não eram a única maneira de se ter *a manutenção da coesão e da ordem do exército*.¹⁴³ A condenação à morte também era comum naquele contexto. A esse respeito, Salles aborda a preocupação de Caxias em relação a qual instância do poder seria a responsável pela execução das penas.

Para o comandante, era primordial que os oficiais comutassem tais sentenças e não as autoridades imperiais, provavelmente, porque estavam aqueles mais próximos e, também, pelo fato de que estavam sendo vítimas das próprias tropas, principalmente, por vingança aos maus tratos recebidos.

A disciplina era a sua maior preocupação e, quando esta não se fazia presente, Caxias recorria, insistentemente, àquele que seria o seu mais forte argumento explicativo desta situação: a presença dos negros no exército como aspecto degenerador da ordem esperada.

“ V. Excia. sabe que infelizmente, têm hoje a honra de se acharem nas fileiras do Exército Brasileiro, muitos soldados que deixaram os ferros da escravidão para se constituírem defensores e guardas da honra e dignidade da Nação Brasileira. Infelizmente é também verdade sabida que a maioria desses indivíduos constituía tudo quanto a escravidão encerrava em si de mais abjeto e degradante. Escravo de boa índole, mourejado e educado nos hábitos do respeito e obediência, rarissimamente terá cá chegado. Manter a ordem e a disciplina, sustentar a subordinação e obediência com tais elementos é difficilimo.”¹⁴⁴

Este posicionamento ajuda na compreensão de que, a participação dos Voluntários da Pátria pode ser interpretada como um afrouxamento da estrutura social da época que, teria permitido – embora muito necessitasse – a participação dos, então, ex-escravos. Contudo, tais presenças, nem por isso, eram bem vistas. As restrições não

¹⁴³ CAXIAS, Marquês de. Apud. SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.147.

¹⁴⁴ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.147.

eram manifestadas, apenas, em relação ao *bom e mourejado escravo*.¹⁴⁵ Para estes negros, o único valor a ser transmitido era o da obediência. Discussões sobre cidadania e igualdade eram permitidas, exclusivamente, na formação dos jovens oficiais os quais, eram oriundos dos setores mais beneficiados do Império.

As descrições sobre Caxias explicitam, também, as mazelas da organização de uma instituição nascida no seio da sociedade escravista e, para manutenção da mesma. Desta forma, entender o significado de Caxias para a elaboração deste quadro social é reconhecê-lo como um dos criadores e defensores de antagonismos que acentuaram e foram acentuados pela lógica excludente da sociedade imperial brasileira.

Ao realizar uma revisão historiográfica da guerra, Salles explicita as críticas que devem ser levadas em consideração em uma análise do conflito e mesmo, nas discussões sobre López na trajetória do confronto. Por exemplo, nos aspectos que dizem respeito às condições militares paraguaias na fase inicial da guerra o autor nos informa que, a análise da estrutura militar paraguaia ajuda a compreender porque López foi bem sucedido no início do conflito. Para isso, afirma que, no pré-guerra, o Paraguai já vinha mobilizando recursos, a fim de se organizar um exército forte. Além disso, tal organização se dera em um nível considerável, pois, superava as possibilidades do país naquele momento.

A partir da interpretação da historiografia tradicional, Salles destaca a precariedade das explicações nas quais, os motivos para a eclosão do conflito, necessariamente, estariam relacionados à agressividade de Solano López.¹⁴⁶ Logo, a abordagem feita por este autor destaca a insuficiência da historiografia tradicional para se elaborar um discurso mais aprofundado sobre o presidente paraguaio.

Por isso, a partir desta obra contemporânea, inferimos que, as ações do presidente paraguaio, ainda podem ser estudadas em maior complexidade, principalmente, pelo meio acadêmico. Ou seja, a narrativa de Salles chama a atenção para o fato de que é possível superar as justificativas que sejam baseadas, exclusivamente, no enfoque às “aventuras expansionistas” de López, uma vez que, *as razões para esta expansão não são muito explicadas, ficando por conta da vaidade pessoal e da megalomania do governante paraguaio*.¹⁴⁷

¹⁴⁵ SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p.148.

¹⁴⁶ Ibidem. p.16

¹⁴⁷ Idem.

3.2 *Ímpeto aliado, resistência paraguaia*

Deste ponto em diante, analisaremos a obra *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*¹⁴⁸ do também historiador Francisco Doratioto. E, conforme procedemos na obra anterior, buscaremos os indícios do esforço de manutenção de um *status quo*, desta vez, do lado paraguaio. Neste contexto, analisaremos as descrições sobre López.

Nossa primeira reflexão diz respeito ao zelo dispensado aos discursos sobre o presidente paraguaio, em seu próprio país, à época do confronto. Notamos que, por via de regra, a única descrição permitida sobre López fora aquela que colocava no mais alto patamar a personalidade e a conduta deste. Contudo, esta manifestação patriótica, embora uma obrigação, tinha, até mesmo nas artes, algumas limitações. Um exemplo disso, está no fato de o autor destacar que, o olhar de López era tido como tão abrangente que, qualquer tentativa de representá-lo artisticamente seria em vão, *isto porque ele tinha um olhar diferente para cada um dos seus pensamentos, ‘penetrante e magnético’, o que fazia com que a arte fosse impotente para reproduzi-lo.*¹⁴⁹

Este posicionamento não obscurece o fato de que, para a exaltação do nome de López, não eram economizadas as tentativas de se fazer deste um objeto de veneração. E isto, não apenas pelo fato de o mesmo ocupar a presidência do país e o comando das tropas paraguaias, mas, principalmente, por ser construído, discursivamente, como uma exceção dentre os demais líderes.

Doratioto destaca o caráter sobrenatural das descrições autorizadas sobre este personagem, no contexto da guerra. Com isso, destaca uma lacuna deixada pela maioria dos representantes da historiografia tradicional brasileira, ou seja, não reconheciam (ou, no mínimo, omitiam) todo um esquema razoavelmente bem articulado de promoção interna da figura de López. Compreendemos, pois, que pela lógica de uma análise de contextos tão distantes e diferentes, qualquer menção que pudesse insinuar, no Brasil, a projeção do rival deste país se constituiria num ato incompatível com a realidade de nossos escritores de outrora, principalmente, os da historiografia tradicional.

Um exemplo disso pode ser encontrado na própria escrita deste autor, à medida que, age de modo a não deixar escapar da percepção do leitor uma situação que não

¹⁴⁸ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Op. Cit.

¹⁴⁹ Ibidem. p.314.

poderia ser encoberta por belas palavras. Por isso, afirma que, *o uso da propaganda e da polícia era eficiente para submeter a população paraguaia, mas o cerco a que Solano López estava submetido no quadrilátero era uma rivalidade que não podia ser alterada.*¹⁵⁰

De acordo com as descrições de Doratioto, tem-se, até o momento, um López que, na maioria das vezes, sofrera mais prejuízos que êxitos, porém, o mesmo utilizava outras estratégias, para além dos campos de batalha, quando a sorte não se fazia presente. A escrita que, no Paraguai, fazia reverência ao mesmo é um indício deste fato.

Mas, qual seria a dimensão dada a este personagem quando suas descrições começam a dividir espaços com as de Caxias? Os posicionamentos deste autor contemporâneo vão, de alguma forma, contribuir para a sedimentação de discursos anteriores ou farão sobressair novos aspectos das descrições sobre ambos? Para entendermos a inserção de Caxias nesta obra, precisamos compreender como o comandante brasileiro ganhara destaque na guerra.

Abordaremos, então, os fatos ocorridos por volta de 1868, período em que se desencadearam as ações que iriam definir o quadro final do confronto, ou seja, a vitória dos aliados, após grande período de resistência paraguaia. Isto significa que, fazer análises tendo em vista o período que vai desde a tomada da fortaleza paraguaia de Humaitá até o momento em que o presidente foge para o interior do país, consiste no esforço de se propor reflexões sobre as escritas de um contexto no qual, os dois personagens ganham maior destaque, simultaneamente.

As descrições realizadas por Doratioto sobre a atuação de Caxias ajudam a compreender, em que medida, as realizações do então comandante em chefe brasileiro foram, de fato, importantes para o bom desempenho da Tríplice Aliança. O diferencial está no fato de que não é observada na postura deste autor, uma atitude mais propensa à ênfase exagerada sobre a atuação de Caxias, tampouco, que pudesse depositar em López todo o peso dos desdobramentos da guerra.

Ou seja, os anos de pesquisa aos quais Doratioto se dedicou reforçam a idéia mais difundida atualmente, em relação à pesquisa histórica a qual, leva a crer que, respeitando os limites impostos pelas fontes e pela disponibilidade do historiador, cada vez mais, se tem procurado dar voz aos diferentes lados que compõem determinada cena histórica.

¹⁵⁰ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.315.

O que não se pode perder de vista é o fato de que, as obras contemporâneas sobre a Guerra do Paraguai, assim como todas as outras que trataram do evento, são registros de um confronto, a partir do cotidiano das batalhas, das ações dos comandantes e comandados e, é claro, dos desdobramentos que ultrapassaram os campos beligerantes, sejam eles em termos políticos, econômicos e sociais.

Tudo isto nos remete, invariavelmente, à identificação de uma escrita descritiva, porém, mais problematizada. Coube, pois, a este historiador contrabalançar seus argumentos e produzir um texto com maiores chances de ser aceito atualmente, dados os avanços na inteligibilidade histórica. Enfim, através das descrições de López e de Caxias, tradicionalmente dispostos como extremos opostos na história da guerra, Doratioto permite a identificação de um caminho novo.

Sua obra faz entender que, não é obrigatória a escolha por um personagem ou por outro. Ou seja, nos ajuda a entendê-los à época da guerra, como figuras proeminentes num momento decisivo do processo de formação dos Estados nacionais sul americanos e, na trajetória da historiografia da guerra, identificá-los como ressonâncias dos pensamentos possíveis aos contextos de seus autores.

Destacaremos, pois, os momentos em que são perceptíveis as ações destes personagens ou de seus comandados diretamente ligados aos mesmos. O primeiro deles é o processo de preparação para a tomada de Humaitá, iniciado no ano de 1867 e concluído no ano seguinte. A primeira reflexão se dará a partir de uma ação da Tríplice Aliança, ainda sob o comando do argentino Bartolomeu Mitre, ocasião em que empreenderam o seguinte movimento:

“Apoderaram-se de Villa Del Pilar, em 29 de outubro de 1867, e empurraram o inimigo para o chamado potreiro Obella, grande charco com 24 quilômetros de extensão ao lado do rio Paraguai e encoberto por espessa vegetação. Nessa área, os paraguaios ocultavam algum gado e utilizavam duas picadas para abastecer o sistema defensivo de Humaitá; por esses caminhos, conseguiam servir-se do pequeno porto de Tahí e manter contato com Assunção”
151

A partir daí, é possível dizer que, a obra de Doratioto faz a abordagem das diferentes dimensões de uma realidade comum aos paraguaios e aos aliados. Ora, se é

¹⁵¹ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 310.

comum encontrar nos registros tradicionais, principalmente, a descrição de um ambiente hostil para supervalorizar os feitos dos aliados, a partir desta obra, é possível compreender, em que medida, os paraguaios eram beneficiados pela geografia de seu país.

Isto se manifesta no momento em que este decide apresentar os diferentes efeitos da hostilidade da natureza daquela região para dizer que, os paraguaios não eram apenas castigados pelas particularidades de seu próprio território, mas também, sabiam tirar proveito das mesmas, adaptando-as às suas necessidades mais imediatas.

Subentendemos, pois, que as comuns atribuições feitas a López pela historiografia tradicional, a respeito de sua “conduta de barbárie”, começam a entrar em conflito com os posicionamentos há pouco transcritos, pois, este fragmento permite a adoção de uma perspectiva crítica que reconheça, também, a eficácia de estratégias elaboradas a partir dos obstáculos impostos pela própria natureza paraguaia.

O processo de tomada de Humaitá, até então descrito a partir da derrota paraguaia e das ações bem sucedidas de Caxias e seus subordinados, neste novo tipo de escrita, contempla, também, às “artimanhas inimigas”. Um exemplo disso, está no fato de os paraguaios terem aproveitado o grande charco localizado nas imediações da fortaleza para garantirem a alimentação e o acesso ao porto de Tahí, fundamental para o abastecimento das tropas de López.

Entendemos que, mais do que uma tentativa de se ludibriar os aliados, o registro dessa estratégia de López pode ser interpretado, também, como uma estratégia de Doratioto em dispor, horizontalmente, o ímpeto da Tríplice Aliança e a resistência paraguaia. Logo, esta obra nos permite fazer uma comparação, principalmente, com os discursos tradicionais, pois, naqueles casos, a ênfase era dada ao processo que conduziria os aliados à vitória, como se estes, em algum momento, não pudessem ser surpreendidos pela inteligência paraguaia.

Mas, afinal, qual seria o desdobramento desta discussão para a análise da historiografia contemporânea? Esta resposta está na conclusão de que, nos primeiros modelos de escrita sobre a guerra, a narrativa viria de cima para baixo, sendo a extremidade superior ocupada pelos defensores dos feitos de Caxias e da Tríplice Aliança. Estes indivíduos trouxeram para si o direito de repetir, no papel, aquilo que foi feito nos campos de batalha, ou seja, o massacre dos inimigos.

A atenção dada pelo autor à vantagem estratégica de López, em razão dos recursos e trajetos que ocultara na mata do charco, nos permite enumerar duas

características desta obra: denota a existência de um equilíbrio analítico, tratando dos vitoriosos e dos vencidos de forma mais ponderada, através de uma análise historiográfica mais aprofundada das fontes e um esforço de se afastar de julgamentos de valor, além de abrir caminho para uma interpretação que não pretende ser a última ou a “verdadeira” sobre López.

Ao reconhecermos que, toda escrita (mesmo aquelas que tentam se impor, equivocadamente, a partir de uma suposta neutralidade), explicita alguma preferência, logo, este equilíbrio de análises está ligado à rejeição das descrições exageradamente tendenciosas, tanto para o lado aliado, quanto para o lado paraguaio.

Diante disso, podemos afirmar que, o Caxias que Doratioto apresenta, à revelia de qualquer crítica à história tradicional, fez muitas obras que, ajudaram a reerguer os combalidos aliados e preparar a base do exército brasileiro. Não se trata de apologia, mas sim, de dar o devido crédito aos discursos contemporâneos, profundamente respaldados por documentos de todos os lados envolvidos na guerra, sejam eles documentos brasileiros ou paraguaios, isto, sem contar nos depoimentos das testemunhas de outras nacionalidades que fizeram parte do cenário do confronto.

Em termos acadêmicos, é mais responsável saber identificar nos discursos elaborados em épocas distintas, aquilo que os possibilita, aquilo que nos mesmos não é negligenciado em razão do temor às possíveis críticas. Logo, podemos reconhecer que, apesar das melhores perspectivas de aceitação de seu trabalho, os historiadores, muitas vezes, preferem a comodidade da construção de uma escrita menos “belicosa”, mais pacífica e pacificadora. Esta preocupação caracteriza uma permanência no âmbito da historiografia recente, que, apesar dos apelos da vanguarda acadêmica, tende a buscar uma posição segura entre às antipatias e às alianças que podem ser encontradas e firmadas quando se opta por propor novas possibilidades de análise.

A partir daí, podemos definir como uma das características desta escrita da história da guerra e de nossos personagens a não resistência à possibilidade de confirmação de algo já dito, contanto que esta proposta de correção esteja amparada por um trabalho de pesquisa que levante os dados que, de acordo com as suas singularidades e seus níveis de incidência, irão permitir, ou não, a permanência de uma idéia.

Em outras palavras, esta obra nos permite inferir uma não resistência à comprovação daquilo que fora proposto anteriormente, desde que os indícios utilizados para tanto, possam ter o respaldo em uma documentação exaustivamente trabalhada.

Quer dizer, trata-se do cuidado dedicado aos indícios, para se legitimar ou não um detalhe do fato histórico.

O que sobressai nos discursos sobre Caxias, mesmo no caso dos discursos contemporâneos, é o fato destes enveredarem para o detalhamento das melhorias que o general fizera, principalmente, no fortalecimento do que mais tarde seria o exército brasileiro e isto, tanto em aspectos materiais e imediatos, como em questões políticas que se originariam desta reforma. Neste último caso, trata-se das discussões sobre a valorização do exército pós-guerra do Paraguai.

A partir daí, é possível identificar e caracterizar os caminhos percorridos pelas análises sobre Caxias e, a partir das mesmas, refletir sobre o que eles representaram para a própria historiografia brasileira da guerra. Isto significa que, provavelmente, a abordagem aos feitos do general tenha sido guiada, ao longo dos tempos, pela alternância de algumas ações discursivas as quais, identificamos. São elas: o superdimensionamento de personagens (pelos tradicionalistas e revisionistas) e a discussão sobre a possibilidade das ações dos mesmos (pelos contemporâneos).

A postura analítica comumente encontrada, seja no meio acadêmico ou fora dele, no que diz respeito a estas questões, tende a enumerar os aspectos que podem ser resumidos numa das três possibilidades apresentadas anteriormente. Por isso, enfocamos a necessidade de se apresentar um ponto de tensão entre estas condutas e o momento em que é identificado, nos discursos sobre López, direcionamentos semelhantes. Por exemplo, se no Brasil Caxias chegou a ser o centro de discursos apologéticos, o presidente paraguaio, num período em que a guerra transcorria e após seu término, também o fora.

Isto pode ser discutido a partir do que Doratioto escreve sobre as informações passadas à população paraguaia e ao seu próprio presidente sobre a derrota da Batalha de Tuiuti. Em síntese, no Paraguai derrotado nesta batalha, é aclamada a vitória da nação guarani e enaltecida, em grande medida, a figura de seu líder. Logo, o que deve ser observado, neste caso, é a ênfase dada à pessoa de López, comportamento este que se assemelha ao que, no Brasil, fora dispensado ao seu rival brasileiro.

“Salve, oh vós conspícuo Cidadão
Portento de valor e heroísmo
Que tua figura altiva

Pelos séculos para sempre eterna viva.”¹⁵²

A partir dos comentários de Doratioto sobre a negligência feita à população paraguaia sobre a situação de seu país, podemos compreender que, ao contrário do que ocorrera no Brasil, onde o culto a Caxias começou a se delinear, com mais intensidade, depois da guerra, no Paraguai, isto era feito nos momentos mais críticos do confronto como foi o da referida derrota, o que já serve como um primeiro elemento diferenciador entre as escritas sobre ambos personagens.

Isto porque, se apresentadas isoladamente, manifestações como a da citação acima, podem ser facilmente atribuídas a um ou a outro, desde que, o leitor reconheça que López, em alguns momentos, também fora enaltecido por seus conterrâneos.

À época da guerra, a apologia a López era tendenciosa já que, segundo Doratioto, o que era escrito nos jornais paraguaios era manifestação da vontade do presidente, mas, ainda assim, é interessante à nossa pesquisa, pois, mostra que, se por um lado, o que fora escrito sobre López era um exercício da sua própria vaidade, por outro, o que foi escrito sobre Caxias, pelas vias militares brasileiras, não deixa de ter conotação semelhante, mesmo respeitando os espaços e tempos que distanciam estas narrativas, ou seja, o período em que a guerra transcorria, no Paraguai e os anos que a sucederam, no Brasil.

Logo, a possibilidade de se destacar estas semelhanças é permitida pela forma com a qual a história vem sendo tratada nos últimos tempos. Isto significa que, não são apenas os dados inéditos que contribuem para o enriquecimento da escrita da história na atualidade. Logo, o trabalho que os autores contemporâneos dispensam à apresentação de informações, outrora trabalhadas por seus pares, já é um indício de que teremos à nossa disposição pesquisas em consonância com o que está na vanguarda da análise histórica, tanto em termos de abordagem, teorização e metodologia empregadas.

3.2.1 López: entre “tramas” e “traições”

A descrição feita por este autor da reação de López diante da iminência de sua derrota é um aspecto digno de um olhar mais atento, pois, permite identificar a

¹⁵² EL CENTINELA (7\11\1867) Apud. DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.314.

preocupação de Doratioto em contemplar, também, os planos de López. Mais especificamente, abordaremos as decisões tomadas pelo presidente paraguaio, a partir do momento em que a sua situação na guerra se tornara mais crítica. Por esse motivo, esta descrição de López nos permite entendê-lo, a partir de uma postura arredia, desconfiada e extremamente violenta para com seus supostos “traidores”.

Após a derrota em Humaitá, inicia sua fuga rumo ao interior e estabelece seu quartel general em *San Fernando*, estância paraguaia. Ao contrário do charco, no qual López manteve oculto muitos recursos para a guerra, este novo local propiciou a construção de benfeitorias utilizadas para armazenamento e manutenção dos instrumentos de combate. Até mesmo uma rede telegráfica pôde ser instalada para a comunicação com bases próximas.

O grande temor de López era, sem dúvida, a possibilidade de perder o seu posto de poder. Este foi o motivo do surgimento de um clima tenso entre as autoridades paraguaias. Qualquer expressão de pensamento, qualquer conversa que não fosse do agrado do presidente teria se constituído em motivo para decisões mais extremas por parte do mesmo.

Uma dessas ocasiões foi protagonizada por Saturnino Bedoya, cunhado de López e tesoureiro-geral do Estado paraguaio. O fato ocorrido diz respeito a um comentário feito por este que, pôde ser interpretado por López, como uma aceitação da sua retirada do comando do país, pelo seu próprio povo, diante da derrota em Humaitá.

Provavelmente, identificara um tom de consentimento com uma possível revolta popular. Este comentário não foi presenciado por López, mas, logo chegou aos seus ouvidos por um dos presentes. Sobre este assunto, Doratioto não tece maiores comentários, porém, a sua menção é importante para se estabelecer uma relação com situações posteriores que vão sinalizar a crença de López em uma conspiração.

Nesse mesmo momento, na capital, o vice-presidente Francisco Sánchez reuniu um Conselho Consultivo do qual fazia parte, o irmão de Solano, Benigno López, dentre outros nomes de influência no Paraguai. O assunto principal era o que fazer com os navios da Tríplice Aliança, caso estes aparecessem em Assunção. As decisões tomadas nesse encontro não agradaram ao Coronel Venâncio López que insistiu na convocação de uma nova reunião.

A seqüência destas e outras reuniões, segundo Doratioto, teriam feito com que López desconfiasse de alguma estratégia para retirá-lo da presidência a qual, seria entregue a Benigno. Por isso, exigiu explicações de Sánchez, além de acusá-lo de estar

envolvido na suposta trama, juntamente com Venâncio e Benigno. Contudo, Sánchez foi hábil o suficiente para convencer López de que não se tratara de conspiração.

Tal situação, somada ao desgaste e às derrotas na guerra, em especial, a de Humaitá, fez com que López passasse a acreditar, a cada dia com mais força, na possibilidade de estar cercado por traidores. Esta seria a única explicação para convencer tanto ao presidente quanto ao seu próprio povo das causas das derrotas sofridas. Aliás, estas já não eram poucas. E, na tentativa de amenizar tal situação, López era divinizado pela propaganda oficial, quanto mais eram evidentes os fracassos. Logo, quando sofria uma derrota, a explicação que seria tratada como lógica, estaria relacionada às conspirações arquitetadas pelos que estavam à sua volta.

No intuito de ficar frente a frente com os mentores da suposta conspiração, López ordenou que fossem ao seu acampamento as pessoas das quais desconfiava. Porém, um dos momentos mais tensos, teria sido, de acordo com o autor, o encontro com Benigno que interrogado sobre o que estaria sendo preparado na capital, respondera, tranqüilamente, se tratar de uma preocupação com as pessoas e interesses paraguaios, sem, contudo, especificá-los. Como manifestação da confirmação de suas desconfianças López teria dito, num momento de desabafo que, todos os que se reuniram em Assunção eram “*mais negros que os próprios negros*”.¹⁵³ Ou seja, não eram comparáveis nem aos aliados. Eram piores que estes.

“Da suposta conspiração que envolveria os nomes mais importantes do governo paraguaio, só se soube por meio de Solano López. Ninguém conheceu, registrou ou comentou a conspiração antes. Cecílio Báez defende que a conspiração foi inventada por López para justificar seu fracasso. Báez escreve, com ironia, que essa conspiração inventada, permitia justificar a retirada do Exército paraguaio do quadrilátero e apresentar a lógica de que, se os traidores não tivessem revelado os planos das batalhas aos aliados, estes estariam, aterrados, prostrados aos pés de Solano López.”¹⁵⁴

O fracasso paraguaio em Humaitá e a obsessão de López pela idéia de que seria alvo de um esquema conspiratório, elaborado, inclusive, por membros da sua própria família não foram episódio destacados, ao acaso, da narrativa de Doratioto. A escolha

¹⁵³ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.341.

¹⁵⁴ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 348.

por estes momentos foi norteadada pelo objetivo de se evidenciar os aspectos que explicitam antagonismos em relação à historiografia tradicional, principalmente.

Contudo, isto não significa que tenhamos desconsiderado a influência do contexto e dos autores dos primeiros escritos da guerra na apresentação de certas conclusões que, por muito tempo, perduraram na historiografia do confronto. Almejamos, pois, os contrastes, a identificação de lacunas criadas pelo distanciamento de épocas. Por essa razão, podemos dizer que, a historiografia sobre este confronto foi sendo elaborada a partir de abordagens e registros que se diferenciam, tanto pelas motivações das quais se originaram, como pelos lugares ocupados por aqueles que se dedicaram a esta tarefa.

Ainda assim, o reconhecimento das peculiaridades da historiografia tradicional brasileira não nos impede de dizer que, à sua época, a idéia de perseguição de López fora apresentada sem o acompanhamento de uma discussão mais aprofundada que, pudesse explicar quais foram os benefícios adquiridos por López, ao ter sustentado tais desconfianças.

Puderam ser mais bem explorados, nesta obra, os desdobramentos da suposta perseguição, principalmente, para a divulgação à população paraguaia do desenrolar da guerra, sem contar, a possibilidade de melhor compreensão da instabilidade que marcou as relações interpessoais da alta cúpula guarani.

A disposição dos atos de López referentes à suposta conspiração é feita, nesta obra, de modo que o leitor, ao contrário do que ocorreria num texto tradicional, pudesse ser levado a estabelecer relações entre as convicções de López às atitudes do mesmo. Isto significa que, nos primeiros registros, seria mais difícil identificar todo um processo de busca pela legitimação da conspiração. Os autores, em sua maioria, deram maior atenção ao flagelo dos supostos traidores sem estabelecer, necessariamente, alguma relação com as manobras que tornaram possível este suplício.

Por isso, ao explicitarmos esta possibilidade dada por Doratioto, entendemos que, López necessitava de todos os argumentos os quais, fossem necessários à confirmação da perseguição na qual acreditara. Serviu, pois, a este fim um dos seus ajudantes que teria ido visitar Benigno. Ao retornar, foi praticamente obrigado a confessar o que López queria ouvir, ou seja, a revelação dos detalhes da conspiração.

Em determinado momento, Doratioto utiliza e dá destaque a palavra “rigoroso” para caracterizar o interrogatório ao qual, o ajudante foi submetido. Entendemos, pois, que se tratara do uso indiscriminado da violência até que fosse dita a “verdade”. Em sua

denúncia forçada, o interrogado citara o nome de figuras proeminentes na sociedade paraguaia como Venâncio López, Saturnino Bedoya e José Berges.

Entretanto, a mais importante das declarações do ajudante foi a de que Benigno estaria planejando o assassinato de Solano. Incluiu, também, o nome do diplomata norte-americano Charles Washburn, como sendo o intermediário entre Caxias e os conspiradores. De Assunção, veio outra afirmação sobre a existência de uma grande rede de conspiradores.

Diante de tais evidências da conspiração, López instalou tribunais nos quais um dos réus era Benigno. Basicamente, eram enviadas aos acusados, através de majores, perguntas feitas pelo próprio presidente que, caso não ficasse satisfeito com algumas das respostas, as devolvia até que obtivesse a resposta desejada.

Ainda sobre a suposta mobilização de centenas de conspiradores na capital, vale destacar o seguinte posicionamento de Doratioto.

“Era impossível que sob a violenta ditadura lopizta, que controlava toda a população, em que até os padres confessores funcionavam como espíões, duzentas pessoas tivessem conseguido articular uma conspiração. Esta seria descoberta logo no início, antes de adquirir tais dimensões.”¹⁵⁵

Através deste trecho, podemos notar a preocupação do autor em apresentar um argumento plausível e convincente que, possa ser utilizado para justificar a improcedência da idéia de conspiração a qual, fora intensa e insistentemente alimentada por López.

Nestes tribunais, López era o próprio juiz. Um indício disto está no fato dele ser o detentor do direito de condenar qualquer um dos acusados à morte. Isto, segundo o autor, fazia de forma discreta, especificando, antecipadamente, os que deveriam morrer. A única alternativa dos réus era a de “confessar” seus crimes, mediante torturas que, ocasionavam óbitos em quantidade considerável, em comparação com o número de mortes que eram resultantes do cumprimento das sentenças. Saldo do tribunal: as mortes do ex-chanceler José Berges, de Benigno López e do Bispo Palácios, um dos que professara fidelidade a López, mas, que também fora arrolado no crime de traição.

¹⁵⁵ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.342.

Este tribunal foi sucedido por outros desdobramentos deste período de caça aos conspiradores. Em consequência disso, o representante norte-americano Washburn, saiu do país após se tornar alvo de acusações do governo paraguaio. Sua saída prejudicou, também, aqueles que estavam sob a tutela dos Estados Unidos no Paraguai. Dentre eles, estava Jorge Frederico Masterman que escreveu uma obra na qual apresentava a ligação conspiratória entre Washburn, os dissidentes paraguaios e Caxias. Este último, repudiou a acusação feita sobre sua pessoa, desmentindo a afirmação que classificou como sendo caluniosa.

Devido ao fato de as confissões serem obtidas mediante tortura, pouco ou nenhum crédito foi dado às mesmas. Contudo, os relatos de sobreviventes, escritos no início do século XX, no Paraguai, vieram a corroborar o discurso pró-López, delineado neste período. Sobre isso, é importante o posicionamento de Doratioto, no que diz respeito ao movimento de legitimação da atuação de López e do fato desta tentativa não ter se extinguido definitivamente.

“Estes escreveram sem a ameaça de tortura, ao contrário daqueles que foram obrigados a confessar em 1868, mas já partícipes do movimento lopizta de mistificar a figura de Solano López, de reescrever a história, criar versões, apagar fatos e reinterpretar outros. Na adulteração da história, o lopizmo foi mais eficiente do que o stalinismo, pois este não encontra defensores há anos, enquanto a tirania de Solano López tem, ainda, incautos intelectuais a defendê-la.”¹⁵⁶

O autor recorre à documentação disponível sobre a guerra e à lógica dos acontecimentos para afirmar que, de fato, não existira nenhuma articulação interna contra López. Segundo ele, uma explicação para isso está na inexistência de um ataque de soldados que, poderia ocorrer pelo fato de terem sido enviados a Assunção três navios brasileiros. Seria uma oportunidade ímpar para os supostos conspiradores darem o golpe final, pois, teriam nesta ocasião, o apoio dado pela segurança naval aliada.

Ao mesmo tempo em que inúmeros desconhecidos perderam suas vidas nos campos de batalha paraguaios, pessoas ilustres daquele país, inclusive, da família de López, foram sacrificadas. No entanto, as execuções não ficaram restritas à época em

¹⁵⁶ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.346.

que ocorriam os fuzilamentos de parentes do presidente. Prosseguiram os assassinatos de pessoas acusadas de traição.

“Os condenados eram lanceados com uma arma com ponta de aço. O verdugo mirava e golpeava a lança no coração da vítima, atravessando o tórax; no esforço para retirá-la, pedaços do corpo vinham na ponta da arma. Às vezes, o verdugo errava o golpe, decepava um pedaço do rosto, fendia o crânio ou, se atingia o ventre, colocava os intestinos da vítima para fora.”¹⁵⁷

Os detalhes nauseabundos desta situação têm, nesta obra, função maior do que impactar o leitor. Estes ajudam a compreender que, tudo isso foi o desdobramento extremo da conduta de um presidente receoso de perder os poderes que, outrora, lhe permitira resistir por tanto tempo à sucessão de derrotas.

De acordo com as palavras do autor a esse respeito, entendemos que, o objetivo de López era exterminar todos que pudessem atingir um grau de autoridade que fosse uma ameaça à sua posição de líder político e militar. Além disso, estaria nos planos do presidente paraguaio se apossar de uma quantidade cada vez maior de bens, sejam eles públicos ou privados. Somam-se, ainda, as enormes remessas de ouro e prata do Tesouro nacional que foram retiradas do país.

Não cessam os argumentos que atestam a impossibilidade de conspiração. Para descrevê-los, Doratioto utiliza o posicionamento do militar paraguaio Arturo Bray. Em síntese, eram aspectos limitadores da ação de possíveis traidores: a submissão do exército e a intensa vigilância à qual, estavam submetidos, tanto os militares como à própria população paraguaia.

Mas, afinal, onde estariam os delatores? Estariam dentre aqueles que quisessem ser bem recompensados por informações que pudessem levar aos conspiradores, sejam as denúncias reais ou inventadas. Mas, diante deste verdadeiro cerco, o único local em que poderia ser elaborado algum tipo de conspiração seria o próprio palácio de López. Este foi o cenário de revelações surpreendentes que, não justificam as suas atitudes, mas, esclarecem o contexto de tensão e instabilidade que, envolveu tanto os López como outras pessoas de relevo na sociedade paraguaia.

¹⁵⁷ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.347.

A partir daí, esta obra fica peculiarmente atrativa para qualquer leitor, seja ele profissional da história ou leigo. Eis a seguinte afirmação do autor:

“A citada reunião das autoridades presentes na cidade teria sido, de fato, convocada por Juana Carrillo, mãe de Solano López. Nessa reunião, ela revelou que, na verdade, Solano López não era filho de Carlos Antonio López, para argumentar que Francisco não tinha o direito de usurpar a presidência do país.”¹⁵⁸

Isto significa que, estaria derrubado o quesito de legitimidade da ocupação da presidência por López. Têm-se, então, um motivo mais aceitável para a preocupação por parte de Solano. De forma alguma, devemos entender este trecho como uma atenuante das atrocidades cometidas por López. Ele deve ser interpretado como um recurso utilizado pelo autor para mostrar como um aspecto da vida particular da família López ajuda a entender melhor a origem do inimigo número um da Tríplice Aliança. Ou seja, o que para uns pode ser, *a priori*, uma curiosidade sobre esta história, para outros, pode ser ingrediente para formulação de novas hipóteses para pesquisas a respeito do presidente paraguaio.

Notamos a sensibilidade do autor ao entremear as descrições dos suplícios das vítimas com esta discussão. Ainda que não sejam devidamente aprofundados por esta pesquisa, apresentamos os seguintes questionamentos: Por que foi este o momento escolhido pelo autor para tal assunto? A menção a este fato não poderia ser entendida como uma pausa, uma oportunidade para que o leitor pudesse se afastar, ainda que por um momento, das descrições de um cenário de horrores?

Esta pode ser uma explicação aceita, tendo em vista o fato de que, em seguida, escreve sobre o cenário encontrado pelas tropas brasileiras em *San Fernando*: cadáveres expostos em valas abertas e que eram disputados por urubus. Diante desta realidade, Caxias manifestou uma reação que pode ser considerada mais que uma prova de repugnância à cena, mas, a postura do Brasil em relação ao Paraguai.

“Os que tivessem comigo observado o que acabo de descrever, no solo de uma República que se diz regida por livres instituições, e em um país, e em um país que se proclama católico, haviam [de] convencer-se de que o mais irremediável inimigo que o povo

¹⁵⁸ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.348.

paraguaio tem tido e tem é o seu atual ditador, Francisco Solano López. Eles seriam os primeiros a declarar que as potências aliadas, independentemente da vingança das injúrias feitas às suas bandeiras, cumprem, tratando de livrar o Paraguai de López, a mais santa e justa causa que o catolicismo, a humanidade e a civilização lhes podia confiar.”¹⁵⁹

Mais uma vez, justificamos a utilização dos textos de Salles e Doratioto no fato de que, estes têm características que explicitam novas posicionamentos no abordar e no pensar a Guerra do Paraguai na contemporaneidade. Isto pode ser explicado através de duas posturas identificadas em ambas as obras analisadas: apresentam uma escrita contrabalançada sobre cada personagem a qual, não induz à rotulação dos mesmos e elucidam processos mais complexos, simultâneos à guerra ou que ocorreram como desdobramento da mesma.

No caso de Salles, nos referimos à questão da participação de ex-escravos nas tropas e dos desdobramentos deste fato para a exclusão social dos mesmos na própria estrutura do exército. Doratioto, por sua vez, apresenta López e Caxias não apenas como protagonistas da Guerra do Paraguai, mas, como personagens de um dos episódios mais críticos do processo de formação dos Estados nacionais na América do Sul. Contudo, ambos autores não se limitam a descrevê-los, a partir da defesa de qualquer um dos lados litigantes.

Anunciam, paralelamente, os dois lados beligerantes, as mazelas aliadas e paraguaias. Fazem mais do que “extrair os fatos” dos documentos com os quais trabalham. Eles os identificam, os interpretam, dialogam com os mesmos e a partir dos mesmos, pois, recorrem a outros estudiosos do tema para tecerem suas considerações. Logo, se assim não o fosse, conseguiríamos, no máximo, compreender López e Caxias tendo em vista, apenas, as suas atitudes mais imediatas e ditadas pelas urgências da guerra.

Graças às contribuições dadas por estas obras, identificamos dois líderes que travaram batalhas para além dos espaços onde estas se deram, literalmente, pois, conforme discutimos neste capítulo, estes personagens influenciaram em decisões consideráveis nos bastidores da guerra, impondo tanto condenações (aos “traidores”, por

¹⁵⁹ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.350.

López”) como limitações (impostas aos negros, no exército, por Caxias). Ou seja, agiram de modo a manter os *status quo* desejados, fazendo com que permanecesse restrito o acesso de quaisquer indivíduos às posições de maior destaque em seus respectivos países.

O fato de autores como Ricardo Salles e Francisco Doratioto terem apresentado novas possibilidades para a compreensão de López e Caxias na historiografia brasileira deste confronto, conforme justificamos através da análise de suas respectivas obras, inevitavelmente, traz à tona a questão da interpretação do próprio tema “Guerra do Paraguai”. E o novo enfoque ao conflito é uma das características da historiografia contemporânea.

3.3 *A Academia e os novos consensos sobre a Guerra do Paraguai*

De acordo com o que foi relatado neste capítulo e, tendo em vista as obras analisadas, percebemos que, tanto as descrições das ações de López como as de Caxias, serviram à caracterização da historiografia contemporânea, pois, Salles e Doratioto ao mesmo tempo em que trataram destes personagens, aprofundaram suas discussões sobre os contextos nos quais se deram as ações daqueles personagens.

Utilizaremos o livro organizado por Maria Yeda Linhares¹⁶⁰ para confirmar a ressonância positiva na historiografia brasileira, de um novo olhar para este fato histórico. Sendo assim, não nos limitaremos ao que diz respeito aos nossos personagens, especificamente, mas, refletiremos sobre as hipóteses mais aceitas desde a época de elaboração deste livro até a atualidade, sobre a Guerra do Paraguai.

No início da dissertação apresentamos as especificidades de cada corrente historiográfica brasileira sobre a Guerra do Paraguai. Por isso, recorreremos ao livro *História Geral do Brasil*¹⁶¹ cujos textos foram escritos, dentre outros autores, por Ciro Flamarion Cardoso e João Luís Fragoso para mostrar que, as reflexões propostas pelos autores que analisamos neste capítulo, acompanham uma tendência no aprofundamento

¹⁶⁰LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

¹⁶¹LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. Op. Cit.

dos debates sobre a Guerra do Paraguai. Primeiramente, abordaremos a forma como os autores do livro discutem as subdivisões da historiografia sobre o confronto.

Atualmente, é notório o fato de que, a primeira forma de escrita sobre a Guerra do Paraguai, no Brasil, seja composta, “...basicamente, por relatos militares e diplomáticos...dotada de forte cunho patriótico, factual por excelência, e centrada nas batalhas, nas negociações diplomáticas e nos grandes atos de heróis ou vilões.”¹⁶²

Diante desta definição, não é muito difícil entender que, a proveniência dos referidos autores das primeiras narrativas sobre a guerra ajuda a explicar o porquê de López e Caxias terem sido remetidos aos espaços que ocuparam nas obras dos membros da historiografia tradicional. Logo, devemos dar o devido peso ao lado das fronteiras nos quais estavam os escritores para compreender melhor os textos que produziram.

Além disso, não estamos afirmando que, os relatos que predominaram até por volta de 1950 não tenham valor, pois, entendemos que, a utilidade das fontes é descoberta pelo próprio historiador no seu trabalho com as mesmas. Entretanto, em comparação com os registros que os sucederam, muita coisa mudou nos estudos sobre a guerra.

No Brasil, a mais conhecida das alternativas à historiografia tradicional, o revisionismo, segundo esta obra, se deu *no bojo da escrita marxista às ditaduras militares sul-americanas*¹⁶³, ou seja, a partir da década de 1960. É válido lembrar que, nesta versão, predomina a discussão de que, o Paraguai, ao contrário de seus vizinhos os quais, eram dependentes do capital britânico, apresentara uma política de desenvolvimento autônomo, não se submetendo à Inglaterra, se constituindo, por isso, um empecilho às ambições desta coroa na região do Prata.

Para os revisionistas brasileiros, Brasil e Argentina, ao se aliarem à Inglaterra, teriam feito com que o suposto plano para a aniquilação literal do Paraguai chegasse às vias de fato, pois, estes estariam temerosos a uma ascensão do país de López como potência platina.

Dentre os argumentos utilizados no livro organizado por Linhares para justificar a impropriedade da explicação revisionista sobre a guerra, está o de que, mesmo tendo preferência pelos países aliados – pois, tinha muitos negócios nos mesmos – a Inglaterra

¹⁶² Ibidem. p.258.

¹⁶³ Idem.

estaria interessada na preservação do mapa geopolítico do Prata, decorrente da manutenção do equilíbrio de poderes existente na região.¹⁶⁴

Logo, a interpretação mais atual e prudente é:

“Assim, parece mais apropriado pensar a Guerra do Paraguai como um conflito cujas motivações encontram-se, essencialmente, na própria dinâmica de constituição dos Estados nacionais platinos e na disputa, entre esses países, pelo predomínio político e econômico da região, embora não se possa negar que a presença inglesa tenha sido um fator complicador a mais nesse processo. O Brasil já era então um país politicamente consolidado, que exercia um certo controle sobre o Prata, mas que via sempre esta preponderância ameaçada pela Argentina e, mais recentemente, pelo Paraguai.”¹⁶⁵

A situação da Argentina também não era a das mais confortáveis, pois, temia que a sua unificação fosse ameaçada pela proximidade paraguaia das suas províncias de *Entre Ríos* e *Corrientes*. O Paraguai desejava a aproximação com o Uruguai para que pudesse se beneficiar do porto de Montevideú, pois, através deste, fazia suas exportações.

Porém, a intervenção brasileira naquele país seria um obstáculo a esta prática. No Uruguai, em determinado momento, a liderança política dos *blancos* permitiu uma aproximação do Paraguai. Porém, quando o outro partido político existente no país, os *colorados*, retornaram ao poder, estes passaram, novamente, a ficar sob o controle do Império. E, para tornar mais crítico este quadro de tensão, contribuíram as questões fronteiriças entre Brasil, Argentina e Paraguai e as disputas pelo direito à navegação nos rios da Bacia do Prata.

Mas, afinal, o que teria motivado a aproximação entre esses três países contra o Paraguai? Para responder a esta questão, utilizaremos o seguinte fragmento:

“Ao declarar guerra ao Brasil, não sem antes adverti-lo para não invadir o Uruguai, Solano López acreditava poder contar com a ajuda deste país, ainda em poder dos blancos e já em luta contra o Império, e de Entre Rios e Corrientes, que, segundo imaginava, se não entrassem na guerra do lado paraguaio, ao menos forçariam o governo argentino a se manter neutro no conflito. Além de

¹⁶⁴LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p.258. p. 259.

¹⁶⁵ Idem.

superestimar o potencial bélico de seu país e de subestimar o brasileiro, não contava López com a rápida derrota e Aguirre e com a negativa daquelas províncias argentinas em lhe prestar apoio. Para piorar, depois de ver recusado o seu pedido de permissão para que suas tropas atravessassem o território argentino das Misiones, de forma a não poder então atacar o Rio Grande do Sul, o presidente paraguaio, em 18 de março de 1865, declarou guerra à Argentina, invadindo e ocupando Corrientes em seguida. A essa altura, o Uruguai estava de novo sob o poder colorado e a tutela brasileira.”¹⁶⁶

O principal desdobramento da ingerência desta situação entre os quatro países foi que, o Brasil, a Argentina e o Uruguai formaram a Tríplice Aliança, cujo acordo secreto previa a destituição da ditadura de López, a livre navegação pelos rios Paraguai e Paraná, a imposição ao Paraguai do pagamento de indenizações pelas perdas e prejuízos dos aliados com a guerra e o estabelecimento de fronteiras entre o Paraguai e os demais países. Mas, existiu um aspecto sobre o qual nem o Paraguai, nem os aliados puderam deixar estipulado: o período de duração da guerra. Equivocadamente, acharam que este seria breve.

Os momentos mais importantes da guerra, de um modo geral, foram divididos em três fases: a primeira foi marcada pela ofensiva dos paraguaios invadiram a Argentina, o Mato Grosso e o Rio Grande do Sul. Porém, foram contidos em setembro de 1865, em Uruguaiana, localidade gaúcha. Destaca-se, nesse período, a Batalha Naval do Riachuelo, em 11 de junho de 1865.

A Batalha do Tuiuti ocorreu no dia 24 de maio de 1866 e foi o evento mais importante da segunda fase da guerra. Nela, se deu a ofensiva aliada. Após um período e estagnação a Tríplice Aliança venceu os paraguaios em Curuzu. Dentre os eventos de 1866, destacam-se a derrota aliada na guerra e a ascensão de Caxias na hierarquia do comando militar do confronto.

“No dia 22 do mesmo mês, porém – dez dias após o então comandante em chefe das forças aliadas Bartolomeu Mitre rejeitar a proposta de pôr fim à guerra apresentada por López (que oferecia vantagens incluindo concessões territoriais, em troca da preservação de si mesmo e do território paraguaio restante) – os aliados sofreram em Curupaiti a sua pior derrota na guerra. No mês seguinte, o então marquês de Caxias era nomeado para substituir Mitre no comando

¹⁶⁶ LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 260.

geral das forças navais e terrestres o qual, só seria assumido pelo general brasileiro em janeiro de 1868.”¹⁶⁷

Desta mesma fase, fez parte a Retirada da Laguna, episódio que se caracterizou pelo recuo dos aliados, após a tentativa frustrada de invasão do Paraguai que, se daria pelo Mato Grosso. Em julho de 1867, foi iniciado o movimento de cerco à fortaleza de Humaitá cuja ultrapassagem garantiria o acesso à Assunção, porém, a sua tomada definitiva se concretizaria, apenas, no dia 5 de agosto de 1868.

A sucessão de vitórias aliadas, registradas a partir de dezembro de 1868, ficou conhecida como Dezembrada. Fizeram parte da mesma as batalhas de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas. Em janeiro de 1869, as tropas brasileiras chegaram à Assunção.

A terceira e última fase da guerra foi marcada pela fuga de Solano López para o interior. Nesse momento da guerra, as tropas brasileiras estavam submentidas ao Conde D’Eu, genro do imperador. No dia 12 de agosto de 1869, ocorre o ataque a Peribebeú, símbolo da resistência paraguaia. E, no dia 16 deste mesmo mês, ocorreu a Batalha de Campo Grande ou de Acosta Ñu. Porém, este ainda não foi o momento da captura de López. O presidente paraguaio fugiu para o norte do país. Finalmente, é cercado e morto em Cerro Corá no dia 1º de março de 1870. Este foi o marco final da Guerra do Paraguai, contudo, as tropas brasileiras permaneceram em Assunção por mais seis anos.

Após identificarmos, principalmente, nos livros didáticos, uma certa disparidade em relação ao número de envolvidos na guerra, encontramos, nesta obra, informações sobre os prejuízos materiais e humanos para os aliados. Segundo ela, os soldados das tropas brasileiras eram oriundos, principalmente, da Guarda Nacional e do Corpo de Voluntários da Pátria, num total de, aproximadamente, cento e cinquenta mil homens.

O Paraguai, ao final da guerra, perdeu 95% de sua população adulta masculina¹⁶⁸. Além desta enorme perda populacional, este país teve sua economia arruinada, ficando sob a tutela do Brasil nos primeiros anos após a guerra¹⁶⁹, além de ter que indenizar os aliados. O Brasil, mais tarde, teria revisto esta parte do acordo. Os desdobramentos para o Uruguai não foram tantos, pois, este não se envolveu, na

¹⁶⁷ LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p. 261.

¹⁶⁸ LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p.262.

¹⁶⁹ Idem.

mesma intensidade, que os demais países. O Brasil teve ganhos territoriais com a anexação de terras do Paraguai. Foram desenvolvidas as indústrias têxteis e de armamentos. Um dos seus grandes prejuízos se deu, também, no setor financeiro, pois, sofreu um considerável aumento da sua dívida externa.

Além da consolidação dos Estados nacionais entre os vitoriosos¹⁷⁰, um outro desdobramento, não menos importante para a sociedade brasileira, foi um profundo sentimento de identidade nacional. A obra analisada exemplifica este fato utilizando as palavras de José Murilo de Carvalho¹⁷¹ o qual diz que “*a Guerra do Paraguai foi o fator mais importante na construção da identidade nacional no Brasil do século XIX.*”¹⁷²

O confronto foi o elemento integrador da sociedade brasileira daquela época, pois, os esforços vinham de várias partes do Império e, não se limitavam, apenas, aos indivíduos que foram alistados voluntária ou compulsoriamente. Muitos ofereceram os mais diversos préstimos à causa aliada, exercendo nos campos de batalha as mais diferentes funções. Dentre os que não colaboraram com sua força de trabalho, estavam as pessoas que não deixaram de fazer suas doações de alimentos, roupas, etc.

Dos ex-escravos que participaram da guerra, existiram aqueles que ganharam uma certa notoriedade naquele cenário.

“Um desses negros livres é particularmente digno de nota: Dom Oba II d’ África, conforme se intitulava; como relatou Eduardo Silva, este baiano de Lençóis apresentou-se como voluntário à frente de mais de trinta companheiros, todos possuídos do mais vivo e demodado patriotismo, e, recebendo o posto de sargento, com eles passou a integrar o 24º Corpo de Voluntários da Pátria, que seguiu para a guerra, inclusive, tomando parte na batalha do Tuiuti.”¹⁷³

“Ainda que o entusiasmo e o apoio diminuíssem à medida que a guerra se prolongava, e que tenha havido muita resistência ao recrutamento forçado a que também se recorria, não se pode negar a importância da Guerra do Paraguai na formação de uma identidade nacional brasileira, forjada no vivenciamento da própria luta ou na assimilação de seus significados simbólicos. Todavia, a definição desta identidade traria consigo uma conscientização que teria

¹⁷⁰ Ibidem. p.263.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990. p.263.

desdobramentos ainda mais profundos sobre o desenvolvimento do Império brasileiro.”¹⁷⁴

Este último fragmento sintetiza o quadro social verificado no Brasil, após a Guerra do Paraguai, pois, manifestações de patriotismo se deram, também, nas artes através da música, da poesia, teatro, pintura, mas, principalmente, pela Imprensa, através de jornais e revistas.

¹⁷⁴ Ibidem p. 264.

CAPÍTULO IV

López, Caxias, Guerra do Paraguai: uma visita aos livros didáticos brasileiros

Neste capítulo, analisaremos os livros didáticos brasileiros produzidos a partir do final da década de 1980, com o objetivo de caracterizar a postura de seus respectivos autores ao descreverem López e Caxias na Guerra do Paraguai. Buscamos perceber, em que medida, estas obras têm marcas do revisionismo e da historiografia contemporânea sobre o confronto, cujas características registramos nos capítulos anteriores.

Eis os livros a serem analisados, respectivamente: *História do Brasil: da Colônia à República*¹⁷⁵ de Elza Nadai e Joana Neves, *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*¹⁷⁶, escrito por Mário Schmidt, *Viver a História*¹⁷⁷, de Cláudio Vicentino, *Para compreender a História*¹⁷⁸, cuja autoria é de Renato Mocellin e, finalmente, o livro *Por dentro da História*¹⁷⁹ de Pedro Santiago.

Salientaremos os aspectos que podem denotar os avanços, as estagnações e os retrocessos nas descrições sobre estes personagens e, em que medida, estas narrativas contribuíram para a assimilação, por parte de várias gerações, de conceitos e definições, ainda hoje discutíveis, no que diz respeito a López, Caxias e à própria Guerra do Paraguai.

Dentre os diferentes exemplares de livros didáticos, selecionamos aqueles que têm uma quantidade razoável de texto sobre o evento. Alguns trazem atividades posteriores para discussão do mesmo. Os questionamentos que nortearam as nossas reflexões foram: nas obras que identificamos características revisionistas, como se deram as tentativas de rompimento com os modelos narrativos anteriores? A partir da tese da intervenção britânica no conflito, de que forma López, Caxias e seus respectivos

¹⁷⁵ NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986. Op. Cit.

¹⁷⁶ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. Op. Cit.

¹⁷⁷ VICENTINO, Cláudio. *Viver a História*. Ensino Fundamental. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2002. Op. Cit.

¹⁷⁸ MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997. Op. Cit.

¹⁷⁹ SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história*. 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006. Op. Cit.

países são apresentados? Mesmo com essa transformação, ainda é possível encontrar, nestes textos, aspectos da historiografia tradicional? Há ou não repercussão da historiografia recente nos livros didáticos?

4.1 A *La Chiavenatto*

4.1.1 *López e Caxias segundo Elza Nadai e Joana Neves*

O livro *História do Brasil: da Colônia à República*,¹⁸⁰ das historiadoras Elza Nadai e Joana Neves faz um breve retrospecto da guerra, chamando a atenção para as suas fases mais importantes. De um modo geral, as autoras seguem os passos de Chiavenatto, ressaltando o elevado índice de desenvolvimento do Paraguai no período anterior à guerra. Logo, o destaque àquela realidade se faz necessário, uma vez que, fora resultado, também, da administração de López.

“Deste modo, na época do início da guerra (1864), o Paraguai constituía uma exceção na América Latina: possuía uma estrutura agrária capaz de fazer produzir tudo que era necessário para alimentar a população, silos bem montados que armazenavam um grande estoque de alimentos reservados para a população, em épocas de crises, ou para a exportação, caso o Paraguai conseguisse furar o bloqueio, geralmente feito por Buenos Aires. Possuía, também, uma indústria florescente, capaz, por exemplo, de produzir ferramentas, armas e os utensílios necessários para uma população que vivia em regime de austeridade e pobreza.”¹⁸¹

Tendo em vista tais peculiaridades da realidade paraguaia, é possível destacar, ainda, uma atitude de López que, segundo as autoras teria contribuído, em grande medida, para a deflagração do conflito. Isto porque, algumas das decisões do presidente representavam uma alternativa para os demais países do continente que, se submetiam aos ditames da expansão do capitalismo, liderados pela Inglaterra¹⁸².

A primeira exigência de López, segundo esta obra, foi a de que seu país pudesse exercer controle sobre a navegação dos rios platinos, com a garantia de que o estuário do Prata, controlado por Buenos Aires e Montevideú fosse franqueado aos navios

¹⁸⁰ NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986. Op. Cit.

¹⁸¹ *Ibidem*. p.157.

¹⁸² *Idem*.

paraguaios. Além disso, as autoras afirmam que os grandes grupos comerciais ingleses, bem como os seus associados argentinos e brasileiros, estariam proibidos de fazer restrições às mercadorias paraguaias, aceitando-as em troca das máquinas e outros produtos industrializados que o país ainda não tinha condições de produzir. Por essas razões, as autoras reforçam a idéia de que o Paraguai representava um “perigo” e, por isso, deveria ser eliminado. Outro aspecto da obra que pode ser um indício da defesa de López, está relacionado ao fato de que, a iniciativa da Inglaterra em fomentar a Tríplice Aliança para a destruição do Paraguai, teria sido uma atitude desnecessária, pois:

“Foi a mais longa guerra da América do Sul, tendo sido considerada por muitos estudiosos como desnecessária militarmente, justificando-se apenas pelo fato de os aliados terem pretendido aniquilar completamente o Paraguai e insistirem, sobre tudo os brasileiros, na perseguição e eliminação de López.”¹⁸³

Já a participação de Caxias no evento não foi detalhada pelas autoras as quais, se limitaram a colocar a foto do comandante brasileiro, dentre outras que ilustram o evento. Para o caso desta pesquisa, foi interessante observar que, se não fora intenção da obra tecer maiores comentários sobre a participação deste último na guerra, pelo menos, esta teria sido uma estratégia de apresentação de um dos responsáveis pela aniquilação de López e seu povo.

De um modo geral, a proposta do revisionismo foi a de propor uma alternativa à primeira versão da guerra, escrita na maior parte dos casos, por militares, inclusive, ex-combatentes. A “novidade” desta corrente historiográfica foi a alusão ao financiamento britânico, como explicação para a ocorrência do conflito. Mas, o que dizer quando estes “críticos” recorrem a um dos mais conhecidos integrantes da historiografia tradicional, para fazer a defesa do presidente guarani e de sua nação? Para a discussão de tal questionamento, é necessária a observação da transcrição feita pelas autoras do trecho da obra de Dionísio Cerqueira¹⁸⁴ o qual, fala do saldo da guerra.

“[...] canhões obsoletos, espingardas enferrujadas, lanças partidas, espadas botas (sic) de tanto golpe, bandeiras enfumaçadas, em farrapos... e messe enorme de lauréis de glória. Glória cara!

¹⁸³NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986. p.158.

¹⁸⁴CERQUEIRA, Dionísio. Apud. NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986. p.159.

Perdemos cem mil dos nossos melhores irmãos, heróis ignorados; e quase consumamos o extermínio de um povo valoroso que soube defender heroicamente o solo sagrado de sua pátria. Antes da guerra, o Paraguai tinha um milhão e trezentos mil habitantes; depois dela, não iam muito além de duzentos mil! Mais de um milhão pereceram nessa campanha duríssima. Arrancamos os paraguaios, dizem, à constrição do guante de ferro de uma tirania aviltante. São hoje mais felizes? A terra é mais bem cultivada? Mais navios sulcam as suas águas? Mais povoadas de rebanhos as pradarias? Mais tranqüilidade no povo? Mais respeitado seu nome? Mais forte seu governo?”¹⁸⁵

Pelo que pode ser observado, é explícita a repulsa aos desdobramentos da guerra, o que é compreensível, sendo este, o depoimento de uma de suas mais conhecidas testemunhas oculares. Porém, o que deve ser destacado, nesse momento, é a sua presença em uma obra notadamente revisionista, o que fez surgir as seguintes indagações: por que utilizar a fala de um dos membros da historiografia que se pretendia questionar? Em que medida, ela é favorável a López? E, ainda que indiretamente, como este depoimento é nocivo à “memória” de Caxias?

As respostas para estas perguntas podem ser encontradas, se levada em consideração, a utilização dada pelas autoras a este vestígio, ou seja, às palavras de Cerqueira. O que está em jogo é o fato de que, este relato apenas se tornou uma prova¹⁸⁶ para o revisionismo, a partir do momento em que lhe foi atribuído tal fim. Isto significa que, estando fora do conjunto das obras tradicionais, as *Reminiscências* são apenas reminiscências e, o que fez com que elas pudessem ser usadas como argumento à acusação de López foi o mesmo que permitiu, na obra analisada neste momento, a crítica à Tríplice Aliança, ou seja, a finalidade dada a este documento.

4.1.2 SCHIMIDT 1997: a permanência do revisionismo

O livro *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*,¹⁸⁷ foi produzido bem além das fronteiras temporais nas quais, foi confinado o revisionismo. Ainda assim, nesta obra, coabitam duas condutas do autor que, de certa forma, põem em

¹⁸⁵ CERQUEIRA, Dionísio. Apud. NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986. p. 159.

¹⁸⁶ Segundo Edward Carr (1970), caberá ao historiador utilizar um documento a fim de lhe dar uma finalidade específica e, apenas desta forma, este vestígio poderá ser considerado uma prova.

¹⁸⁷ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. Op. Cit.

dúvida a classificação da mesma como não revisionista. Ao mesmo tempo em que demonstra repugnância pelas ações de Caxias e da Tríplice Aliança, defendendo López, por outro, contraria o princípio revisionista de que a Inglaterra fora a causadora da guerra. Não mudamos o rumo de nossas análises. Os focos continuam sendo nossos personagens, porém, destacamos este último aspecto, pois, é este que determina se uma obra sobre a guerra é revisionista ou não, o que implica na identificação do tipo de obra na qual López e Caxias vão ser descritos.

Inicialmente, analisaremos o seguinte fragmento:

“Ora, será que alguém realmente poderia achar que o mercado paraguaio com uma população de apenas 400 mil habitantes seria uma grande perda para a Inglaterra? Os banqueiros de Londres enfiaram belas libras nas algibeiras, emprestando a juros aos governos brasileiro e argentino. Os industriais britânicos também festejaram a venda de fuzis, espadas, canhões e fardas. Mas eles não causaram a guerra. Só se aproveitaram dela”¹⁸⁸

Talvez, se evidencie a questão: se o autor não considera a tese da participação da Inglaterra, isto já não é um indício de que não seria possível classificá-lo como revisionista? À primeira vista, a resposta poderia ser positiva, porém, o que pensar diante da seguinte definição para o país de López, às vésperas da guerra, para onde o autor convida o leitor a visualizar a seguinte situação:

“Se um viajante estrangeiro percorresse a América do Sul no século XIX, perceberia que todos os países eram muito parecidos. A economia, agrária, dominada pelo latifúndio exportador; mercados nacionais inundados pela Inglaterra; governo nas mãos de fazendeiros egoístas e corruptos. Toda a América Latina...? Não! Existia uma única e honrosa exceção. Isso mesmo. Era o Paraguai.”¹⁸⁹

Tal caracterização não remeteria a alguma outra familiar? Àquela cujo objetivo seria mostrar que o presidente paraguaio foi capaz de manter e constituir um país de nível oposto ao da “barbárie”, descrição comum reservada ao Paraguai na historiografia tradicional? E, para o caso de ainda ser necessário sublinhar a tônica do livro, eis a seguinte declaração, que só tende a ser positiva a López:

¹⁸⁸ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p.176.

¹⁸⁹ *Ibidem* p.175.

“Governado desde 1862 por Francisco Solano López, o Paraguai conheceu um grande apoio do Estado à educação. Quase todas as crianças iam à escola e o Estado pagava os melhores alunos para estudar nas universidades européias. Voltavam de lá engenheiros, químicos, geólogos, agrônomos, físicos e professores. Engenheiros e professores estrangeiros foram pagos a peso de ouro para trabalhar e ensinar e Assunção”¹⁹⁰

Pelo que pôde ser observado, no que diz respeito a López, Schimidt não parece dever nada a qualquer interpretação nos moldes daquela feita por Chiavenatto. Isto significa que, não é prudente classificar uma obra, arbitrariamente, como pertencente ou não a esta ou àquela corrente historiográfica, tendo como única referência o seu ano de publicação.

Segundo o autor, na época em que o Brasil e o Paraguai ainda não tinham demarcado suas fronteiras, Solano López teria aproveitado a rivalidade entre Brasil e Argentina, para ganhar um espaço de importância na região. Aproximou-se dos *blancos* uruguaios e dos federalistas argentinos. Assim, não ficava nem do lado argentino, nem do brasileiro. Porém, o “engano” de López teria sido o de não perceber importantes transformações na política portenha: desde 1862, os unitaristas consolidaram seu mando sobre a Argentina. De acordo com Schimidt, o domínio de Buenos Aires era cada vez mais sólido sobre as demais províncias.

No comando desse processo centralizador, estava Bartolomeu Mitre, também com posições liberais. Defendia a livre navegação na Bacia do Prata, aproximou-se dos colorados uruguaios e do Governo do Brasil. O autor ainda complementa, afirmando que, em 1862, os liberais assumiram o controle do Parlamento Imperial, sendo este, um fator de aproximação entre Buenos Aires e o Rio de Janeiro. E, após destacar este contexto ao qual, López não teria dado a devida atenção, o autor parece querer adivinhar os planos de López:

“Qual era a idéia de Solano López? Ele sabia que a coisa iria esquentar na região. Por isso, agiu com rapidez. Em 1864, ocupou o Mato Grosso com milhares de soldados. O Brasil foi apanhado de surpresa e pouco pôde fazer para defender a região distante da capital. López imaginava o seguinte: ‘ O Uruguai vai resistir e assim o Brasil

¹⁹⁰SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p. 176.

não terá uma base de operações para me atacar pelo sul. Na Argentina, Mitre não vai se aliar ao Brasil com medo da revolta de Urquiza, de Corrientes e Entre Rios, com quem montei aliança. Resultado: a guerra não irá muito longe e D. Pedro II terá de negociar as fronteiras comigo numa situação de inferioridade. O Paraguai sairá como uma potência reconhecida na região platina.”¹⁹¹

Isto quer dizer que, segundo o autor, mesmo diante do fato de que a invasão do Mato Grosso teria sido considerada, durante muito tempo, a gota d’água para o começo da guerra, esta não foi de responsabilidade de López. Provavelmente, para criar um atenuante para o presidente paraguaio, ele dá a entender que, se o presidente paraguaio desafiou o Brasil, dentro de seu próprio território, isto ocorreu por uma falha em seus planos. Não era a sua intenção que sua ação tomasse os rumos que tomou. Ou seja, para Schimidt, se a López tivesse que ser atribuído um crime, este seria o da invasão do Mato Grosso e nada mais. E, mesmo que o resultado de sua “falha estratégica” tivesse sido o deflagrar da Guerra do Paraguai, este não poderia ser responsabilizado por isso, já que, o autor confirma – com sua suposição – que tal idéia não teria passado pela cabeça do presidente guarani.

De certo modo, a análise do trecho há pouco apresentado, nos remete ao posicionamento de Keith Jenkins,¹⁹² sobre a impossibilidade de empatia por parte daquele que estuda o passado, em relação aos indivíduos que fizeram parte deste. Isto é, na busca por entender o que se passou, arriscaria, em vão, entrar na cabeça de pessoas desconhecidas e muito distantes no tempo e no espaço.¹⁹³ Sendo assim, por mais que o indivíduo se esmere nisso, o máximo que conseguirá é uma descrição anacrônica.

Mas, não se acabaram as surpresas que esta obra, *a priori*, não-revisionista, poderia proporcionar. Outra delas, está relacionada à descrição de Caxias a qual, depois do conhecimento de outras considerações que, veremos mais adiante, soou como ironia: “*O Brasil tinha bons militares, como o General Osório. Mas o grande General foi*

¹⁹¹ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p. 177.

¹⁹² Segundo JENKINS (2001: p.68) “[...] os historiadores transportam para todos os acontecimentos passados o seu próprio modo de pensar que é ‘programado’ pelo presente.”

¹⁹³ JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Editora Contexto, 2001. p.69.

Caxias. Ele reorganizou o exército, deu-lhe disciplina, combateu a corrupção, conseguiu armas e equipamentos, traçou inteligentes estratégias.”¹⁹⁴

No entanto, tal comentário seria digno de um lugar na historiografia tradicional, se não fosse, imediata e impacientemente, retrucado pelo próprio autor o qual, apresenta, sem rodeios, a “verdadeira” face de Caxias:

“Na guerra, ninguém é santo. Os brasileiros vingavam-se brutalmente das derrotas sofridas no começo. Quase não se faziam prisioneiros: o paraguaio que se rendia era imediatamente degolado. Poços de água foram envenenados, um verdadeiro crime de guerra. Os brasileiros incendiavam aldeias, demoliam escolas, fuzilavam em massa. Atualmente, o movimento negro não gosta muito de Caxias. Acusa-o de ter enviado os soldados pretos para as piores missões, servindo de “bucha de canhão” na guerra. Dizem que era racista e pouco se importava com a morte dos batalhões negros enviados em missões suicidas. Os defensores de Caxias alegam que ele sempre se preocupou com o destino dos seus homens.”¹⁹⁵

E, para o “tiro de misericórdia” à honra de Caxias, Schimidt satisfaz qualquer defensor do revisionismo com mais um comentário irônico: aborda o pedido que o comandante havia feito ao imperador para se retirar, pois, o Paraguai já estava derrotado. Para tanto, utiliza as palavras do próprio Caxias: “*É preciso acabar com essa guerra maldita na qual o inimigo já está vencido e não faz sentido humilhá-lo.*”¹⁹⁶

A utilização feita por este autor de uma declaração a qual, poderia ser encontrada, facilmente, nos livros da historiografia tradicional, nos permite dizer que, o historiador, ao escrever a história – e não sobre ela - é o principal personagem da mesma, ou seja, é ele quem determina o que será dito, sobre quem será dito, como será dito e para que será dito, enfim, ele delimitará as funções de cada elemento constituinte do evento que selecionou. E, a presença desta frase de Caxias na obra em questão, significa que “*as fontes são mudas. São os historiadores que formulam tudo o que as fontes dizem*”.¹⁹⁷

¹⁹⁴ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p. 178.

¹⁹⁵ SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p. 178.

¹⁹⁶ CAXIAS, Marquês de. Apud. SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p. 177.

¹⁹⁷ JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Editora Contexto, 2001. p. 177.

4.2 A Historiografia da interseção

4.2.1 Posicionamento revisionista, prática contemporânea

Primeiramente, o autor destaca os aspectos que atestam o grau de desenvolvimento do Paraguai, antes da guerra. Destaca a industrialização interna e a sustentação dada pelas *fazendas da pátria*, destinadas, principalmente, à subsistência da mesma. Segundo ele, a produção advinda destes espaços era suficiente para garantir a alimentação de toda a população.

O que nos chama a atenção, entretanto, é o trecho em que o autor explica a causa deste desenvolvimento: “O sucesso do país, que não tinha acesso ao mar, devia-se, em grande parte, à sua autonomia em relação ao domínio da Inglaterra, modelo de independência econômica que não agradava esta potência mundial.”¹⁹⁸

O autor escreve que, já em 1864, López contava com um exército bem treinado. Associa este fato ao objetivo deste presidente, sendo ele, a expansão territorial como garantia de acesso ao mar. E, repetindo o posicionamento da maioria dos autores que escreveram sobre a Guerra do Paraguai, trata da promoção de Caxias como elemento propulsor das tropas brasileiras, mencionando, além disso, a questão da presença dos ex-escravos nas fileiras do exército.

“A nomeação, em fins de 1866, de Luís Alves de Lima e Silva, na época conde de Caxias, como novo comandante das forças brasileiras, visou dar novo ânimo aos combatentes. Com a diminuição do alistamento de voluntários, o governo reforçou o recrutamento obrigatório e a utilização da população escrava na formação do exército.”¹⁹⁹

Ao comentar os efeitos da guerra para os envolvidos, diz que, fora a Inglaterra o país que mais lucrara com o conflito, uma vez que, dele necessitaram os aliados para o suprimento de recursos bélicos. Segundo ele, outra vantagem adquirida pelos britânicos, fora a intensificação de seu comércio naquela região. Finalmente, aborda os desdobramentos para do Brasil, sendo o principal deles, *a estruturação definitiva do exército brasileiro*.²⁰⁰

¹⁹⁸ VICENTINO, Cláudio. *Viver a História*. Ensino Fundamental. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2002. p. 271.

¹⁹⁹ *Ibidem*. 272.

²⁰⁰ *Idem*.

Esta obra se caracteriza pela simultaneidade na presença de comportamentos revisionistas e dos que são possibilitados pelas leituras contemporâneas sobre a guerra. Isto porque, ao mesmo tempo em que introduz suas explicações com a tese da intervenção britânica, o autor sugere atividades que permitem ao professor desenvolver uma discussão mais aprofundada em sala de aula, inclusive, com as diferentes interpretações já formuladas para história do confronto.

A postura que denota, mais intensamente, a presença destas duas correntes historiográficas se manifesta no tratamento dado pelo autor às atividades a serem propostas aos alunos. A partir do fragmento de uma obra produzida no período em que o revisionismo brasileiro era a maior forma de interpretação da guerra, veremos como o autor induz os alunos a perceberem quão negativas foram, também, as ações dos brasileiros.

Eis a transcrição literal da tarefa:

“Trabalhando com textos

Leia o texto abaixo com atenção e responda a pergunta a seguir em seu caderno.

A Guerra só terminou, em 1870, com a morte de Solano López, após resistir à voz de comando dos soldados brasileiros para que se rendesse em Cerro Corá... A Guerra do Paraguai foi violenta de ambas as partes, mas deve-se assinalar que, enquanto os paraguaios se prenderam à brutalidade inerente à própria natureza do conflito, do lado brasileiro atrocidades que se caracterizaram como crime de guerra foram cometidas sob responsabilidade do Conde D’Eu, como o incêndio do hospital em Peribebeu, com todos os seus enfermos, entre velhos e crianças.

(AQUINO, Rubim Santos Leão de. *História das sociedades americanas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981. p. 147.)

Como o autor caracteriza a participação de ambas as partes na Guerra do Paraguai?”²⁰¹

²⁰¹VICENTINO, Cláudio. *Viver a História*. Ensino Fundamental. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2002. p.274.

Por outro lado, a maior aproximação com os posicionamentos da historiografia contemporânea pode ser percebida nas duas atividades que transcreveremos, a seguir:

Atividade I

“Trabalhando com documentos

Leia atentamente o anúncio a seguir:

Diário da Bahia, 14 de outubro de 1865:

Atenção. Quem precisa de uma pessoa para marchar para o sul em seu lugar, e quiser libertar um escravo robusto, de vinte anos, que deseja incorporar-se ao exército, declare por este jornal seu nome e morada onde possa ser procurado, e por preço cômodo achará quem lhe substitua nos contingentes destinados à guerra.

(Apud SILVA, Eduardo. *O príncipe Oba, um voluntário da Pátria*. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. *A Guerra do Paraguai, 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p.71.)

Imagine que você é o escravo desse anúncio e considere: quais as vantagens ou desvantagens adviriam para a sua vida se esse anúncio se efetivasse.

Atividade II

“O CONHECIMENTO HISTÓRICO NA HISTÓRIA

Leia atentamente os textos didáticos seguintes que discorrem sobre as causas da Guerra do Paraguai. O primeiro foi extraído de um livro didático de 1998 publicado no Paraguai e o segundo, de um livro didático brasileiro bastante utilizado nas décadas de 1960 e 1970.

Texto 1

As causas da guerra: um tema polêmico

As causas da guerra que o Paraguai manteve contra a Tríplice Aliança são um tema muito discutido pelos historiadores. Até a atualidade existem posições sobre o assunto, como:

- A versão oficial da época sustenta que o Paraguai defendia a livre navegação nos rios e a ocupação do Uruguai pelo império brasileiro ameaçava o equilíbrio do Prata.
- Os interesses econômicos da Inglaterra, que pretendia subverter o modelo econômico auto-sustentável do Paraguai e conseguir a abertura para seus produtos.
- A agressão militar pelo Paraguai (Mato Grosso e Corrientes).
- O despotismo e as ambições políticas de López.
- A dos historiadores contemporâneos que incluem vários elementos: persistência do problema indefinido das fronteiras, imperícia dos diplomatas paraguaios, imposição da hegemonia regional do Brasil e da Argentina, etc.

(Paraguay Ñane Retã. Estudos Sociales para el 3º año de la Educación Escolar Básica. Assunción. Paraguay: Fundación em Alianza, 1998. p. 15.)

Texto 2

A luta não foi contra o povo paraguaio

López era um homem ambicioso. Sonhava formar um grande império do qual ele seria o chefe. Para tanto, devia conquistar terras dos países vizinhos. A fim de realizar o sonho dominador arrastou milhares de compatriotas fanatizados.

O Brasil, governado por um soberano pacifista, não desejava a guerra e não estava preparado para isto. Nem tinha prevenções contra o povo paraguaio.

Para fazer frente a Solano López, nosso país aliou-se à Argentina e ao Uruguai, assinou o Tratado da Tríplice Aliança. Um dos artigos deste Tratado dizia claramente que a luta armada seria contra o ditador e não contra o povo paraguaio. O Brasil honrou este compromisso depois da vitória, não exigindo nada e ajudando o reerguimento do país irmão.

(MUSSUMECI, Victor. História do Brasil. São Paulo: Editora do Brasil. s/d. p.91.)

1. Organize em seu caderno um quadro comparativo sobre as causas da Guerra do Paraguai apontadas no texto 1 e no texto 2.

2. Examine o quadro que você construiu e responda:

a) Quais as semelhanças e as diferenças entre as explicações desses dois textos a esse respeito das causas da guerra?

b) O autor do texto 2 defende a idéia de que a guerra travada entre o Brasil e o Paraguai foi apenas contra o ditador e não contra o povo paraguaio. Qual sua opinião sobre esse argumento?

3. Considerando as conseqüências da guerra para o povo paraguaio e seu território, avalie a afirmação do segundo autor sobre a colaboração do Brasil para a reconstrução do Paraguai.”²⁰²

Sobre a atividade I, entendemos que, ao buscar remeter os alunos ao contexto da guerra, o autor solicita que estes se coloquem no lugar de um escravo posto à venda, para servir de soldado no lugar de um senhor. Supomos que, a resposta esperada fosse algo em torno da questão da alforria a qual, seria dada ao cativo, em razão de sua participação na guerra.

De certa forma, podemos enumerar duas discussões possíveis, tendo em vista, a atividade proposta. A primeira, diz respeito à tentativa de fazer com que os alunos se colocassem no lugar do escravo. Ora, esta poderia ser uma estratégia para que os jovens leitores abstraíssem a situação da época, porém, suas chances de sucesso seriam limitadas, pois, seriam impossibilitadas pelo próprio distanciamento real entre os contextos dos escravos e dos alunos.

Esta constatação que, à primeira vista, parece óbvia, nem sempre é percebida por muitos profissionais da história os quais, insistem na idéia de que os indivíduos de hoje possam ser capazes de pensar e agir exatamente como os de outros contextos. Logo, a identificação desta postura de Vicentino não nos serve, neste momento, para fazer críticas ao seu trabalho, mas, para explicitar, justamente, a possibilidade de discussão sobre a alteridade no estudo da história. Isto porque, trabalhado nos alunos, este

²⁰² VICENTINO, Cláudio. *Viver a História*. Ensino Fundamental. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2002. p.276.

conceito os ajudaria a entender que não podem “se colocar no lugar de”, mas sim, reconhecer as diferenças que impossibilitam este fato.

Enfim, destacamos a atitude deste autor em levar ao conhecimento de seus alunos a existência de diferentes interpretações sobre a Guerra do Paraguai. E, sobre o texto brasileiro, especificamente, estimula o leitor a perceber o reconhecimento da responsabilidade deste país pela aniquilação paraguaia, ou seja, apresenta aos alunos uma das características do nosso revisionismo sobre a guerra.

4.2.2 A Guerra do Paraguai para iniciantes

No livro de Renato Mocellin²⁰³ surgem, explicitamente, as três correntes historiográficas sobre a guerra e uma breve discussão sobre as mesmas. Delimita, objetivamente, as razões do conflito, segundo cada uma delas.

*“A historiografia tradicional brasileira explica a origem do conflito pelos sonhos expansionistas de **Francisco Solano López**, ditador paraguaio. Ao Brasil coube se defender das ambições do ‘tirano’ do Prata. Esses historiadores glorificam os feitos heróicos de nossos comandantes (Osório, Caxias, Tamandaré, etc.) e soldados que acabaram libertando o povo paraguaio de uma cruel tirania.*

*Uma outra corrente historiográfica, chamada de **revisionista**, afirma que a guerra foi causada pela Inglaterra, desejosa de destruir o Paraguai, pois este país não se subordinava aos ditames do imperialismo inglês.*

Uma terceira corrente busca as origens da Guerra do Paraguai no processo histórico da formação dos Estados nacionais da região.

*‘Carecendo o Estado paraguaio de **organização diplomática** que o abastecesse com informações correta sobre a situação do Rio da Prata, bem como a capacidade militar de seus potenciais inimigos, Solano López acreditou poder guerrear e vencer o Brasil e a Argentina. Contudo, já em meados de 1865 era óbvia a impossibilidade dessa vitória...’²⁰⁴*

²⁰³ MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

²⁰⁴ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. Apud. MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997. p.76

Tendo em vista as considerações feitas pelo autor, podemos dizer que, este situa os alunos diante da possibilidade desta divisão historiográfica para o estudo da guerra. Em consequência disso, sua obra se encontra afinada com os princípios da historiografia contemporânea, ao permitir que não fosse transmitida, apenas, uma das interpretações para este fato.

Um exemplo disso, está no fato de ter utilizado um trecho de Doratioto para exemplificar a corrente historiográfica da qual este historiador é representante. E isto, é um ponto a favor de Mocellin, pois, propõe uma forma de se tratar da história, ao recorrer aos seus pares para exemplificar as questões que propõe.

Um desdobramento positivo desta atitude é a assimilação desta postura, também, por parte dos alunos os quais, serão levados a compreender a necessidade de se utilizar os posicionamentos dos autores para, a partir deles, comporem seus próprios textos de história, desde que, a exemplo do que foi feito na citação acima, seja feito o registro da autoria do fragmento que forem utilizar.

Quanto à utilização de trechos de outros autores, podemos notar que, estes surgem em razoável quantidade. Estes são transcritos não só para a historiografia contemporânea, como vimos anteriormente. Conforme enfocaremos mais adiante, o autor recorre, também, a uma obra clássica do revisionismo. Mas, retomemos a discussão sobre a relação estabelecida por Mocellin com os últimos debates mais recentes sobre a Guerra do Paraguai.

Por isso, a partir de Boris Fausto²⁰⁵, aborda as causas do conflito:

*“Especula-se muito sobre as razões que teriam levado Solano López a iniciar o conflito, com o risco de provocar a união de dois velhos rivais – Brasil e Argentina. Aparentemente, ele esperava neutralizar as ameaças de seus poderosos vizinhos e transformar o Paraguai em uma força no jogo político do continente. Contava para isso com uma vitória no desguarnecido Mato Grosso – que levasse o Brasil a um acordo – e com o apoio dos **blancos** uruguaios e das províncias adversárias de Mitre.*

*Essas expectativas não se realizaram. O suporte das províncias falhou; no Uruguai, o governo brasileiro forçou a ascensão ao poder do **colorado** Venâncio Flores. Em março de 1865, o Paraguai declarou guerra à Argentina e a 1º de maio desse ano os governos argentino, brasileiro e uruguaio assinaram o Tratado da Tríplice Aliança. O presidente argentino assumiu o comando das forças aliadas.”²⁰⁶*

²⁰⁵ FAUSTO, Boris. Apud. MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997. p.77.

²⁰⁶ Idem.

Ao recorrer àquele autor, Mocellin busca explicitar os níveis das relações estabelecidas por países vizinhos e as tensões que caracterizaram as mesmas, antes mesmo da Guerra do Paraguai. Devemos destacar tanto neste trecho, assim como no anterior, o fato de que, as palavras em negrito foram assim colocadas pelo próprio autor numa provável tentativa de chamar a atenção dos leitores para as palavras-chaves do assunto tratado no momento.

Didaticamente, é uma conduta válida, pois, vai familiarizando os alunos com procedimentos os quais, assimilados por estes, só irão facilitar a sistematização de seus estudos, uma vez que, induzirão os jovens a focar os nomes ou conceitos principais em um raciocínio.

Descreve, ainda, as primeiras ações de López e a superioridade militar paraguaia no início da guerra. No entanto, conforme anunciamos anteriormente, este autor recorre à maior referência do revisionismo no Brasil para exemplificar a questão dos Voluntários da Pátria. Transcreve o trecho em que Chiavenatto dá voz a um desses indivíduos.

“Eu estava lá no meio do roçado no Ceará e chegou a patrulha. Lá, o chefe deles recebeu cinco mil-réis e me entregou. Me deram uma calça de algodão cru e me botaram na cadeia. Depois me enfiaram num navio e eu fui vomitando as tripas até o Rio Grande do Sul. Então eu soube que era voluntário da pátria. Aqui nós todos somos assim.”²⁰⁷

Ao contrário do que foi verificado na obra de Vicentino o qual, solicita aos alunos que se coloquem no lugar de um escravo, Mocellin utiliza suas fontes para apresentar o posicionamento de um personagem daquele contexto. Desta forma, induz aos alunos a identificarem outra possibilidade para o estudo da história que seria a de utilizar relatos de pessoas que viveram no período estudado.

Já concluindo o capítulo dedicado à Guerra do Paraguai, o autor resume as principais batalhas, com destaque para a do Riachuelo (11/6/1865), além de citar as principais vitórias aliadas e o balanço da guerra. Sobre este último aspecto, salienta que

²⁰⁷ CHIAVENATTO, Julio José. Apud. MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

o Paraguai: resistira por cinco anos à Tríplice Aliança, recebendo apoio da Inglaterra; sofrera perdas territoriais; teve suas indústrias destruídas.

Sobre o Império brasileiro, mencionou o aumento da sua dívida externa e o fato de ter cedido o território do Acre ao ditador boliviano Melgarejo como medo de que este viesse a ajudar López. Cita o fato de o exército brasileiro ter saído coeso e fortalecido do confronto, passando a interferir, inclusive, na questão da abolição. Constata que, a maioria dos que morreram era de pobres e negros. Finalmente, explicita a polêmica em torno dos números de baixas em decorrência da guerra.

“Não há consenso entre os historiadores sobre as perdas paraguaias. Segundo Julio José Chiavenatto, a população do Paraguai antes da guerra era de 800.000 habitantes, ao final, era apenas 194.000: 75,75% da população morreu, a maioria homens (96,50%). Já Francisco Fernando Monteoliva Doratioto cita estudos demográficos de Vera Blinn Reber que a população do Paraguai no início da guerra oscilava entre 285.715 e num máximo de 318.144 e as perdas totais em decorrência da guerra entre um mínimo de 8,7% e um máximo de 18,5% do total da população. Observe que as diferenças são enormes.”²⁰⁸

Enfim, por todos os aspectos analisados nesta obra, é possível dizer que, pode ser considerada contemporânea, não pela data em que foi concebida, mas, principalmente, por serem identificadas nesta a metodologia e os posicionamentos dos quais os autores mais atualizados fazem uso na discussão sobre a Guerra do Paraguai. Necessariamente, esta obra não analisa Solano López e Duque de Caxias, isoladamente. É preciso identificá-los nos âmbitos das três correntes historiográficas, enumeradas pelo autor.

4.2.3 *Pelos temores do Império brasileiro*

O tema “A Guerra do Paraguai” é introduzido, no livro de Pedro Santiago²⁰⁹, com a discussão acerca da intervenção brasileira na política platina, realizada, sobretudo, na década de 1860. Relata que, o Uruguai, dada a sua instabilidade política, estava na

²⁰⁸ MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997. p.80.

²⁰⁹ SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história*. 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

iminência de uma guerra civil. Os países adotaram uma política de buscar em seus vizinhos o apoio necessário às suas pretensões políticas. O Paraguai, por sua vez, também era requisitado neste sentido. Sobre a atuação do Império, ganha destaque a intervenção realizada no Uruguai em 1864.

Esta, segundo o autor, era uma das ações que teriam sido motivadas pela necessidade do governo brasileiro em manter a sua influência nesta região, temeroso, inclusive, da ascensão Argentina. Nesse ínterim, o Paraguai passara a perceber riscos à sua política de exportação, uma vez que, estava no Uruguai a sua única rota para escoamento da produção para o exterior.

Fato recorrente na maioria das obras sobre a Guerra do Paraguai, para Santiago, um dos momentos mais críticos desta tensão fora o apresamento do navio Marquês de Olinda, no qual estavam autoridades como Carneiro de Campos, presidente da província do Mato Grosso que, meses depois, também fora invadida. O mesmo ocorreu com o norte da Argentina.

Desta forma, o autor contextualiza os últimos momentos que antecederam a Guerra do Paraguai. Em relação às demais obras, observamos que, existe a preocupação do autor em delimitar, mais precisamente, o quadro de instabilidade política verificado, já na segunda metade do século XIX, na América do Sul.

Tendo em vista a administração do país, a partir de 1811, ano de sua independência, o autor diz que, o Paraguai era otimista para o caso de sua participação no conflito. Para explicitar este sentimento de autoconfiança das lideranças paraguaias que se sucederam, a partir de então, ou seja, José Francia (1811-1840), Carlos Antonio López (1840-1862) e Francisco Solano López (1862-1870), são mencionados os desenvolvimentos econômico, social e tecnológico do país que, respectivamente, são associados às indústrias, inclusive, de armas, ao elevado índice de alfabetização da população para a época, à construção de ferrovias e à instalação de telégrafos. Escreve, também, sobre as *estâncias da pátria* e a importância das mesmas para o abastecimento interno.

Ganha destaque, assim como nas outras obras, o fato de López ter dado prioridade ao desenvolvimento do exército do seu país que, em termos de contingente, por exemplo, superava as repúblicas uruguaia, argentina e, também, o Império brasileiro. Entretanto, o autor registra que, esta vantagem numérica dos paraguaios, nem por isso, remetia os mesmos à possibilidade de êxito em um conflito, pois, mesmo que o total dos soldados de López fosse superior aos dos seus vizinhos, separadamente, a junção dos

mesmos na Tríplice Aliança compensou esta diferença. Soma-se, ainda, a superioridade da marinha de guerra aliada.

Mais do que mostrar a supremacia bélica que poderia ser formada na união do Brasil, Argentina e Uruguai, os aliados, segundo o autor, tinham em vista outras preocupações e objetivos:

“A política de Solano López despertava a desconfiança de uma política expansionista na região do rio da Prata – situação que contrariava os interesses dos demais países. Em resposta à ação do governo paraguaio, Brasil, Uruguai e Argentina formaram, em 1865, a Tríplice Aliança. O acordo previa que a guerra só chegaria ao fim com a deposição de Solano López, o desmantelamento das forças paraguaias na região do Prata e a definição das fronteiras entre Paraguai, Brasil e Argentina”²¹⁰

A questão dos *Voluntários da Pátria* é descrita como sendo, no início, um apelo ao patriotismo da população. Porém, diante da extensão do conflito e com as baixas, começou o recrutamento compulsório de soldados brasileiros. Este ato causou muito desespero na população, em razão dos constantes aprisionamentos de homens para suprir tal carência.

Argumenta, ainda, sobre a participação dos negros na guerra relatando a atitude do governo imperial, através de um decreto de 1866 que, determinava que fossem libertos os escravos que se apresentassem para o combate. Nessa discussão, é importante o fato de o autor ter relatado que, apesar da possibilidade de alforria, em muitos casos, os cativos eram obrigados a se alistar no lugar de seus senhores.

Embora não especifique detalhadamente, sobre Caxias, o autor fala da participação do mesmo no comando das forças brasileiras. As estratégias, as derrotas e as demais atitudes de López também não são esmiuçadas. Ou seja, sobre as condutas do presidente paraguaio e, também, do comandante brasileiro não são feitos comentários capazes de colocá-los acima da preocupação com o contexto mais amplo da guerra.

Este, por sinal, é um indício de que esta obra tem como objetivo informar aos alunos sobre o evento de uma forma que, estes sejam capazes de compreender as ações destes personagens como sendo desdobramentos possíveis aos contextos nos quais

²¹⁰ SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história*. 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p.54.

estavam inseridos, não permitindo, pois, que o fato seja entendido, apenas, como o resultado de uma maior proeminência de um outro na guerra.

Aliás, é válido destacar que, o autor destina um espaço em sua obra para falar da renovação nos estudos sobre a Guerra do Paraguai, utilizando como referência, o posicionamento de Doratioto, sendo este apresentado em uma de suas obras. O destaque dado ao fragmento – inclusive na própria diagramação do livro – nos permite concluir que, a contribuição de Santiago, a exemplo do livro analisado anteriormente, foi a de levar ao conhecimento dos alunos o fato de que, a partir da década de 70 do século XX, principalmente, passaram a ser divulgados os discursos que contrariavam as primeiras obras sobre a guerra e que, ainda naquele século, estes foram superados por novas abordagens ao tema.

“A GUERRA: UM NOVO ENFOQUE

A partir da década de 1970, ganhou espaço a interpretação de que o imperialismo inglês foi a causa da Guerra do Paraguai, deflagrada em dezembro de 1864. Segundo esta vertente, o trono britânico teria utilizado o Império do Brasil e a Argentina para destruir um suposto modelo de desenvolvimento paraguaio, industrializante, autônomo, que não se submetia aos mandos e desmandos da potência de então. Estudos desenvolvidos a partir da década de 1980, porém, revelam um panorama bastante distinto. As origens do conflito, mostram eles, se encontram no processo de construção e consolidação dos Estados Nacionais no Rio da Prata e não nas pressões externas dos ingleses. Os avanços historiográficos mostram também como o quadro político que se desenhava às vésperas da Guerra do Paraguai aproximou ideologicamente, pela primeira vez na História, o Brasil e a Argentina.

A interpretação imperialista apresentava a sociedade paraguaia do pré-guerra como avançada, liderada por Francisco Solano López, governante autoritário mas preocupado com o bem-estar do seu povo. Nada mais distante

da realidade. O Paraguai tinha uma economia agrícola atrasada; nela havia escravidão africana, embora diminuta, e López era movido apenas pela lógica de todos os ditadores, a de se manter no poder. Outro mito que caiu por terra foi a suposta rivalidade do Paraguai com os ingleses. Vai contra a lógica histórica responsabilizar o imperialismo inglês pelo desencadear da guerra. Na realidade, o governo paraguaio mantinha boas relações com a Inglaterra, onde, desde o final dos anos 1850, contratou técnicos, com a finalidade de modernizar suas instalações militares. Era, sim, o Império do Brasil que tinha atritos com a Inglaterra, com a qual rompeu relações diplomáticas em maio de 1863. Elas somente foram reestabelecidas após recuo do governo britânico, em setembro de 1865, meses após o início do conflito.

Em busca de modernizar o país, Solano López tentou ampliar a inserção do país no comércio internacional, exportando produtos primários para obter as libras esterlinas que viabilizariam o seu projeto. Para tanto, necessitava de um porto marítimo, que não podia ser o de Buenos Aires, antiga capital colonial, inclusive do Paraguai. Isso porque os governantes argentinos resistiam em conceder facilidades comerciais à nação vizinha. Restava como alternativa, para a ampliação do comércio exterior, o porto de Montividéu, no Uruguai.”²¹¹

Da mesma forma como procedera Mocellin, Santiago encerra suas discussões sobre a guerra, descrevendo os desdobramentos do conflito, para o Paraguai e para o Brasil, principalmente, em relação às perdas populacionais. O que diferencia seu texto dos que foram analisados é o fato de ter registrado que, a fome e as epidemias de cólera contribuíram enormemente para as mortes na guerra. Explica, também, que o Paraguai perdera parte de seu território para o Brasil e a Argentina.

²¹¹ DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. Apud. SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história*. 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p.53.

Ressalta, finalmente, os efeitos da guerra para as relações diplomáticas entre os ex-aliados que, nem por isso, deixaram de ter seus momentos de tensão. Um deles, diz respeito ao fato de o governo brasileiro ter impedido que a Argentina incorporasse parte do território guarani. Além disso, assinou, separadamente, um acordo com os paraguaios, aumentando, por esse motivo, as divergências entre os dois países.

De acordo com as obras analisadas no quarto capítulo, podemos concluir que, Elza Nadai e Joana Neves adotaram uma narrativa a qual, caracteriza, satisfatoriamente, o revisionismo, pois, enumeram os detalhes da supremacia paraguaia, num período anterior à guerra. Indiretamente, acabam por aprovar as ações de López. Não tecem comentários específicos a Caxias, mas, subentendemos que, por criticarem as ações da Tríplice Aliança, o comandante brasileiro não seria descrito da mesma forma como fora na historiografia tradicional.

No livro de Mário Schmidt, identificamos uma postura contraditória deste autor o qual, critica a tese da intervenção britânica, base dos posicionamentos revisionistas, mas, adiante, acaba por fazer uma narrativa que tende a supervalorizar o Paraguai e as ações do presidente deste país. Ironicamente, reconhece os feitos de Caxias, antes de fazer a sua acusação da Tríplice Aliança. Além disso, utiliza um trecho de uma correspondência de Caxias ao imperador: “*É preciso acabar com essa guerra maldita na qual o inimigo já está vencido e não faz sentido humilhá-lo.*”²¹². Enfim, apesar de esboçar, no início de suas explicações, uma certa desconfiança em relação à tese revisionista, acaba por explicitar, ainda que involuntariamente, a sua filiação a esta corrente historiográfica.

Após a análise do livro de Cláudio Vicentino, conseguimos encontrar uma significativa contradição, não apenas em questões conceituais, mas sim, relacionada à própria forma pela qual o escritor trata da Guerra do Paraguai, de López e Caxias. Isto porque, o mesmo fundamenta sua discussão no revisionismo, mas, propõe ao alunos atividades que incentivam ao aprofundamento nas discussões sobre este fato histórico e seus personagens.

Com o seu livro, *Para compreender a história*, Renato Mocellin delimita as três correntes historiográficas conhecidas para a explicação da Guerra do Paraguai. Utiliza o depoimento de um Voluntário da Pátria para ilustrar este tipo de inserção na guerra. Sua análise de López e Caxias não é feita separadamente, por isso, é mais aprofundada, pelo

²¹² CAXIAS, Marquês de. Apud. SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997. p. 177.

fato de ser necessário distinguí-los nas descrições das correntes historiográficas descritas pelo autor.

Finalmente, dos livros didáticos analisados, *Por dentro da história* de Pedro Santiago é o que está em maior sintonia com as discussões contemporâneas sobre a Guerra do Paraguai, pois, delimita o quadro de instabilidade política que, caracterizou a segunda metade do século XIX, na América do Sul. Escreve sobre a atuação de Caxias, mas, não se prende aos detalhes da participação deste na guerra. Em relação a López, menciona o investimento que fizera no exército paraguaio, contudo, não tece comentários que pudessem colocar as descrições sobre o presidente acima das reflexões do contexto mais amplo da guerra.

CONCLUSÃO

Durante a seleção das obras a serem analisadas, uma preocupação era recorrente: conseguiríamos atribuir caracterizações às historiografias brasileiras sobre a Guerra do Paraguai que, pudessem torná-las facilmente distinguíveis num contexto de mais de cem anos? Como sistematizar o reconhecimento às especificidades daquelas correntes historiográficas e, principalmente, das descrições realizadas pelas mesmas sobre Solano López e Duque de Caxias ?

As contribuições dadas por aqueles autores, os quais analisamos adquiriram para esta dissertação uma dupla e indissociável finalidade, pois, nos permitiram caracterizar as correntes historiográficas propriamente ditas e, inevitavelmente, encontrar definições para os nossos personagens que, vistas de hoje, podem ser consideradas aceitáveis, tendo em vista às suas respectivas épocas de elaboração e o papel na sociedade dos indivíduos que as produziram.

Por isso, as reflexões a seguir derivaram não apenas do que aprendemos sobre estes personagens, mas, principalmente, da compreensão das técnicas utilizadas por estas três diferentes formas de se narrar as ações de López e Caxias na Guerra do Paraguai. Discutiremos, pois, sobre as conclusões às quais chegamos, através das análises das historiografias tradicional, revisionista e contemporânea. Contudo, ressaltamos que, esta ordem não é uma hierarquia. Obedece, apenas, a cronologia atribuída ao surgimento das mesmas.

Sendo assim, destacamos os seguintes aspectos da historiografia tradicional brasileira sobre a Guerra do Paraguai, especificamente, pela descrição dos nossos protagonistas: saudosismo do Império, culto a Caxias, adjetivação pejorativa de López, escrita rebuscada. É a escrita dos vitoriosos e para os vitoriosos, sendo esta a explicação mais plausível para o fato de Caxias ter sido tão positivamente caracterizado, ao contrário do que fora feito com López.

Nas obras do capítulo I, estão presentes diferentes estratégias para que os objetivos dos escritores das correntes historiográficas fossem alcançados. Elas vão desde a busca das razões pela deflagração da Guerra do Paraguai à utilização das próprias palavras do inimigo – López – para a acusação deste, na obra do Visconde de Maracaju.

Conforme explicamos no primeiro capítulo, estas obras foram escritas quando não por indivíduos com alguma relação com o exército brasileiro, por simpatizantes da atuação do Império na guerra, quer dizer, por pessoas que estavam convencidas de que, as batalhas que conduziram a Tríplice Aliança à vitória foram bem sucedidas graças, também, a atuação de Caxias, o qual, com seus rígidos métodos de organização e disciplinarização, foi capaz de destruir o “tirano” Solano López.

A escrita do Visconde de Ouro Preto sobre a Guerra do Paraguai, por exemplo, pode ser interpretada como o recurso utilizado por um indivíduo que fora membro do governo imperial, para enaltecer os feitos do regime monárquico. Logo, entendemos que, a forma através da qual narra o evento, escreve sobre López e Caxias é uma tentativa de se fazer crer que havia um passado glorioso o qual não se poderia negligenciar, mesmo após o advento da república.

Sua obra é uma herança do regime anterior, não só pelo seu autor, mas também, pelos seus posicionamentos os quais, necessariamente, estão em concordância com os valores e pensamentos defendidos pelo Império, no que diz respeito ao tratamento da história da Guerra do Paraguai, sendo estes sedimentados pela necessidade de se louvar os feitos dos oficiais que estiveram à frente das tropas brasileiras.

Outra característica presente na maioria das obras desta corrente historiográfica é a definição do presidente paraguaio como um homem que se deixava guiar tão somente por suas ambições, submetendo todos os que estavam à sua volta aos seus mandos e desmandos, mesmo que isso lhes custasse a própria vida.

Apesar de Caxias e López serem descritos de formas antagônicas, identificamos um ponto comum entre ambos nestas narrativas. Tanto um quanto o outro, apesar de, inicialmente, acreditarem num confronto breve, reconheciam a importância do evento para a história de seus países e, quiçá, para a América do Sul. Entendemos, porém, que coube aos narradores deste fato o papel de dar destaque à guerra e, segundo aqueles autores, López e Caxias não subestimavam os desdobramentos do evento.

Assim como os demais membros desta corrente historiográfica, o General Bernardino Bormann destaca as benesses de Caxias para o preparo e organização das tropas aliadas e o fato de o brasileiro ter sido um hábil estrategista. A análise de suas palavras fez com que, por um momento, formulássemos o seguinte questionamento: até que ponto López e Caxias são tão diferentes assim? Isto, porque a forma como descreve o presidente paraguaio, acaba nos remetendo às atitudes do próprio Caxias as quais, quando não tomadas, pelos menos, poderiam ser direcionadas ao mesmo.

Esclarecemos no capítulo I que, o que teria permitido a diferenciação entre um e outro foram os autores que os descreveram e, a partir daí, e com base em estudos mais recentes sobre o fato, entendemos que, tanto o líder paraguaio quanto o brasileiro teriam sido capazes de atitudes, senão iguais, talvez, nem tão opostas assim. Além disso, ao selecionarmos as obras com as quais trabalharíamos naquele capítulo, e, principalmente após tomarmos o conhecimento do teor das mesmas e reconhecermos a postura, em geral, apologética de seus autores, esperávamos, ainda assim, poder encontrar alguma narrativa destoante, alguma escrita que pudesse se contrapor à maioria das obras, que pudesse ser a exceção na historiografia tradicional.

De um modo geral, eram recorrentes as caracterizações que analisamos no primeiro capítulo. As escritas de Câmara Cascudo e Mário Barreto consistem em críticas, porém, o que estes autores reclamam é, justamente, a não repetição do tratamento dado a López e Caxias nos discursos tradicionais brasileiros.

Tendo em vista as análises que realizamos podemos afirmar que, este seria o fio condutor da historiografia tradicional da Guerra do Paraguai, ou seja, a excessiva valorização dos feitos de Caxias e a condenação de López. Sendo assim, encontramos estratégias diferentes que pudessem atender a este fim. Não identificamos, dentre estes autores alguma descrição mais “ousada” que pudesse pôr em descrédito as atitudes de Caxias ou do comando imperial, no contexto da guerra.

O vocabulário é rebuscado e, para um número considerável de leitores, muito envolvente, seja pela disposição das palavras, pelo uso indiscriminado de metáforas, pelas especificidades dos contextos selecionados que, muitas vezes, possibilitaram o uso de “floreamentos” nos textos, como por exemplo, a suntuosidade nas descrições das manobras e estratégias executadas. Enfim, pelas mãos destes autores a Guerra do Paraguai ganhou *status* de épico e nossos personagens, respeitando as limitações dos papéis a eles atribuídos, ajudaram a compor esta cena histórica na qual, pôde ser entoada uma “Ode a Caxias” ao mesmo tempo em que foi legitimada, pelo uso das palavras, a condenação de López.

Com a análise da historiografia revisionista brasileira, no segundo capítulo, chegamos às seguintes caracterizações de nossos personagens: a única responsabilidade que deveria ter sido atribuída a López foi a de lutar pelo progresso de seu país, criando na América do Sul, um país autônomo o qual, prejudicaria os interesses britânicos. Caxias, assim como toda a Tríplice Aliança, estaria incumbido de pôr um fim aos planos expansionistas e emancipacionistas do presidente paraguaio.

Enfocamos o posicionamento de Chiavenatto o qual, buscou o respaldo na tese da intervenção britânica utilizada pelo argentino León Pomer para explicação da Guerra do Paraguai. No decorrer de sua obra, identificamos as posturas que seriam indícios da busca pela legitimidade das ações de Lopéz na guerra. E, apesar de terem sido feitas algumas considerações que indicam a responsabilidade de Caxias pela destruição do Paraguai, é notável a preocupação do autor em fazer a defesa de Lopéz.

Isto significa que, a principal tarefa dos revisionistas brasileiros fora a defesa do Paraguai e de seu presidente. A partir daí, nada mais coerente com esse posicionamento do que dedicar boa parte da obra à tentativa de convencer ao leitor de que Lopéz e seu país não mereciam a guerra à qual foram submetidos.

Ao descrever as atitudes de Lopéz, a favor ao desenvolvimento econômico de seu país, Chiavenatto relata a importação de novas tecnologias e de recursos humanos capazes de operá-los. À primeira vista, esta é a conduta mais lógica por parte de quem quer ver o progresso material de seu país. Porém, devido ao fato de o revisionismo brasileiro primar pela defesa de Lopéz, podemos refletir sobre os possíveis objetivos de Chiavenatto com a descrição destas medidas progressistas de Lopéz.

Ou seja, o autor estaria se precavendo contra um eventual questionamento da seguinte natureza: mesmo com a importação de inovações tecnológicas, Lopéz teria à sua disposição indivíduos capazes de lidar com estas novidades? E, pelo que já foi dito, ao ser detalhista sobre as ações de López para o desenvolvimento da economia de seu país, Chiavenatto agiu de modo a antecipar uma resposta a este questionamento, ao escrever que foram importados pelo Paraguai, também, técnicos estrangeiros os quais, por sua vez, saberiam lidar com as novas tecnologias. Por isso, para o entendimento do revisionismo brasileiro, esta foi uma conduta que visava a não repetição daquilo que era criticado na historiografia tradicional, ou seja, a falta de aprofundamento nas descrições das atitudes de Lopéz. Por isso, descreve as ações do presidente paraguaio para além dos campos de batalha, o descreve a partir de suas ações em prol do desenvolvimento de seu país.

Tendo em vista o que afirmamos anteriormente, em comparação a Caxias, López ocupa um lugar de destaque nas narrativas revisionistas brasileiras, pois, grosso modo, é da defesa deste e de seu país que se ocupa esta corrente historiográfica. Isto significa que, não se trata apenas da necessidade de se registrar as especificidades de uma narrativa combativa à da historiografia tradicional. É necessário, sobretudo, dar o

devido relevo ao contexto que possibilitou este desejo de se contrapor à história da guerra que fora escrita até então.

A obra de Chiavenatto foi publicada já no final da década de 1970, o que implica, necessariamente, remetê-la à época em que vigorava a ditadura militar no Brasil. Logo, possivelmente, este clássico do nosso revisionismo fora interpretado desta data à década de 1990, como a versão “mais racional e coerente da guerra” (grifo nosso), pela importância dada à questão econômica para explicação da mesma.

A utilização desta obra como referência ao ensino sobre o confronto teria sido um esforço para o afastamento das explicações dadas pela historiografia tradicional. Entretanto, embora tenha registrado a incapacidade daqueles autores para a explicação da guerra, Chiavenatto não chega a ser tão incisivo contra os militares. Caxias, por exemplo, enquanto comandante da Tríplice Aliança e, supostamente, submetido à Inglaterra, não chega a ser rigorosamente inquirido por este autor. Esta é uma possível explicação para o fato de os posicionamentos do revisionismo brasileiro sobre a guerra terem sido aceitos e reproduzidos, também, nos livros didáticos. E, com muitas exceções, livros dos dias de hoje, inclusive.

De acordo com a obra analisada de Chiavenatto, a atitude de Caxias na guerra teria sido baseada no dever de cumprir os supostos ditames britânicos, sendo o mais importante à ocasião, o de contribuir para o estabelecimento de um equilíbrio no Prata que, não prejudicasse os negócios da Inglaterra nesta região. Além disso, Caxias, diante da necessidade corresponder a estes anseios pela via das armas, teria reconhecido que, suas ações acabariam por massacrar o povo paraguaio o qual, segundo ele, mostrara muito coeso em ocasião da guerra. Enfim, Chiavenatto defende López, mas, não faz uma narrativa radicalmente contrária a Caxias, à medida que, chega a descrever o brasileiro, destacando as suas próprias palavras as quais, indiretamente, contribuíram à defesa de López e do Paraguai.

A mudança de corrente historiográfica, no entanto, não impediu que pudéssemos reconhecer na atitude de Chiavenatto a mesma estratégia que fora adotada pelo Visconde de Maracaju, na historiografia tradicional. O que mudou foi o alvo, ou seja, nesta narrativa revisionista, Caxias é julgado, a partir de uma de suas próprias correspondências. A ocasião da qual tratamos no segundo capítulo diz respeito à utilização do trecho em que Caxias assume que fora sua a ordem para que fossem jogados cadáveres coléricos no Rio Paraná.

Isto nos permite dizer que, enquanto na historiografia tradicional López é execrado verbalmente, no revisionismo é defendido. Já as atitudes de Caxias são utilizadas para se explicitar oposição aos discursos tão enfadonhos, criados em benefício deste brasileiro. Ou seja, o Caxias “herói” da historiografia tradicional já não o é mais para os revisionistas, da mesma forma que “tirano” não seria, para estes autores, o atributo mais adequado a López.

Na obra de Salles, a descrição de Caxias é realizada tendo em vista, também, a cautela com a qual este tratara da questão da inserção dos escravos no exército. Segundo o autor, Caxias, por suas ordens, buscou impedir o rompimento de um *status quo* na sociedade imperial, alertando o governo para o fato de que, caso fosse adotada por esse comandante uma conduta de constante valorização e promoção de seus soldados, fatalmente, as classes mais baixas, sobretudo, os ex-escravos, teriam uma possibilidade de ascensão, contrariando a ordem social da ainda bem rígida sociedade das décadas finais do século XIX. Sendo assim, a descrição sobre Caxias permite entendê-lo como um indivíduo que fez do exército um local de reprodução da exclusão social, fazendo com que fosse negado ao grosso da tropa o acesso aos postos mais elevados da hierarquia militar.

Através da análise de *Maldita Guerra*, entendemos que, uma das lacunas deixadas pela historiografia tradicional, em relação às descrições sobre López está relacionada ao reducionismo presente em sua caracterização a qual, era pautada, basicamente, na atribuição de adjetivos pejorativos ao seu nome. Doratioto ressalta as melhorias que Caxias fizera a favor da reorganização do exército. Inevitavelmente, foi necessária a realização de uma análise mais descritiva que, nem por isso, comprometeu a complexidade do texto deste autor. Mais ainda, esta narrativa contemporânea não tem a pretensão de recusar as informações registradas pela historiografia tradicional. O que a distingue é o fato de tais vestígios terem sido mais aprofundados.

Isto, porque tanto na obra de Doratioto, assim como na de Salles, as ações de López e Caxias estão dispostas de uma forma diferente daquelas que verificamos nas historiografias analisadas anteriormente. A análise das descrições sobre nossos personagens nos permitiu perceber que, contribui mais à atividade histórica entender o contexto do qual derivaram os personagens do que buscar uma definição arbitrária e finalista para os mesmos e para a própria Guerra do Paraguai.

Um dos desdobramentos mais significativos de nossa pesquisa foi a conclusão de que, grande parte dos historiadores, por um momento, se esquecem de que também

estão produzindo uma historiografia e que esta, por sua vez, também fará parte da historiografia sobre a historiografia. Ou seja, alguns historiadores não se consideram como parte deste grupo, preferem se colocar “de fora”, para que lhe seja assegurado o direito de falar das práticas válidas e daquelas que devem ser combatidas, superadas.

Consideramos pertinente esta discussão, pois, esta dissertação trata, justamente, de entender como se constituíram três modelos de historiografia. Logo, assinalamos que, o fato de se buscar um aprofundamento sobre diferentes formas de narrativas sobre Lopéz e Caxias nos possibilitou bem mais que a compreensão de diferentes abordagens e registros sobre personagens que estavam em lados opostos em uma guerra, nos fez entender que, “falar sobre” não precisa significar, necessariamente, “falar a favor” ou “falar contra”, mesmo que, para alguns, isto seja visto como uma fuga de um “posicionar-se”.

Tampouco estamos falando de análise isenta ou objetiva, no sentido mais positivista dos termos, pois, involuntariamente, as marcas de nosso aprendizado estão presentes neste trabalho, principalmente, em relação ao grau de complexidade das questões apresentadas. Por tudo isso, assumimos que, tratamos de nomeações, de classificações: tradicional, revisionista, contemporânea, porém, as entendemos como possibilidades para a escrita da história sobre nossos personagens e não, como itens a serem hierarquizados, sem que se leve em conta a importância e as contribuições de cada um daqueles autores para suas respectivas épocas de produção.

Vistas de hoje, as descrições de López nos textos da historiografia tradicional brasileira poderiam despertar, dentre muitas reações, a da desconfiança. E isto apenas se tornou possível porque, hoje, temos à nossa disposição livros que, por serem frutos de um trabalho mais intenso de aprofundamento documental, possibilitam a relativização e a melhor contextualização das informações que, antes, já se propunham como a explicação final para as atuações do presidente paraguaio, de Caxias e de tantos outros nomes que compõem a história da Guerra do Paraguai. Provavelmente, o que mais impressiona grande parte dos leitores nesta corrente historiográfica seria, especificamente, o uso abusivo da adjetivação pejorativa sobre Solano Lopéz.

Igual reação pode ser atribuída, também, a um leitor razoavelmente informado dos estudos mais recentes sobre a Guerra do Paraguai, quando este estiver diante de uma obra que destitui López do rótulo de “O tirano” das primeiras narrativas, elevando-o ao posto de figura histórica injustiçada, como no caso do revisionismo brasileiro. O

mesmo tipo de raciocínio pode ser aplicado ao que se refere a Caxias, quando este já não é mais “divinizado” por esta mesma corrente historiográfica.

Por isso, a forma cerimoniosa com a qual é tratado na historiografia tradicional incomoda aos revisionistas os quais, simpatizantes da tese da intervenção britânica na guerra, entendem Caxias e a Tríplice Aliança como meros executores das vontades da Coroa inglesa. Não satisfaz, também, aos que sabem compreender, em um contexto mais amplo, as ações do brasileiro. Estes últimos, são os que buscam os posicionamentos dos escritores da historiografia contemporânea da Guerra do Paraguai.

Diante dos efeitos tão diversos que estas narrativas provocaram e ainda provocam nos leitores, leigos ou não, destacamos o fato de que, todas as correntes historiográficas analisadas contribuíram, no mínimo, para o conhecimento sobre Lopéz e Caxias, independentemente da conotação que estes receberam nas obras que trataram dos mesmos. Mais que uma contribuição para as sociedades, estas correntes historiográficas contribuíram, inclusive, para a própria existência de uma diversidade de narrativas sobre a Guerra do Paraguai, uma vez que, surgiram da necessidade de superar as explicações que foram dadas em outras épocas.

Não consideramos cada obra analisada como um discurso a se desprezar, buscamos nas mesmas as suas especificidades, as suas maneiras de tratarem ora de Lopéz, ora de Caxias, sem, necessariamente, ter que tomá-los enquanto os próprios objetos para a análise. Em outras palavras, nos focamos nas narrativas através das quais, ambos personagens foram inteligíveis, em diferentes épocas, e como isso repercutiu nas narrativas brasileiras sobre a guerra.

Sobre o respeito à pluralidade de interpretações para cada um de nossos personagens, pensamos não numa aceitação aleatória de qualquer coisa que já foi dita, se diz ou será dita a respeito de Lopéz e Caxias no contexto da Guerra do Paraguai. Suas descrições não podem, nem devem ser tomadas ignorando-se quem as produziu, como as produziu e para que as produziu.

Eis o exemplo. Hoje, tendo em vista a constituição dos grupos de escritores brasileiros sobre a Guerra do Paraguai, é possível compreender, sem maiores alardes, o fato de que, no final do século XIX até meados do século XX, no Brasil, López só poderia ser entendido como o maior responsável pela destruição de seu próprio país e que Caxias fora tão enaltecido porque, ajudara na derrota deste “terrível” inimigo.

Conseqüentemente, somente entendendo o funcionamento da história em uma sociedade, para saber o que esta diz. Especificamente, a compreensão das descrições de

nossos personagens apenas serão possíveis se, simultaneamente, for levada em consideração quais as interpretações sobre a Guerra do Paraguai foram feitas pelos escritores de cada uma das correntes historiográficas analisadas.

Para o caso das narrativas contemporâneas sobre a guerra, nossos personagens foram dispostos de modo que pudessem compor a cena histórica da qual derivam e isto, de forma fluida, sem que a presença dos mesmos nestes relatos pudesse ser interpretada pelo leitor como condição única para se explicar o confronto. O foco é mais difuso.

Por isso, tanto Salles quanto Doratioto contemplam os acontecimentos que não se prendem, necessariamente, às ações e reações destes personagens, ou seja, fornecem condições de inteligibilidade para López e Caxias nos contextos que querem fazer sobressair, seja, respectivamente, nos desdobramentos do processo de formação do exército brasileiro ou no contexto da formação dos Estados nacionais da América do Sul.

Apesar de a historiografia tradicional e a revisionista, quando vistas de hoje, possibilitarem a identificação de um maior número de discrepâncias, tanto por parte dos intelectuais como dos leigos, são necessárias, também, algumas indagações acerca da escrita contemporânea sobre nossos personagens. Isentá-la de qualquer crítica, simplesmente, pelo fato de sermos, também, contemporâneos à mesma seria uma atitude, no mínimo, incoerente com as afirmações que apresentamos anteriormente, pois, mesmo sendo difícil aceitar que as obras de Salles e Doratioto tenham suas lacunas, daqui há alguns anos, outros estudiosos estarão se apropriando das mesmas para falar do que foi dito e do que poderia ser dito.

Os profissionais de alguns anos mais à frente, ou mesmo, de nossos dias sentir-se-ão tentados a “desafiar” estes autores, com o objetivo de apresentar novas formulações sobre o que já foi dito sobre a guerra em si, sobre López e Caxias. E, na hipótese de que os estudiosos do futuro, seja por simpatia às idéias, seja por puro comodismo, se recusem a contestar as obras das quais tratamos no terceiro capítulo, mesmo assim, uma coisa não será permitida aos, então, novos historiadores: tecer uma narrativa totalmente fiel àquelas que foram feitas por seus antecessores.

A impossibilidade de se captar e copiar, integralmente, as impressões de historiadores do passado, é evidente, pois, isto, seria o mesmo que admitir, em nossos dias, a existência de um indivíduo mais conservador o qual, esteja escrevendo sobre nossos personagens exatamente da forma como fora há mais de um século atrás. Equivaleria, também, atribuir a quem sempre desconfia da existência de algo oculto nos

grandes eventos, a autoria de qualquer possível ressurgimento do revisionismo, tal qual o da década de 1970. E, finalmente, seria reconhecer que, mesmo daqui a alguns anos, alguém consiga repetir, com total exatidão, o mesmo tipo de abordagem realizada por Salles e Doratioto, a respeito de López e Caxias.

De acordo com as análises de livros didáticos, realizadas no quarto capítulo, podemos concluir que, Elza Nadai e Joana Neves adotaram uma narrativa a qual, caracteriza, satisfatoriamente, o revisionismo, pois, enumeram os detalhes da supremacia paraguaia, num período anterior à guerra. Indiretamente, acabam por aprovar as ações de López. Não tecem comentários específicos a Caxias, mas, subentendemos que, por criticarem as ações da Tríplice Aliança, o comandante brasileiro não seria descrito da mesma forma como fora na historiografia tradicional.

No livro de Mário Schmidt, percebemos uma postura contraditória deste autor o qual, critica a tese da intervenção britânica, base dos posicionamentos revisionistas, mas, adiante, acaba por fazer uma narrativa que tende a supervalorizar o Paraguai e as ações do presidente deste país.

Ironicamente, reconhece os feitos de Caxias, antes de fazer a sua acusação da Tríplice Aliança. Enfim, apesar de esboçar, no início de suas explicações, uma certa desconfiança em relação à tese revisionista, acaba por explicitar, ainda que involuntariamente, a sua filiação a esta corrente historiográfica.

Após a análise do livro de Cláudio Vicentino, conseguimos encontrar uma significativa contradição, não apenas em questões conceituais, mas também, relacionada à própria forma pela qual o escritor trata da Guerra do Paraguai, de López e Caxias. Isto, porque o mesmo fundamenta sua discussão no revisionismo, mas, propõe ao alunos atividades que incentivam ao aprofundamento nas discussões sobre este fato histórico e seus personagens.

Com o seu livro, *Para compreender a história*, Renato Mocellin delimita as três correntes historiográficas conhecidas para a explicação da Guerra do Paraguai. Utiliza o depoimento de um Voluntário da Pátria para ilustrar este tipo de inserção na guerra. Sua análise de López e Caxias não é feita separadamente, por isso, é mais aprofundada, pelo fato de ser necessário distinguí-los nas descrições das correntes historiográficas descritas pelo autor.

Finalmente, dos livros didáticos analisados, *Por dentro da história* de Pedro Santiago é o que está em maior sintonia com as discussões contemporâneas sobre a Guerra do Paraguai, pois, delimita o quadro de instabilidade política que, caracterizou a

segunda metade do século XIX, na América do Sul. Escreve sobre a atuação de Caxias, mas, não se prende aos detalhes da participação deste na guerra. Em relação a López, menciona o investimento que este fizera no exército paraguaio, contudo, não tece comentários os quais, pudessem colocar as descrições sobre o presidente acima das reflexões do contexto mais amplo da guerra.

A análise dos livros didáticos nos ajudou a compreender que, os posicionamentos das correntes historiográficas não ficaram limitados às épocas em que predominaram. Eles permaneceram, mesmo com o passar dos anos e, principalmente, foram reproduzidos em livros os quais, no momento em que explicam a Guerra do Paraguai, estão informando e formando gerações que, por sua vez, irão assimilar e difundir, inclusive, as conceituações a respeito de López e Caxias.

Enfim, através da pesquisa que realizamos concluímos que, mesmo que estejam agrupadas nas mesmas categorias – correntes historiográficas – a quantidade de explicações que encontraremos para as descrições de López e Caxias é diretamente proporcional à quantidade de autores que trataram dos mesmos e isto, não é uma questão de lógica, é o reconhecimento da capacidade criativa do homem a qual, deriva, principalmente, do contexto de elaboração das obras nas quais são descritos. Além disso, nenhuma destas correntes historiográficas, em especial, a revisionista e a contemporânea está imune à influência mútua e a da própria historiografia tradicional.

Logo, as nomenclaturas para as mesmas devem ser entendidas como um ato de sistematização, feito no Brasil, no final do século XX e início do século XXI, para os estudos sobre a Guerra do Paraguai, pois, quando as suas respectivas obras foram elaboradas, seus autores não visualizavam que seus trabalhos iriam fazer parte de uma corrente ou outra.

Isto significa que, a própria divisão da história deste evento, por si só, já é um tema que suscita aprofundamentos, pois, ela é uma produção relativamente recente e, portanto, marcada pela inteligibilidade das épocas citadas há pouco. Isto implica, necessariamente, na reflexão sobre quais as influências destes contextos para a organização das histórias destas diferentes “Guerras do Paraguai” nas quais, conseguimos perceber, conseqüentemente, a existência de diferentes “López” e diferentes “Caxias”.

ANEXO

Carta escrita por Francisco Solano López à Tríplice Aliança presente na obra do Visconde de Maracaju

Quartel General em Pikysyry, 24 de dezembro de 1888.

O Marechal presidente da República do Paraguai deverá quiçá dispensar-se de dar uma resposta escrita a S. Exas. os Srs. generais em chefe dos exércitos aliados, em luta com a Nação que preside, pelo tom e a linguagem não usada e inconveniente à honra militar e à magistratura suprema com que S. Exas. creram chegar a oportunidade de fazer a intimação de depor as armas no prazo de doze horas, para terminar assim uma luta tão prolongada, ameaçando lançar sobre minha cabeça o sangue já derramado e o que ainda tiver de derramar-se se não prestasse à deposição das armas, responsabilizando minha pessoa, perante minha pátria, as nações que S. Exas. representam e o mundo civilizado; quero, porém, impor-me o dever de fazê-lo, rendendo assim holocausto a esse mesmo sangue generosamente vertido por parte dos meus e dos que os combatem, assim como os princípios da religião, humanidade e civilização que V. Exas. invocam em sua intimação.

Estes mesmos sentimentos foram precisamente os que me moveram, há mais de dois anos, para sobrepor-me a toda descortesia oficial com que tem sido tratado nesta guerra o eleito de minha pátria. Buscava, então, em Itaity Corá, em uma conferência com o Exm. Sr. General em chefe dos exércitos aliados e presidente da República da Argentina brigadeiro-general Dom Bartholomeu Mitre, a reconciliação dos quatro Estados soberanos da América do Sul que já haviam começado a destruírem-se de uma maneira notável, e não obstante minha iniciativa, meu afanoso empenho não encontrou outra resposta, senão, o desprezo por parte dos governos e novas e sangrentas batalhas por parte de seus representantes armados, com V. Exas. se qualificam.

Desde então, vi clara a tendência da guerra dos aliados sobre a existência da República do Paraguai, e deplorando o sangue derramado de tantos anos de luta, calei-me e pondo a sorte de minha pátria, de seus generosos filhos nas mãos do Deus das

Nações, combati a seus inimigos com a lealdade e a consciência a que tenho feito e estou todavia disposto a continuar, combatendo até que o mesmo Deus e nossas armas decidam da sorte definitiva da causa que V. Exas. julgaram a propósito noticiar-me o conhecimento que têm dos recursos que atualmente posso dispor, crendo que eu também posso tê-lo da força numérica do exército aliado e dos recursos cada dia crescentes.

Eu não tenho esse conhecimento, porém, sim a experiência de mais quatro anos de que a força e esses recursos, nunca impuseram ao soldado paraguaio, que se bate com a resolução do cidadão honrado e de homem cristão, que abre um largo túmulo em sua pátria, antes de vê-la sequer humilhada!

V. Exas. tiveram por bem recordar-me que o sangue derramado em Itororó e Avaí deverá determinar-me a evitar o que foi derramado em 21 do corrente, porém, V. Exas. olvidaram, sem dúvida, que essas mesmas ações podiam de antemão, demonstrar-lhes quão certo é tudo o que pondero sobre a abnegação de meus compatriotas, e que cada gota de sangue que cabe em terra é uma nova obrigação para os que sobrevivem.

E, diante de um exemplo semelhante, minha pobre cabeça pode arredar-se da ameaça tão pouco cavalheresca, permita-se dizê-lo que V. Exas. creram de seu dever notificar-me?! V. Exas. não têm o direito de acusar-me perante a República do Paraguai, minha pátria, porque a tenho defendido, a defendo e a defenderei sempre!

Ela me impôs esse dever, e eu me glorifico de cumpri-lo até a última extremidade; e, enquanto ao mais, legando a história os meus feitos, só a meu Deus devo conta. E se o sangue tem de correr, contudo, ele tomará contas sobre quem tenha pesado a responsabilidade.

Eu, por minha parte, estou disposto até agora a tratar da terminação da guerra sobre bases igualmente honrosas para todos os beligerantes, mas não estou disposto a ouvir uma intimação de depor as armas.

Assim, por meu turno, convidando V. Exas. a tratar da paz, creio cumprir um dever imperioso com a religião, humanidade e a civilização por uma parte, e o que devo ao grito uníssono, que acabo de ouvir, de meus generais, chefes, oficiais e tropa a quem hei comunicado a intimação de V. Exas., e o que devo à minha própria honra e a meu próprio nome.

Peço a V. Exas. desculpas de não citar a data e a hora da notificação, mas tendo-as trazido a intimação que foi recebida em minhas linhas às sete e meia desta manhã.

Deus guarde a V. Exas. muitos anos.

A S.Exas. marechal Marquês de Caxias, coronel major Dom Henrique de Castro,
brigadeiro general Dom Juan A. Gelly y Obes.

Francisco Solano López

BIBLIOGRAFIA

Fontes

BARRETO, Mário. *A campanha Lopezguaya*. Rio de Janeiro: Jornal Português, 1933.

BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguay, pelo Coronel do Estado Maior do Exército, José Bernardino Bormann*. Curiiba: Editora Jesuíno Lopes, 1897.

CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Vol 7-8. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938.

CASCUDO, Luís da Câmara. *López do Paraguay*. 1ª Ed. Natal: Fundação Vingt- Un Rosado, 1927.

CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol 1. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956.

MARACAJU, Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguay (1867 e 1868)*. Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, 1922.

OURO PRETO, Afonso Celso de Assis Figueredo. Visconde de. *A Marinha D' Outrora*. Subsídios para a História. J. Leite, 1893.

POMER, Leon. *A Guerra do Paraguai – a grande tragédia rioplatense*. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 1981.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

Livros Didáticos

MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. 6ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.

NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil: da Colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1986.

SANTIAGO, Pedro. *Por dentro da história*. 8ª série. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

SCHIMIDT, Mário Furley. *Nova História Crítica do Brasil: 500 anos de História mal contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997.

VICENTINO, Cláudio. *Viver a História*. Ensino Fundamental. 7ª série. São Paulo: Scipione, 2002.

Historiografia

CASTRO, Celso. *Entre Caxias e Osório: a criação do culto ao patrono do exército brasileiro*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 4, nº 25, 2000.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: UNESP, 1999.

COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmoçles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1996.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

EAGLETON, Terry. Apud. JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Circulação de saberes, sociabilidades e linhagens historiográficas: dois congressos de História Nacional (1914-1949)*. In: GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. (org.). *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. Trad. de Mário Vilela. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

LINHARES, Maria Yeda (org.). BASILE, Marcello Otávio, CARDOSO, Ciro Flamarion, FRAGOSO, João Luís, MENDONÇA, Sônia Regina de, MONTEIRO, Hamilton Mattos, SILVA, Francisco C. Teixeira da. *História Geral do Brasil*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

MALERBA, Jurandir. *A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da independência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador. D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Adriana Barreto de. *Entre o mito e o homem: Caxias e a construção de uma heroicidade moderna*. In: Lócus: Revista de História, Vol. 7, nº 1. Juiz de Fora: UFJF, 2001. p. 93-19

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)